

MEMÓRIA

Edição nº 8 | junho 2025 | www.abi-bahia.org.br

DA IMPRENSA



Associação
Bahiana de
Imprensa



na comunicação

O peso do conhecimento e da experiência

ARTIGOS | Camila Augusto, Diego Oliveira e Suely Temporal

ENTREVISTAS | Cristovaldo Rodrigues, Edson Almeida, Jolivaldo Freitas,
Roberto (Bob) Fernandes e Vera Martins

ENSAIO | Antônio Saturnino

Edifício Ranulfo Oliveira

Ícone da arquitetura modernista no predominantemente barroco Centro Histórico de Salvador, o Edifício Ranulfo Oliveira, sede da Associação Bahiana de Imprensa, foi construído graças à obstinação do então presidente da ABI que deu nome à edificação e ao engajamento de toda a sociedade baiana.

A ABI investiu quase R\$ 1 milhão para modernizar as instalações elétricas e hidráulicas e para instalar sistemas de combate a incêndio e de proteção contra descargas atmosféricas. A segurança em primeiro lugar!

Até o centenário da ABI, em 2030, a modernização chegará às fachadas, incorporando tecnologias sustentáveis para recompô-las. O Ranulfo Oliveira vai chegar aos 70 com um corpinho de 30.



Palavra do Presidente

FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

Em algum momento, trataríamos do assunto. Com ironia e múltiplos sentidos, pode-se dizer que era uma questão de tempo. TEMPO, Tempo, tempo...

Se decidimos dar voz aos velhos jornalistas, seria inevitável refletir sobre o descarte da experiência como marca do jornalismo deste primeiro quarto de século XXI. O projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA acumula 53 depoimentos com os 5 desta edição, e creiam-me: o que está nas páginas desta revista é nada perto da riqueza dos testemunhos de quem fez informação virar notícia por décadas.

A chamada juniorização não é um fato somente nas redações baianas e brasileiras. Como tendência, é verdade factual da imprensa das maiores democracias do hemisfério norte e em toda parte.

O CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) contabiliza a perda de cerca de 12 mil postos de trabalho. O passarálho, amplo e geral, foi restrito no critério etário; a idade média dos demitidos no início da década: 47 anos. Era de 42 anos em 2009, segundo a Associação Brasileira de Imprensa.

Pesquisa de 2019 da Fenaj mostra que 30% dos jornalistas demitidos, naquele ano, tinham passado dos 50. Sem novas oportunidades na área, muitos anteciparam a aposentadoria proporcional e incorporaram uma redução na renda mensal pelo resto de suas vidas. Ou mudaram de profissão. Não há estatísticas baianas, mas a falta de grinalhos se vê na tela da tevê, e isso também pode ser constatado numa visita a qualquer redação.

Aos 80 anos, limitado pelo sobrepeso e por sequelas de um trauma na coluna, Edson Almeida continua batendo um bolão na crônica desportiva. Quem o acompanha nos comentários ao vivo, nas partidas de Bahia e Vitória no Brasileirão, talvez o imagine numa das cabines da Fonte Nova. No entanto, ele faz tudo de casa, vendo os jogos pela tevê, conectado à equipe da rádio por um mi-

crofone instalado no seu note. O que o mantém na ativa é a experiência de quem pisou todos os continentes cobrindo copas e grandes competições de futebol, dezenas de brasileiros, copas do Brasil, nordestões e baianões. O que mantém o “Nhêgo” vivo e de bem com a vida é o fato de estar na ativa.

O Dr. Edson Futebol Almeida está entre as exceções a confirmar o etarismo como regra a cada medição dos seus indícios, em diferentes pesquisas. O tema é sensível em todos os sentidos — não por acaso, a redundância aqui é um pleonismo. Necessário e urgente tratar disso, mas sem saudosismos ou ressentimentos.

Ainda é maioria quem aprendeu muito com os mais velhos, nas redações e em todo tipo de ambiente de trabalho. Ainda é maioria quem acabou de se aposentar e tem como perspectiva garantir uma renda segura na velhice — por mais distante que esteja do necessário para custear uma vida digna. Mas a turma 50+ já é minoria nas redações sobreviventes.

O desafio desta edição é propor uma reflexão e instigar quem nos lê, em qualquer idade, a refletir sobre o fenômeno como dado objetivo. Sem exposição de receitas de felicidade ou casos comovidos. Precisamos conversar sobre finitudes, posto que são inevitáveis.

Ousando escrever em *previdenciês*, considerando os cálculos atuariais, esta maioria jovem que lê o mundo de maneira naturalmente diferente da geração dos seus pais terá uma maioria de velhos expostos à inexistência do tal colchão de proteção social. É matemático.

Discutir sobre etarismo nas redações, hoje, é pensar sobre o Brasil de logo adiante, com base na soma das nossas vivências e expectativas. Isso precisa estar em conta na hora da pauta, da reportagem, da edição...

Parece inacreditável, mas é verdade: jornalistas também envelhecem.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO



Biaggio Talento
Editor

Apresentação

O filme “A Balada de Narayama”, que o diretor Shohei Imamura realizou em 1983, retrata uma antiga tradição de vilarejo agrícola do Japão persistente até fins do século XIX. O morador que completava 70 anos deveria subir a montanha sagrada de Narayama e lá aguardar, passivamente, a morte. Quem se recusava desonrava a família e poderia atrair maldição para o vilarejo como a quebra de safras, colocando em risco a sobrevivência da comunidade. Lá, aos 70, a pessoa era considerada improdutiva para os trabalhos agrícolas, um desrespeito paradoxal na cultura japonesa que tem entre seus pilares o respeito e reverência aos idosos.

Não chegamos ao extremo de Narayama no Brasil, mas o etarismo é um fenômeno presente nas redações em função de uma série de fatores e lendas modernas que foram sendo criadas nas empresas de comunicação, sendo a principal delas o fato de que, supostamente, a combinação perfeita para a produção jornalística é entre tecnologia e gente jovem. Aliado a isso, na cabeça de certos empresários, é mais vantajoso, financeiramente, contratar formandos imberbes saídos dos cursos de jornalismo do que manter veteranos com salários maiores. Assim, essas empresas abrem mão da qualidade e experiência apostando que o público vai continuar consumindo seu produto, o que é questionável.

Nesta 8ª edição da REVISTA MEMÓRIA DA IMPRENSA, abrimos o debate sobre o etarismo na Comunicação com artigos de especialistas sobre o tema que casam com as cinco entrevistas de veteranos do jornalismo que, ao contar suas histórias de vida, falam sobre as transformações e adaptações

quando chegaram à terceira idade. São eles o repórter policial Cristovaldo Rodrigues, o radialista e jornalista Edson Almeida e os jornalistas Jolivaldo Freitas, Roberto (Bob) Fernandes e Vera Martins. Todos viveram a fase romântica da comunicação baiana, quando as sedes dos jornais ficavam no centro de Salvador permitindo uma rica interação e troca de experiências em bares e restaurantes após os longos expedientes nas redações. Atravessaram também a ditadura com suas restrições à atividade jornalística, vivenciaram a redemocratização e o recente fenômeno da informatização. Como nos outros depoimentos registrados pela equipe da Associação Bahiana de Imprensa, os cinco da presente edição estão recheados de episódios emocionantes e engraçados.

Assim, chegamos a 53 entrevistas nesta 8ª etapa do projeto, gravadas em vídeo e com versões editadas na revista, que representam um acervo inestimável para a história da comunicação da Bahia. Por fim, o ensaio fotográfico da edição é uma homenagem póstuma a Antônio Saturnino, fotógrafo com passagens marcantes pelos principais jornais de Salvador e que nos deixou prematuramente em abril. Seu legado, em imagens, atesta a incrível qualidade do repórter fotográfico que eternizou fatos marcantes da Bahia, como os confrontos entre indígenas e policiais militares ocorridos em Porto Seguro durante a passagem dos 500 anos do Descobrimento. Satu estava lá enfrentando gás lacrimogêneo e a truculência policial para obter as melhores imagens e conseguiu o registro que virou símbolo do episódio. Lamentavelmente, é mais um companheiro que nos deixa neste 2025, marcado por muitas perdas de queridos colegas.

Sumário



Entrevistas

Cristovaldo Rodrigues	6
Edson Almeida.....	16
Jolivaldo Freitas	24
Roberto (Bob) Fernandes.....	32
Vera Martins	44

Artigos

Jornalista, empresária, mulher... e sem prazo de validade	53
<i>Camila Augusto</i>	
Etarismo no mercado de trabalho da comunicação.	55
<i>Diego Oliveira</i>	
Etarismo na comunicação: um preconceito que precisamos romper	57
<i>Suely Temporal</i>	

Ensaio Fotográfico

Antônio Saturnino	60
-------------------------	----

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI

Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florisvaldo Mattos

Coordenação de Comunicação: Joseanne Guedes

Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos

Estagário de Jornalismo: Caio Valente

Editor: Biaggio Talento

Projeto Gráfico, capa e diagramação: Bamboo Editora

Revisão: Guido Guilherme Krieger

Impressão: Gráfica JB

Tiragem: 1.500 exemplares

Distribuição Gratuita

Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

Agradecimento

Esta edição contou com as colaborações do fotógrafo Reginaldo Cruz Costa (Ipê), pelo garimpo de fotos históricas do jornalista Jolivaldo Freitas no arquivo da Tribuna da Bahia; ao editor de Fotografia do A TARDE, Xando Pereira, que pesquisou e selecionou as imagens de Antônio Saturnino usadas no ensaio fotográfico que o homenageou. A editoria de Fotografia do Correio cedeu imagens de Wanda Chase para edição especial da MEMÓRIA DE IMPRENSA sobre Patrimônio Histórico, além das fotos de Sora Maia, que integraram o ensaio “Elas Por Elas” da edição número 7 da revista. A todos, um agradecimento especial da equipe editorial.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro

Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos

Secretária: Heloisa Sampaio

Suplentes:

Wilson Midlej

Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques

1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares

2º vice-presidente: Suely Temporal

1ª secretária: Amália Casal

Diretor de Finanças: Antônio Matos

Vice-diretor de Finanças: Sara Barnuevo

Diretora de Defesa DI/DH: Mara Santana

Diretor de Cultura: Nelson Cadena

Diretor Social: Nelson José de Carvalho

Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho

Diretora de Comunicação: Jaciara Santos

Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:

Suzana Alice Pereira

Joaci Góes

Emiliano José

Suplentes:

Jolivaldo Freitas

Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:

Simone Ribeiro

Pedro Daltro

Romário Costa Gomes

Suplentes:

Valter Xéu

Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:

☎ 71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br

Secretaria:

☎ 71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br

Administrativo:

71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edif. Raulffo Oliveira,

2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia

CEP 40.020-260

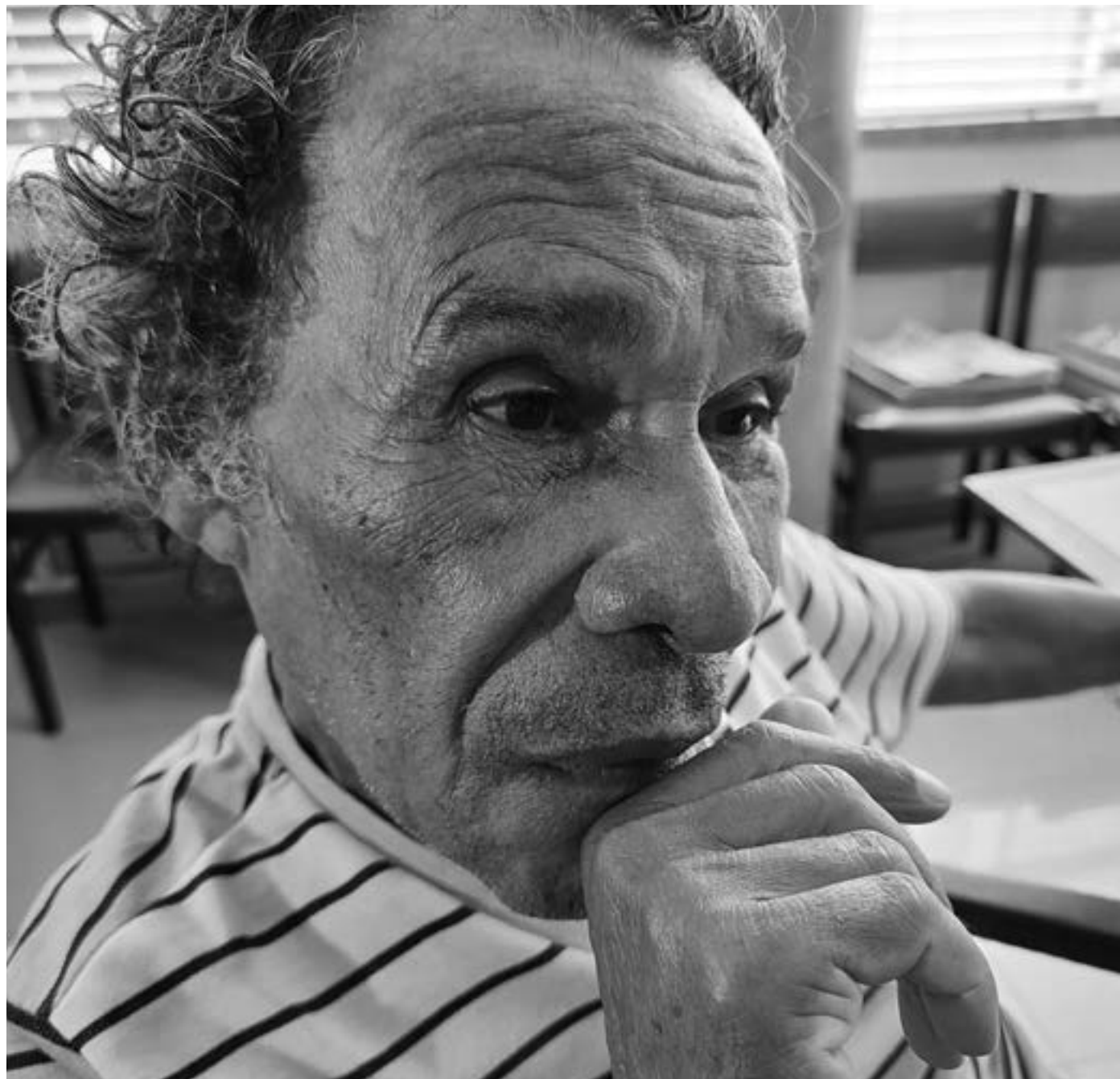


FOTO: ERNESTO MARQUES

Nos dias de hoje, o traço de personalidade para definir Cristovaldo Rodrigues seria “resiliência”. O menino que fugiu de Valença para ser jornalista em Salvador dormiu na rua, foi mascate vendendo roupas com sacola a tiracolo, até que foi trabalhar na cantina da Rádio Sociedade, no prédio dos Diários Associados, Rua Carlos Gomes. Sua curiosidade o levou a conhecer os segredos da rádio quando surgiu a oportunidade de trabalhar na redação do Diário de Notícias, onde passou um mês. Logo depois, foi convidado a

tirar um mês de férias de uma colega no jornal A Tarde. Ficou lá 37 anos. Sempre foi um repórter incansável, “ratinho de delegacia”, que não tinha hora nem dia para correr atrás das notícias policiais. Chegava primeiro às cenas de crime, antes até dos agentes da lei, acumulando furos e matérias exclusivas ao longo de sua rica trajetória. Nunca frequentou faculdade, aprendeu jornalismo na prática do dia a dia das redações. Ele conta sua história neste depoimento a Ernesto Marques, que contou com as participações de Jaciara Santos, Antônio Matos e Berna Farias.

Tinha interesse em *ser melhor do que os outros*, mostrar competência, independentemente de *não ter ido para a faculdade*’

Qual sua origem, Cristovaldo?

Sou de Valença, nasci em 1950, família de 10 irmãos, 9 vivos. Comecei trabalhando em um armazém e sempre tive tendência a ser locutor de rádio. Sempre me achei com uma voz bonita, porque fui “convencido”. Levava uma vida simples, humilde. Até que um dia fui chamado para trabalhar em um serviço de alto-falante, porque diziam que tinha uma voz muito potente. Mesmo ainda no armazém, comecei a trabalhar no serviço de alto-falante. Mas sempre tive uma tendência a trabalhar no jornal, porque dizia que seria radialista e jornalista. Dona América, minha mãe, falava assim para mim: “Você trabalha bem mal no armazém de Betinho, imagina para ser um radialista ou um locutor de rádio”. Naquela vontade, aos 16 anos, fugi de Valença, vim embora para Salvador trazido por uma pessoa que me perdeu na cidade e dormi duas noites sob uma marquise do Campo Santo. Um casal Testemunha de Jeová, coincidentemente onde [o irmão] Cristóvão Rodrigues estava morando, passou, me viu ali, na chuva, perguntou se eu queria passar uma noite na casa deles. Eu disse a mim mesmo que ia para ficar lá o tempo todo. Naquele convencimento de que seria “adotado”. Como falei, coinciden-

temente, Cristóvão Rodrigues foi criado nessa casa. Comecei a trabalhar em Salvador vendendo confecções nas costas, aquela sacola pesada. Até que um dia alguém falou a Cristóvão: “Olha, estão precisando de um menino na cantina da Rádio Sociedade”. Então ele me chamou: “Lá você começa a aprender”. Conheci [os locutores] Roberto Araújo, Ubaldo Cândia de Carvalho, Jaime Fahel, Coelho Lima, Kiaus-Kiaus, Zé Renato. Fui me entrosando com aquele pessoal até que um dia, num domingo à tarde, estava havendo uma transmissão esportiva na Fonte Nova e Cristóvão Rodrigues era um dos repórteres de pista. O pessoal que estava no plantão: Carmelito Almeida, Eurico Tavares e os irmãos Lúcio e Luciano. Levei o lanche para eles, para puxar o saco, e então eles disseram: “Está fazendo alguma coisa?”. Respondi: “Não, só vim trazer o lanche de vocês. Depois vocês pagam”. Um deles disse: “Ô menino, pega o fone, bota no ouvido dele, para ele saber o que vai fazer aqui”. Era o plantão esportivo, a gente ia copiando os resultados [dos outros jogos]. Carmelito então disse: “Você é curioso demais, pega as coisas com facilidade”. Respondi que tinha vindo do interior, atuado em serviço de alto-falante. A Rádio Sociedade já estava na Federação

e o Diário de Notícias continuou na Carlos Gomes. Um dia acharam que eu deveria ser repórter de polícia pela minha curiosidade.

Quando foi isso?

Foi naquela ocasião em que Marcelino Souto Maia matou a família [março de 1970]. Disseram na rádio: “Cristovaldo, você vai fazer essa cobertura”. Prenderam Marcelino e o levaram para a Secretaria de Segurança Pública. Então me deram um gravador, para gravar o que ele dissesse. Mas sempre fui curioso, não me conformava com as perguntas que faziam, queria fazer a minha pergunta. Levei a matéria para a [Rádio] Sociedade e o Diário de Notícias começou a pegar a minha gravação. E assim começou. Um dia, um diretor do jornal me chamou: “O Diário de Notícias quer contratar você”. Questionei: “Tudo bem. Mas como é que eu faço? Não sei nem bater na máquina.” E o diretor: “Não tem problema. Você escreve até na mão; agora, que alguém entenda o que você escreveu!”. Fui fazendo essas coisas para o Diário de Notícias. Até que conheci uma figura extraordinária chamada Heloísa Gerbasi. Trabalhava no jornal A Tarde. Nessa cobertura que a gente fazia na Secretaria de Segurança Pública, os jornalistas se reuniam no Bar Flamengo e um dia Heloísa fala assim: “A Tarde vai precisar de um repórter, porque vou sair de férias. Você quer tirar minhas férias?”. Respondi que não, porque o Diário de Notícias tinha me contratado há um mês. Ela insistiu: “Mas A Tarde, paga mais!”. Pensei, eu vou e vou ficar! Porque tudo meu era no positivismo. No A Tarde encontro o Zé Olympio da Rocha, Jehová de Carvalho, Britto Cunha, Silva Filho, “Seu Porreta”, que é Valmir Palma, José Curvello e outras feras do jornalismo naquela época. Havia também um repórter chamado Supinho [Antonio Raimundo Silveira] e Jolivaldo Freitas, fui aprendendo com esses caras. Tudo aquilo que eu os via fazer achava que estava fraco para a notícia, que deveria ser mais explorada. O repórter não ia para a delegacia de bairro naquela época, mas eu ia. Comecei a ir para poder ganhar o emprego no A Tarde. Um dia, Zé Olympio, invocado do jeito que era, gente boa “pra dedéu”, me chamou para conversar no bar Cacique. Eu, ele, Jehová de Carvalho e outros. Conte tudo com relação à minha vida, a minha dificuldade, o meu estudo, tudo isso, que nunca tive o ginásio. Tive grandes professores dentro do jornal A Tarde e no Diário de Notícias. Isso foi todo o meu aprendizado. Outro dia, Zé Olympio

A Tarde foi minha grande escola. Agora, há um detalhe que me chamou a atenção, que é uma curiosidade minha. Quando disse que ia ser jornalista do A Tarde, já vim com um salário maior do que o que ganhava no Diário de Notícias.



FOTO: ERNESTO MARQUES

se invocou, virou para Jehová e disse assim: “Vou liberar Castro, Jolivaldo e Supinho e ficar com esse menino sozinho que, só, dá conta de tudo”. Ele falou aquilo na sacanagem mesmo. Então veio a ciurada, porque passei a ser aquele repórter que trazia notícia. Tinha interesse em ser melhor do que os outros, mostrar que tinha competência, independentemente de não ter ido para a faculdade. O jornalismo estava na minha veia. Quando chegam os 30 dias, o departamento pessoal me chama para me pagar os dias de [substituição de] Heloísa. Assinei a papelada e fui pegar o dinheiro no dia seguinte. Quando vou chegando ao jornal, o doutor Jorge Calmon [diretor de redação] vai subindo a escadinha. “Quero conversar com você”, disse ele. Fui até a sala dele, que me informou: “Você vai ser contratado por A Tarde. Agora, quando A Tarde não quiser mais você, vai mandar embora”. Eu disse: “Só que não vou embora, vou trabalhar aqui sempre, até o dia que vocês quiserem”. Ele me respondeu: “Se você tem certeza, vai depender de sua competência. Competência você já mostrou que tem”. Assinaram minha carteira e, como não podia ser registrado como jornalista, me mandaram para a Delegacia Regional do Trabalho. E me registraram como jornalista, que era...

Provisionado.

Provisionado. A Tarde foi minha grande escola. Agora, há um detalhe que me chamou muito a atenção, que é uma curiosidade minha. Quando disse que ia ser jornalista do A Tarde, já vim com um salário maior do que o que ganhava no Diário de Notícias. E era mais do que todo mundo na redação que era repórter na época. Acho que ganhava CR\$ 300 no Diário e A Tarde me contratou por R\$ 400. Meu salário no jornal sempre

foi diferenciado dos outros repórteres. No que eu dava mais trabalho, é que nunca fui aquele de fazer texto, porque, naquela época, a gente pegava a notícia, entregava para o editor redigir minha matéria. Uma das histórias que levei foi a de um garoto que morreu afogado em Alagados. Quando chego lá, fui perguntando como ele tinha morrido. Uma mulher me chamou: “Vou lhe contar um negócio. O senhor é repórter?”. Eu disse: “Não, senhora! Sou da polícia.” E ela: “Essa criança morreu porque todo dia saía para brincar com a sombra dela e eu disse à mãe dela que ela ia morrer”. Quando a maré enchia, o sol batia o reflexo por debaixo da palafita e a criança ia brincar com a sombra. Quando cheguei ao jornal com essa notícia, Jehová de Carvalho fez essa matéria e mandou até para a UPI [United Press International]. Ganhei um dinheiro, Dr. Jorge mandou me gratificar. Zé Olympio dizia assim: “Esse menino é fora de série, ele entra na lama, vai e pega o caramujo!”. Assim galguei posição no jornal A Tarde. E lá fiquei por 37 anos.

Quando você saiu?

Saí depois que chegou [o jornalista] Ricardo Mendes para ser meu chefe no jornal. Ele não tinha muita simpatia comigo, porque, quando ele era repórter da TV Bahia, chegava ao local de um fato e eu já estava lá, chegava primeiro, antes da polícia. E ele tinha de pegar informação comigo. Sempre foi assim. Quando Ricardo Noblat [que comandou uma reforma editorial do A Tarde em 2003] chegou ao jornal, disseram a ele: “Esse menino aqui não sabe muito escrever não”. Noblat disse: “Não quero saber se ele não sabe escrever, quero saber se ele é jornalista, se ele é bom repórter, me disseram tudo dele. Não escreve? Alguém escreve por

Obra inacabada? Conta pro TCE.



Procure a Ouvidoria do TCE e faça a sua denúncia pelos canais de atendimento ou presencial, no CAB, em Salvador. A denúncia pode ser identificada ou anônima. O TCE vai apurar tudo e, caso se confirme a irregularidade, abrir uma investigação. Participe, denuncie. Com transparência, eficiência e controle dos recursos públicos, a gente transforma a vida das pessoas.

De olho nas contas, o serviço público melhora.

tce.ba.gov.br



TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DA BAHIA

ele!”. E assim peguei Noblat, figura que gostava muito de mim, muito pelo que eu fazia, pelo que produzia. Então foi havendo a modificação [na redação], peguei uma figura como editor de polícia, Neomar Cidade, figuraça. Todo mundo, quando me via, gostava de mim, pela minha maneira de conversar, pela minha maneira educada. Depois veio Luiz Eduardo Dórea, outra figuraça! Peguei também Alberto Miranda e aquela figura extraordinária, Vicente de Paula.

E Erival?

Erival Guimarães! O cara que disputava comigo matéria sobre os assassinatos no jogo do bicho. E uma figura extraordinária também. E sempre assim, eu levando minha vida na reportagem de polícia. Um dia chegou alguém ao aeroporto, não havia repórter, só eu para fazer a matéria de economia. Essa pessoa chegou, a imprensa toda lá. E eu, escrevendo o que o cara respondia, disse: “Falta a minha pergunta”. Fiz a pergunta. Sempre aquela pergunta decisiva do jornalista policial. O cara me respondeu. Cheguei à redação às 10 horas da noite, mostrei e tal, o editor: “Putá que pariu! Todo mundo tem isso?”. Todo mundo tem. Publicou, matéria boa, legal, todo mundo gostou. Sempre atuei na reportagem de polícia, aqui na Piedade, tive o prazer de pegar o secretário de Segurança Pública coronel Durval, depois, Dantas Bião. Depois peguei o coronel Arthur...

Luiz Arthur de Carvalho.

Luiz Arthur de Carvalho, que saiu da Federal e veio para cá. Foi ele que me deu uma trancada, dizendo que ia me processar, porque eu disse que nunca havia visto um cara se suicidar com um tiro nas costas. Aquela morte do genro de ACM.

Era Juca Valente, genro de ACM.

Isso. Chego de manhã ao jornal, e vem a notícia de que alguém tinha suicidado, se não me engano na Ladeira da Barra. Fiz a matéria. Eu batia do jeito que sabia e lá alguém consertava. Estouro! Todo mundo deu, mas o A Tarde tinha mais aquela coisa do cuida-

Há um caso emblemático, o maqueiro do hospital, flagrado fazendo sexo com a menina que havia morrido, caindo de uma moto. Jorge Calmon disse: “Esse jornal a dona Regina não leva para casa”.

do dos dados. Depois fui saber quem era a pessoa, e no dia seguinte a gente vai fazer a suíte da matéria. Não havia mais suíte. Morreu.

Você detonou tudo na primeira matéria?

Morreu. Ia para onde mais?

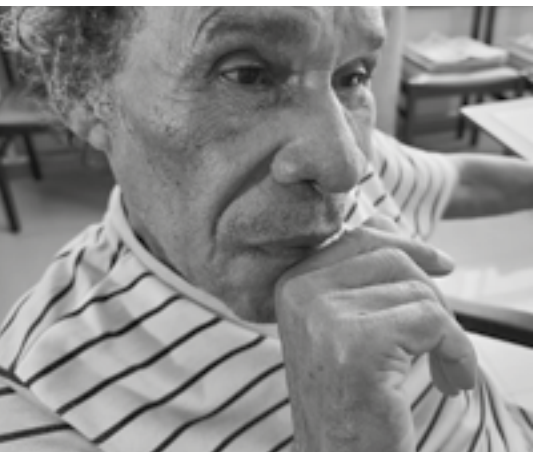
Mas quando o Luiz Arthur tentou processá-lo...

Quando chego à Secretaria de Segurança para saber o resultado, disseram: “O secretário vai dar uma coletiva agora”. Luiz Arthur era muito grosso. Falava firme: “Quem fez a matéria do jornal A Tarde?”. Respondi: “Eul”. E ele: “Você prova aquilo que você colocou no jornal?”. Respondi: “Não provo, mas eu vi o corpo! Não tenho mais o que dizer.” Pensei que a imprensa cobriria. Que imprensa cobriu nada? Ali morreu. Praticamente morreu. É bom você ter lembrado. Juca Valente. Tinha um histórico de briga de casal, aquela história toda. Foi um caso a mais, na minha vida, que teve uma repercussão muito grande.

Falta acrescentar: a figura central do assassinato de Juca era Manoel Quadros?

Isso. Ele, o filho, o Carlinhos, o Augêncio, Alderico. Então, houve essa série de fatos que, naquela época, chamavam muito a atenção. Eu dizia, para trabalhar no jornal A Tarde, tem de ter *know-how*. Pegava os grandes casos na Secretaria de Segurança Pública. Por exemplo, Matota [José Maurino] e Marata [Maria Nilza], em que o cara matou sete crianças [foram

▼ Cristovaldo contando sua trajetória na sede da ABI, com os amigos Matos, Jaciara e Berna.



FOTOS: ERNESTO MARQUES



FOTOS: ERNESTO MARQUES

oito as vítimas], se eu não me engano, jogou no mar, que era para [ritual de] purificação da alma dele e da mulher [fato ocorrido em 1977].

Inclusive os filhos.

Isso, se não me engano, foi na Praia do Flamengo [os corpos foram resgatados entre as praias de Ipitanga e Stella Maris]. E aquela matéria, por incrível que pareça, só quem deu fui eu sozinho, na primeira. Porque nunca dormi. Para mim, a notícia acontece a qualquer hora. Então, o policial sempre chamava Cristovaldo para dizer assim: “Aconteceu isso”. E me dizia. Nós fizemos essa matéria até que prenderam Matota e Marata. Isso foi uma confusão tão grande na Secretaria de Segurança Pública, quando esse casal chegou preso, numa tarde ensolarada. Chamou a atenção da imprensa do Brasil. Aqui havia O Globo, Jornal do Brasil. Eu era muito explorado por alguns repórteres da época, porque eu dava tudo. O que eu fazia com os colegas lá na secretaria? Batia tudo o que pegava e dava uma cópia para cada um. Até que um dia tive chamada a minha atenção por Neomar Cidade: “Ô rapaz, você está trabalhando no A Tarde!”.

Como era essa relação entre o repórter Cristovaldo e o policial? E se o policial cometesse algum tipo de infração, como é que ficaria essa relação entre você e ele?

Sempre tive uma boa relação, apesar de desempregar algumas pessoas, alguns agentes desempreguei, porque eu ia na veia e nunca fui covarde, apesar do meu tamanho. Por exemplo, havia o Geraldo Muti, que era meu amigo, mas quando ele enfrentou a bronca da morte do tal de Galeguinho, que ficava dentro da delegacia, quem deu a matéria primeiro fui eu! Há um caso mais emblemático que já vi, o do maqueiro do Hospital Getúlio Vargas, flagrado fazendo sexo com a menina que havia morrido na [Rua] Carlos Gomes, caindo de uma moto. Essa matéria foi minha, exclusiva. Jorge Calmon disse: “Esse jornal a dona Regina não leva para casa não, leva para

Paris”. A manchete foi do Zé Olympio: “Maqueiro do Hospital Getúlio Vargas flagrado fazendo sexo com um cadáver”. De manhã, Dr. Jorge manda me buscar para saber como. Conteí toda a história. A Secretaria de Saúde do Estado abriria um processo contra mim. No Getúlio Vargas, a diretoria me chamou: “Você deu uma matéria muito grave, isso afetou toda a estrutura do governo do Estado. E a gente quer saber quem lhe deu a informação”. Eu disse: “Só tenho de provar uma coisa: a minha palavra. E vou dizer como estava o cadáver”. Então desenho. Continuei: “Se o senhor me processar, me processe. Agora, na perna da menina tinha esperma. Não trago a foto para o senhor, porque a pessoa não me entregou a foto ainda, senão ia mostrar onde estava a calcinha da menina, o esperma nas coxas dela e tudo. E onde estava a maca. Quem me disse foi um policial”. Como tinham de processar o jornal e não o jornalista, morreu. E Cristovaldo saiu com mais uma vitória. Sempre fui chato, me chamavam de ratinho de delegacia. Quando havia essas entrevistas na Secretaria de Segurança, os repórteres, a televisão, metendo o microfone na boca do cara, aquela agonia, tal, fotógrafo... Quando todo mundo saía com aquela agonia toda, então era hora de minha matéria. Ia ao policial e dizia que não tinha ouvido nada, precisava conversar com o preso rapidamente. Obtinha entrevista exclusiva. Duas ou três vezes fui chamado à direção do jornal, porque a matéria do A Tarde era diferente das dos outros. “Pô, Cristovaldo, alguma coisa está errada! São três jornais dando uma matéria assim, e você está dando assim?” Eu disse: “Faça o seguinte: me demita e chame os três jornais que fizeram a matéria!”. Quando eu chegava à Secretaria de Segurança, os caras: “Cê deu tudo errado!”. Então o delegado: “Ele deu tudo certo. Vocês que são apressados. Ele ficou sozinho com o preso!”.

Importante cultivar as fontes.

Valmir Palma, [o] “Seu Porreta”, gostava muito de mim e falava assim. “Quando o policial disser a você ‘não divulgue’, não divulgue, porque ele só vai informar a

“você, porque você é de confiança”. Isso sempre fiz. Quando o policial me encontrava, dizia: “Liberou geral”. E eu divulgava a matéria com exclusividade. Vou contar uma: roubaram as imagens da igreja perto da Secretaria de Segurança Pública. Chego à delegacia no domingo, está o padre revistando aqueles que roubaram as imagens da igreja. Começaram a fazer [boletim de ocorrência], bater cópias na máquina. Havia três cópias. Uma ia para o delegado titular, a outra não sei para onde, outra para o arquivo. Eu não mandava ninguém chegar atrasado. Pegava as cópias, escondia e levava a minha. Então dava a matéria sozinho. Dizia sempre ao policial: “Depois eu trago”. E ele: “Rapaz, isso é compromisso, isso é um documento”. Para não perder tempo, ele me dava a cópia, eu chegava ao jornal, fazia matéria, segunda-feira jogava a cópia na gaveta, sem ninguém perceber. Então dizia: “Olha, a cópia que estavam procurando está aqui, na cara de vocês!”. Eu já tinha jogado lá.

Que horas chegava ao jornal?

Sempre saía cedo de casa, porque sabia que os fatos normalmente aconteciam de madrugada. Muitas vezes chegava antes da polícia e passava os dados para os agentes. Sempre tive aquela coisa de aguçar a curiosidade. Quando chegava ao local, eu não queria o carro do jornal perto e não chegava com o papel na mão nem fotógrafo se exibindo, fazendo foto de todo mundo. Mas quando ia para a redação, ligava para o policial antes de ele sair do plantão, porque quando você chega à delegacia, o policial que entrou não sabe de nada nem quer saber dos casos do plantão anterior. Como eu acordava cedo, acontecia que os policiais me passavam todas as informações antes de ir para casa. E havia policiais que iam lá em casa de viatura, o que eu não queria era viatura na porta. Eles paravam a viatura distante e me chamavam. Agora, há um detalhe, nunca peguei carona de um policial, porque tinha medo. O único policial de que eu tinha certeza que nunca faria nada comigo era Arlindo Portela, o Portelinha [Arlindo era pai de Paulo Portela, este conhecido como Portelinha.]

Aconteceu algum caso de você se enganar com o suspeito e depois você ver que realmente o cara era culpado?

Não. Lembro-me de um caso muito interessante, quando o Bahia foi campeão nacional em cima do Internacional de Porto Alegre. Um rapaz, comemorando a vitória do Bahia na Boca do Rio, se excedeu na bebida e tal, pegaram esse rapaz e o mataram no CIA. O delegado era [José] Magalhães. Acharam o corpo, prenderam dois suspeitos que levaram a vítima numa caminhonete. Pergunto a Magalhães sobre o caso e ele diz que tem uma suspeita. Suspeita é uma coisa, o cara confessar é outra. Questionei se ele tinha mandado lavar a caminhonete. Disseram: “Sim!”. Subi na caminhonete e disse: “Essa caminhonete tem areia lá do CIA. Bora levar para a perícia!”. A perícia

encontrou sangue debaixo da talisca, o sangue do cara. Bateu, crime elucidado. Magalhães fez questão de dizer que fui eu que elucidei.

Alguma vez você sentiu medo fazendo alguma matéria? Ou em situação de perigo?

Uma vez, na Fazenda Grande do Retiro, um tiroteio que houve lá. Se saio na hora, quem ia ser baleado era eu. Uma operação na Fazenda Grande do Retiro. Havia muitos policiais. Naquela confusão, muita gente correndo para dentro de casa e tal. Na hora em que saio de uma casa para cruzar para a rua, o pau cantou. Só ouvi o cara gritar: “Se deita, se deita!”.

Houve uma época em que era Cristovaldo no A Tarde, Moacir Ribeiro no Jornal da Bahia, Dominginho Souza na Tribuna e Erival Guimarães no Correio. Como era essa relação dos quatro grandes repórteres?

Aquele com quem eu mais me batia melhor era Erival. Cara legal e tal, me botou em um esparro danado. Esse caso é interessante, porque morreu um cara na Fazenda Grande do Retiro e a Tribuna da Bahia [jornal que Erival trabalhava na época] acho que foi com uma Kombi; então a gente vai fazer a matéria lá. Propus: “Vamos à casa do cara?”. Ninguém sabia que ele tinha sido assassinado. Quando chego à casa do cara, eu, gaiatinho, entrei. Perguntei: “Boa noite, é aqui que mora fulano de tal que mataram ali?”. A mulher desmaiou, começou a gritar dentro de casa. Todo mundo sabia, mas queria ver uma maneira de dizer à mulher que o cara tinha sido assassinado às 14 horas durante um jogo de dominó. Eu, pensando que todo mundo sabia, fui dar a notícia. Erival entra na Kombi e leva com a porta lateral aberta. Só deu para me jogar na Kombi. Rolei minha canela toda, a Kombi arrastou e os caras atrás. A gente passa por esses casos; agora, medo mesmo, nunca tive. Houve um fato também no Engenho Velho da Federação que foi interessante. A gente vai fazer a matéria e lá também já havia aquele grupinho do qual a imprensa não chegava perto. Três caras no passeio, conversando. Um pergunta: “Vai descer aí para quê?”. Eu disse que era primo do pai do garoto que foi baleado lá embaixo. Conversei com a mãe do garoto, me contaram tudo; subo, vai descendo um carro da TV Aratu e alguém disse: “Aí, Cris, tudo bem?”. Os três caras se levantaram, todos os três armados, viraram para o carro e disseram: “Imprensa não vai descer”. Eu disse: “Graças a Deus que não sou imprensa”. Fui embora, eles não deixaram o pessoal descer.

Chegou a ser ameaçado por bandido?

Nunca fui ameaçado por delinquente. No dia em que o cara tentou me assaltar, na passarela do Iguatemi, meteu uma faca em mim, me reconheceu e desistiu. Outra situação: fui comprar um remédio na Farmácia Santana, na Ladeira da Praça. Os bandidos me assaltaram. E um deles, um ladrão chamado Rodolfo Scott,

me liberou. Agora, ameaçado, aquela coisa assim, ameaça mesmo, assim, direto para mim, não. Já tive policiais e delegados grosseiros comigo, que pensei que iam me agredir. Havia um delegado chamado Jorge, um baixinho. Trabalhava na Furtos e Roubos chegou a me ameaçar. Então reclamei com o delegado titular.

No caso da cobertura policial, havia colega que às vezes terminava se comportando mais como policial do que como jornalista? Você conviveu com isso?

Houve um colega nosso que chegava até a bater no delinquente. Daquilo eu não gostava. Policial agredindo também, comigo presente, não. Vi bandido no pau-de-arara. Algumas vezes, eu disse: “Pode tirar. Bater no bandido amarrado não bata, que vou divulgar”. E divulguei.

Havia uma figura que virou empresário do entretenimento e tinha amizade com gente da polícia, com gente da imprensa, da alta sociedade: Raimundo Ravengar!

Fui fazer matéria com Raimundão na casa dele, no Arraial do Retiro quando o prenderam. Não o conhecia. Sabia, sim, que havia alguns repórteres que pegavam cocaína. Antes dessa prisão, um dia foram me apresentar a Ravengar. Ele começou a me propor [suborno]. “Não vendo minha dignidade pela minha



Sempre saía cedo de casa, porque sabia que os fatos normalmente aconteciam de madrugada. Muitas vezes chegava antes da polícia e passava os dados para os agentes. Sempre tive aquela coisa de aguçar a curiosidade. Quando chegava ao local, eu não queria o carro do jornal perto e não chegava com o papel na mão nem fotógrafo se exibindo, fazendo foto de todo mundo.

liberdade. Não!, eu disse.” Deixou o envelope na mão do cara. E ele: “Cris, vamos ao cinema e tal? Tem um negócio ali para te entregar!”. Respondi: “Não, não vou receber. Pela minha índole, não. Você pode até dizer a ele que me deu, agora não aceito, não quero. Porque, acima de tudo, tenho família, tenho dignidade”. Até o dia em que prenderam Ravengar e fui lá, à casa dele, fiz a entrevista, me contou tudo, mentira pra caralho. Então o delegado Itamir Casal me deu todo o apanhado da vida dele. Contou que muita gente ia buscar cocaína. Nunca citei o nome de ninguém, inclusive quatro do Jornal A Tarde.

Você saiu do A Tarde exatamente por quê?

Porque me aposentei. Houve um detalhe no jornal A Tarde que me levou a me aposentar, porque, além de já ter tempo de me aposentar, eu tinha um salário superior até ao do repórter classe A. Por que o meu salário era mais alto? Por causa das três horas extras que eles não puderam cortar e ninguém queria admitir. Mas saí também por causa do Ricardo [Mendes]. Quando eu chegava ao jornal de manhã, ele já estava lá e me chamava: “Cristovaldo, já vai sair? Tem ideia do que vai ser a matéria?”. E eu: “Não sei, não aconteceu! Vou ver a notícia!”. Um dia, chego ao jornal, já tinha havido essa confusão por causa do meu salário, ele me chamou, me abraçou: “Olha, Cristovaldo, já está na hora de você se aposentar”. Perguntei: “Já? Quando?”. Ele respondeu: “Quando você quiser!”. Eu: “Um momentinho.” Liguei para [a esposa] Dona Romilda: “Olha, estou lhe comunicando que já estou indo embora, viu? Já estou me aposentando.” E ela: “Peraí rapaz, não é assim não! Calma! Baixe sua bola aí!”. Mandaram para um lado, mandaram para o outro, mandaram para lá, mandaram para cá, e pronto. Eles me deram uma carta, o Departamento Pessoal me chamou, tudo bem. Não era para me aposentar? Pronto, me aposentaram. Com 37 anos de jornal A Tarde; entrei, se eu não me engano, com 18 anos.

Quando mesmo que você saiu do A Tarde?

Setembro de 2006.

Acha que estava na hora?

Estava doido para ir embora porque o jornal ia fechar. Eu vendo que o jornal estava definhando, definhando. Digo, vai fechar o jornal e não vou receber, como muita gente ficou sem receber. Há gente que até hoje é uma luta para receber o dinheiro do jornal A Tarde!

Mas acha que estava na hora pela condição do jornal ou a sua condição?

Para mim, já estava bom, porque já estava me saturando, sabe? Aquela coisa de eu ir todo dia e encontrar com cada cara chato, retado...

Fale um pouquinho do que você se lembra da redação do Diário de Notícias.

A redação era uma redação longa. Máquina aqui, má-

quina aqui. Era muita gente que trabalhava. Que ali mesmo tinha os cavaletes para os meninos fazerem a correção das matérias, havia um corredor enorme. Na lateral descia-se para a oficina, que é onde alcancei [o sistema de impressão] Linotipo, onde [o compositor] Batatinha trabalhava naquela porra quente para fazer o chumbo. E no prédio havia a Rádio Sociedade também. Houve uma interessante da Rádio Sociedade. Eu, doido para trabalhar e havia um cara que fazia programa de Carnaval, acho que era Roberto Araújo. Havia lá uma luz na porta do estúdio com o aviso “No ar”. O rapaz disse: “Quando apagar, pode entrar porque o locutor parou de falar”. Quando ele sai, pergunta o que estou fazendo ali. Disse que era irmão de Cristóvão, fui ver o programa. No que ele empurra a porta, começou dar risada. Para mim, havia gente no estúdio. Quando entrei, ele fala: “E agora também, todo fantasiado, esse veio de Valença, irmão de Cristóvão”. Mandou-me sentar: “Vou falar com você para você dizer como é que está o Carnaval!”. E eu: “Mas que Carnaval?”. Ele explicou: “Não, você tem de dizer alguma coisa, que você entrou no estúdio, está no Carnaval!”

O que você acha dessas diligências que hoje nossos colegas acompanham na televisão...

“Zé, é tiro, Zé!”. Peraí, você nunca viu na televisão mostrarem os caras trocando tiro. Você vê esses programas policiaiscos, não vê um tiro!

E os casos em que o suspeito baleado, foi “socorrido” para o pronto-socorro?

O cara já chegou morto há 30 horas! Isso é assim. A imprensa esperando e os caras [policiais]: “Está vivo, porra, socorre! O cara está vivo!”. Está morto há 30 horas. Ou então, foi buscar o cadáver de madrugada, não achou, achou de manhã e botou lá [no boletim]: “Está vivo, chegou morto”. Em algumas diligências cheguei a ir. Agora, nunca quis servir de negociador, só fiz uma vez na penitenciária, porque uma mulher exigiu que o filho só conversasse comigo. Ela disse: “Porque o repórter é sério”. Os presos estavam tendo acesso direto ao telefone da diretoria lá na penitenciária, e o cara: “Só converso com o jornalista Cristovaldo!”. Tanto assim que entrei sozinho e a imprensa ficou com ciúme.

Há algum fotógrafo com quem você se entendia ou qualquer fotógrafo já servia?

Fiz grandes matérias com o Luciano da Mata! Com Manu Dias. Com o finado Reis. A gente já combinava. O carro ficava distante. Ele vinha com a máquina mais ou menos debaixo do braço. Eu não gostava, sempre dizia: “Lá a barra é um pouco pesada. Não exponha muito a máquina.” Todos legais, todos colaboraram comigo, todos diziam: “Baixinho, [havendo] alguma coisa, diga, viu?”. Agora, havia outro fotógrafo que fazia a foto dele e ia para dentro do carro dormir! E eu: “Ó...Faz isso comigo não, eu estou lá sozinho”.

E os episódios de bebedeira?

Cheguei lá, na [Ladeira da] Montanha, acho que era o [bar do] China, não deixaram entrar. Quem me levou para lá foi Armando Mariani. Outra turma: Sílvio Mendes, Cristóvão, Osvaldo Júnior, Osvaldo Barreto, todo mundo ia para lá. Então Jaime Cordeiro botou o bar aqui. Eu ia, morando na casa de Testemunha de Jeová. Puta que pariu! Chegava de madrugada, rapaz. Às vezes ia dormir na rádio. Então, comecei a tomar umas duas, porque não bebia, comecei a beber com esses caras. Cordeiro não me deixava ir, porque sempre o Juizado de Menores estava por lá “perturbando”.

Agora, além de farra, além do reggae, encontrava notícias também?

Ah, lá encontrava. O cara que correu, não pagou a mulher, a mulher tomou a roupa e ele só saía de cueca. O pessoal no Meia Trêz correndo atrás dos caras. Isso vi muito sim. E o ponto que a gente mais frequentou, o Cacique, legal demais. Havia um balcão do lado de fora, em que a imprensa normalmente não entrava, os jornalistas ficavam do lado de cá, porque qualquer coisa eles chamavam lá de cima [do prédio do A Tarde] e a gente ia correndo. Naquela época, a gente não via maconha, não via cocaína, não via nada. Todo mundo na cara lisa mesmo, só água. Levava o coquinho, o coco já com a cachaça preparada, né? Porque havia um almoço e eu não bebia, assim, a cachaça. Hoje que tomo, adoro uma erva-doce. Mas sempre foi assim, legal pra caramba. Também, se eu disser que fiz alguma coisa com alguma mulher, é mentira. Eu já ia com medo.

Mesmo sem frequentar faculdade você fez palestras em cursos de Jornalismo.

Quando me chamaram para fazer palestra numa faculdade da Federação, Berbert de Castro também foi. Avisou que ia levar “um menino muito bom, da área policial”. O professor me apresentou: “O jovem aqui nunca esteve na escola de jornalismo, vai dar uma lição para todo mundo aqui, inclusive para mim”. Então me exploraram. Perguntaram como era, como não era, se fazer futebol era a mesma coisa que fazer polícia, política, você vai entrevistar o delinquente, você vai entrevistar o governador, o prefeito, o deputado, você só muda um personagem e você faz o texto aqui dentro daquilo que você vai fazer e tal. Os caras adoraram. Fui fazer palestra também na FTC da Paralela, levei até a minha família, porque os caras foram me pegar em casa, foi uma coisa assim maravilhosa. A turma de pé! Minha mulher e meu filho choraram de emoção. É por isso que digo como diz [o presidente] Lula: só tenho a quinta série. Naquela época, a gente estudava naquele livro chamado Admissão. Era um livro grosso. Naquilo ali eu aprendi tudo. Da ciência, da contabilidade, tudo aprendi ali. Jornalismo aprendi nas redações e é esse jornalista que tem o prazer de estar aqui com vocês. ■

Acha
difícil começar
a vender na internet?

SAI DO
ACHA

Quer ver seu negócio
bombando na
internet, mas não
sabe como? Pois agora
você tem o caminho.

VEM PRO
SEBRAE

Com o apoio do Sebrae,
você tem tudo para melhorar
sua presença no digital, por
meio de cursos, consultorias,
conteúdos e mais.

SEBRAE

Fale com a gente,
ligue para 0800 570 0800
ou acesse sebrae.com.br

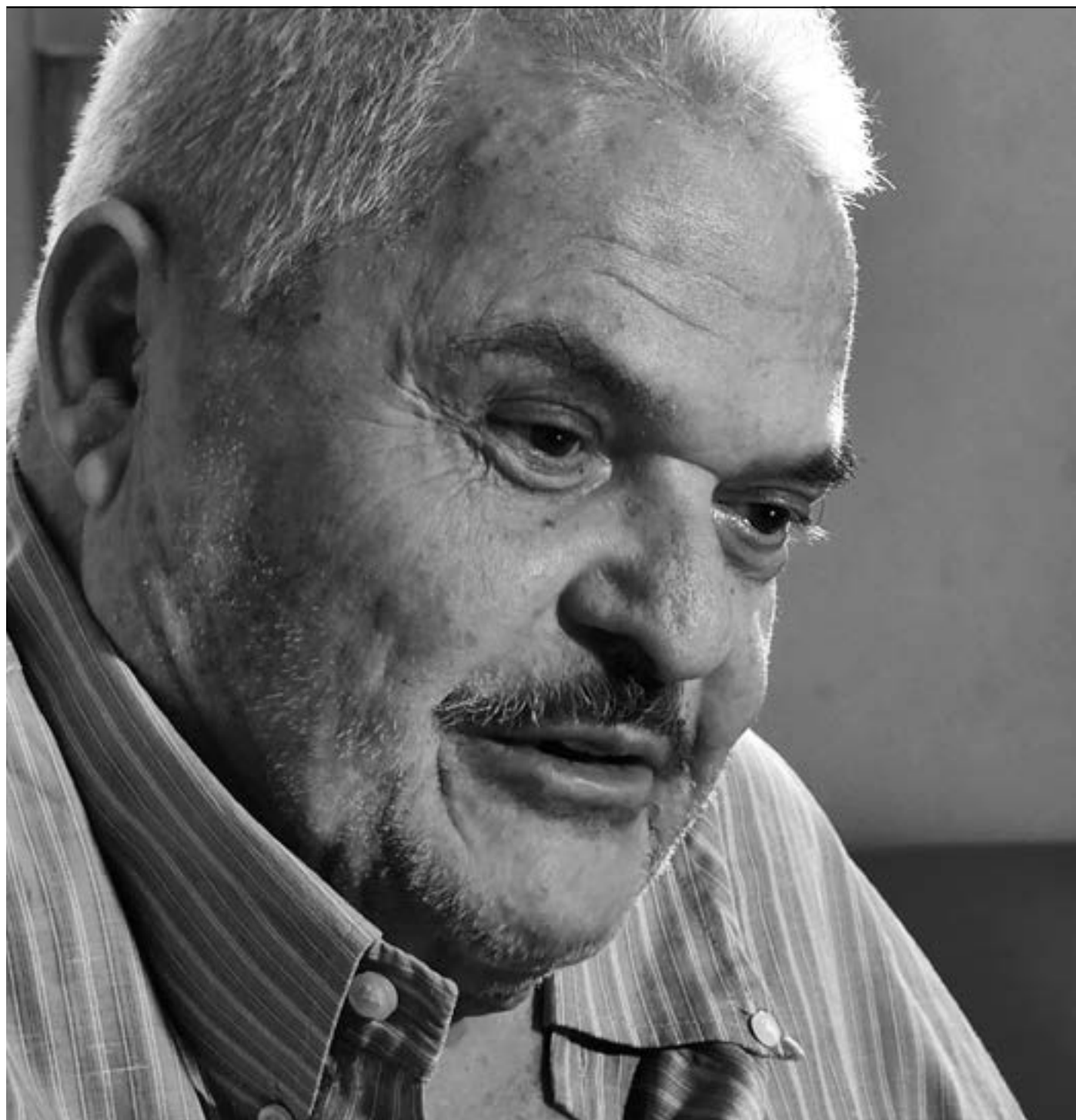


FOTO: ERNESTO MARQUES

Edson Almeida

‘o futebol é a cultura do povo com bola no pé’

Onde você nasceu, como começou sua vida na escola, em que momento encontrou o jornalismo?

Meu pai era agricultor, tinha uma fazendinha entre os municípios de Ilhéus e Itabuna, mas sou de Uruçuca. Tenho 80 anos, nasci no dia 25 de abril, de 1945. Aos 15, 16 anos, estudava em Itabuna, já começando o colegial, e apareceu um concurso na Rádio Clube de Itabuna para comentarista esportivo. Como gostava de futebol e na época tinha uma tendência para imitar [o cronista carioca] Rui Porto, apareci na rádio. Eram 32 candidatos, e passei. Os proprietários da rádio acharam que eu levava jeito. No domingo seguinte, fui para o estádio da Desportiva. Comentei o jogo e, no outro dia, tive de deixar a loja de Vicente Ramos de Almeida, onde trabalhava embrulhando tecidos. Quando cheguei lá, me chamaram e disseram: “Você vai ter de decidir entre ser radialista ou balconista da loja.” Respondi: “Radialista”. E fui para casa. Só que o primeiro mês na rádio era experiência, não me pagaram. No segundo, não me pagaram, no terceiro também. Só foram me pagar lá pelo quinto mês. Naquela época, o salário-mínimo era de CR\$ 5 mil. Que hoje deve ser uma insignificância.

Nessa época conheceu o jornal?

Dez meses depois, comecei a fazer uma coluna no jornal Intransigente. Usava uma máquina datilográfica antiga. Havia um linotipista, o cara ia pegar lá aqueles moldes para fazer [a composição das páginas]. Comecei a me interessar naquele momento. Então fui servir

o Exército no Tiro de Guerra. Depois, um belo dia, minha mãe diz: “Tem um senhor com um carrão na porta aqui de casa, atrás de você. Você andou fazendo coisa errada?”. Respondi: “Não”. Era [o empresário] José Oduque, perguntando se eu queria tomar conta da rádio dele. “Quanto o senhor me paga?”, perguntei. Ele disse: “X”. Que era mais ou menos seis vezes o salário que ganhava na outra emissora. Respondi: “Vou sim!”. Começamos a fazer uma rádio clube, que o pessoal lá chama “Rádio Clube Miniatura do Interior”, porque tinha tudo como na Rádio Clube que botava noticiário de hora em hora: um programa de Norma de Assis pela manhã, ao meio-dia entrava um jornal político, havia também um jornal policial. E eu fazia tudo parecido. Oduque me mandou para o Rio de Janeiro fazer um curso de extensão dentro da Rádio Globo. Foi lá que conheci o Sérgio Araújo. Ele gravou a abertura das nossas resenhas. E disse: “Vou dar um título à resenha de vocês: ‘O Esporte em Primeiro Lugar!’”. Então Rui Porto e Jorge Cury gravaram comentários. E me enturmei, levei quatro meses lá. Quando voltei para Itabuna, já tinha uma certa autonomia. E essa equipe que se formou em Itabuna tinha Armando Oliveira, que fui buscar em Ilhéus, Djalma Costa Lino, Orlando Cardoso, Geraldo Santos, Paulo Kruschewsky. A gente transmitia assim: quando chegava o domingo, uma equipe em Ilhéus, a outra em Itabuna, porque havia o torneio Ilhéus-Itabuna. Então começamos a galgar. Um belo dia, tive um convite de Zé Athayde para vir para a capital. Ele disse: “Chega

Edson Almeida foi um dos principais personagens da época áurea do rádio esportivo baiano, quando o campeonato estadual enchia os estádios e os dois times principais de futebol, Bahia e Vitória, começaram a se destacar no cenário nacional a partir dos anos 70. Iniciou sua trajetória na Rádio Clube de Itabuna e, no final da década de 60, a convite do radialista José Athayde, mudou-se para Salvador, trabalhando na Excelsior e estudando Administração de Empresas. Junto com Armando Oliveira, formou a dupla de comentaristas esportivos

mais respeitada do rádio baiano. Cobriu várias copas do mundo. Trabalhou também no papel, passando pelas redações do Diário de Notícias e Jornal da Bahia. Edson foi o primeiro assessor de imprensa de um clube profissional do estado, o Vitória. Atuou como redator publicitário, fez assessoria para políticos e trabalhou no Tribunal de Contas dos Municípios. Aos 80 anos, ainda tem pique para atuar como comentarista da Rádio Itapoan. Seu depoimento foi colhido por Ernesto Marques e contou com as participações de Jaciara Santos, Antônio Matos e Luiz Britto.

aqui, você faz um vestibular. De que você quer?”. Respondi: “Acho que gosto mais de Administração de Empresas.” Athayde me anunciou na rádio [Excelsior], com o comentarista titular Souza Durão, e eu fiquei no segundo plano.

Estava com quantos anos?

De 23 para 24 anos, aqui em Salvador. Comecei a trabalhar, fiz o vestibular da Escola de Administração, passei; quando é um belo dia, eu estudando e trabalhando na Rádio Excelsior, Ivan Pedro me chamou: “Quer trabalhar com a gente? Soube que você tem um texto razoável”. Quando chego lá, ele estava escrevendo umas coisas, e dei um pitaco: “Senta esta bunda aqui e pode escrever que quero ver!”. Comecei a fazer a matéria, quando foi no outro dia, Valfredo Gerardi, diz que Ivan Pedro queria conversar comigo. Naquele tempo não havia nada de Recursos Humanos, era Setor de Pessoal. Quando cheguei lá, me informaram: “O senhor está contratado. Vai fazer uma crônica diária e escrever o material que Martinho Lélis e Pitágoras Santos trazem. Como eles não escrevem bem, você vai escrever as notícias de Bahia e Vitória”.

Que veículo era esse?

Diário de Notícias, na Rua Carlos Gomes, 57. Depois, já estava realmente “taludo” lá dentro, criando o meu *status* de crítico mesmo. Então Ivan Pedro falou: “Você vai agora para a televisão. Fazer o programa ‘Campo dos Cinco’, à noite comigo”. Éramos eu, ele, depois entrou o Milton Collen e fiquei lá. Pouco tempo depois, o jornal tinha dificuldades de pagar a gente. Athayde saiu da Excelsior e foi para a Rádio Cruzeiro e me disse: “Sei que você está sem receber salário nos Diários Associados. Se você quiser ir com a gente, você vai. E nós já estamos de braços abertos para lhe dar lá a posição de comentarista”. Então, fui para a Cruzeiro. Num belo dia, Athayde deixou a Cruzeiro. Estou desempregado outra vez! Já fazia estágio na administração de uma fábrica de tecidos na região onde fica o Hospital de Irmã Dulce e fui chamado novamente por Ivan Pedro. A proposta era para trabalhar nos três [veículos]: Rádio Sociedade, Diário de Notícias e na televisão [Itapoan]. Nessa época, tive um bocado de atividade também. Passei no concurso do Banco do Estado da Bahia e trabalhei lá três anos. Quando é um dia, entra um diretor novo na rádio e televisão e queriam reduzir meu salário. Não aceitei, voltei para Itabuna. Estou

lá em Ilhéus comentando um jogo para o Rádio Difusora de Itabuna, [o locutor] Nilton Nogueira aparece e diz: “Edson, quem vai comandar a equipe da Excelsior sou eu. Quer voltar para lá?”. Respondi: “Volto sim”. Voltei para Salvador e nunca mais saí daqui. Porque então trabalhei nos Diários Associados outra vez, depois fui para a TV Itapoan, depois fiquei só na Sociedade, porque a TV se dissociou da rádio. Também trabalhei em vários setores. Fui assessor de alguns políticos importantes: Lídice da Mata, Joaci Góes, já atuando no Jornal da Bahia, levado por Mário Freitas, onde fiquei até o dia em que o JBa deixou de existir.

Foi Mário Kertész que fechou o jornal.

O Mário Kertész fechou o jornal e me levou para comandar a Rádio Clube. Da Clube voltei para a Sociedade, onde fiquei até me aposentar. Fiquei lá mais uns 12, 15 anos. Trabalhei também como assessor do Vitória, depois como assessor do Bahia, enfrentando dificuldades. É que a imprensa, nossa amiga — todos são meus amigos, devo muito a todo mundo —, entendia que Bahia e Vitória podiam pagar R\$ 180 mil ou R\$ 2 milhões no jogador pereba, mas como eu saí — digo assim, da pobreza do rádio e do jornal — para ganhar, na época, R\$ 10,5 mil com Paulo Carneiro, todo dia ouvia ataques no rádio e na televisão. Diziam assim: “Esse Edson Almeida, está andando para cima e para baixo com o carro dado pelo Bahia, dado pelo Vitória”. Não gostaria de conversar essas coisas, mas como vocês querem a verdade, estava numa situação difícil lá no Vitória, sete meses sem receber. Quando vi que a Rede Globo estava depositando R\$ 3 milhões na conta do Vitória, fiquei parecendo “mosca de padaria” rondando o Paulo Carneiro. Ele disse: “Edson, isso aqui não é Irmã Dulce, nem instituição de caridade, nem jornal. Isso aqui é uma empresa de jogador de futebol”. Isso era dia 22 de dezembro, às vésperas do Natal. “Se o senhor está pensando em receber décimo terceiro, abono de Natal e dinheiro, tire o seu cavaleiro da chuva!”, ele disse. Mas há uma coisa comigo, que parece que é coisa realmente de Deus. Parece não, é! Quando vou entrando na minha sala, a secretária diz que “tem um tal de Python que já telefonou umas cinco vezes para você”. Eu ligo para Antônio Python, que disse: “Acabei de assumir o comando do Bahia e você é meu assessor de imprensa. Se você quiser, venha para cá para a gente acertar”. Apesar de amar as pessoas, amar os clubes, as instituições, na

hora em que a gente é defenestrado, como fui, a gente perde aquele valor de amor, não é? Eu digo, quer saber de uma coisa? Peguei a sacola, peguei o ônibus até a sede do Bahia, porque nessa altura o meu carro já tinha vendido para poder comprar coisas para dentro de casa. Python diz: “Não quero saber de nada. Eu estou lhe dando dinheiro para você comprar um Fiat. Está aqui”. E me deu uma carta. “Tome mais R\$ 10 mil para você sumir de Salvador, temporariamente, porque vai dar a maior confusão. E você está ganhando aqui no Bahia R\$ 8 mil”. Exclamei: “Meu Deus do céu!”. Embora eu ganhasse um pouco mais no Vitória, para quem estava sem receber, aquilo era ótimo. Fui para casa, ligo a televisão, [o repórter] Jorge Allan deu em primeira mão: “A bomba hoje no Bahia não é nada de futebol! O Bahia roubou o assessor de imprensa do Vitória!”. Daqui a pouco o telefone bateu: “Edson, aqui é Benedito Dourado da Luz, estamos reunidos aqui, porque a gente quer resolver a sua situação. Volte, não gaste o dinheiro que o Bahia lhe deu!”. Quando cheguei lá, Paulo Carneiro sentado. E eu: “Os senhores querem saber da verdade? Estava acontecendo isso, isso, isso, isso. No Natal, eu não tinha dinheiro nem para comprar um queijo”. E Paulo Carneiro: “Não! mas eu ia lhe pagar amanhã!”. Benedito Dourado: “Ô Paulo, ia defendê-lo, mas nessa daí você não tem defesa, porque se eu fosse Edson, já teria feito isso há mais tempo”. Paulo ficou zangado comigo e fui para o Bahia.

O contador do Vitória, João de Deus, mostrou a Paulo tudo o que ele estava fazendo de errado e ele não quis ouvir. Você se lembra dessa figura e desse episódio?

Sim. Não sei de pormenores. Agora, há uma coisa: Paulo Carneiro foi quem instituiu o assessor de imprensa remunerado dentro do futebol da Bahia. A administração dele, quando começou, era excelente, fazendo coisas fantásticas, me deu carta branca para montar uma assessoria de imprensa. Comecei a contar a história do Vitória, fui fazer levantamento em biblioteca, porque nada disso havia. E Paulo Carneiro levou três a quatro anos sendo um grande dirigente. Foi ele quem viabilizou o estádio Manoel Barradas, quem revitalizou a divisão de base. Mas chegou um ponto em que se perdeu. Ele começou, como se diz na gíria, a “botar os pés pelas mãos e as mãos pelos pés”.

Em alguns momentos, houve tensões entre Paulo Carneiro e colegas da nossa

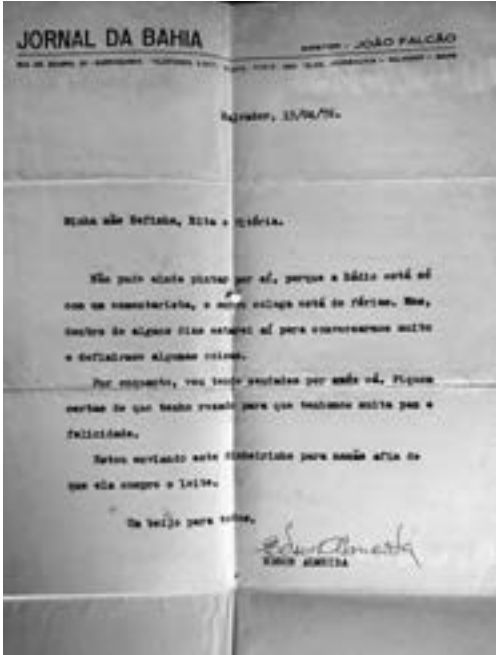
FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Nos tempos do Jornal da Bahia, anos 70.

► Em atividade aos 80 anos, com sua coluna no jornal Massa!

◀ O menino Edson nasceu em Uruçuca e logo mudou-se para Itabuna. ▼ Carta enviada à família junto com um “dinheirinho” para não faltar leite.



imprensa. Você chegou a administrar alguma coisa?

Administrei. Vou contar uma história. Eu subi com ele num dia do jogo de Vitória e Palmeiras, que foi 0x0 no estádio do Barradão. Então ele disse: “Você vai comigo no meu carro, porque o assessor de imprensa, num jogo importante desse, tem de subir para estar com os atletas lá em cima, no carro do presidente”. No meio da estrada, ouvindo o rádio, Mário Freitas diz: “Vocês acham que o resultado foi bom? O Vitória jogou bem”. E Ivanildo Fontes, que nunca gostou de Paulo Carneiro: “Gostei, sim. Para ser franco, o resultado foi compatível com os dois times. Porque enquanto o Palmeiras tem um animal em campo, que é o Edmundo, o Vitória tem um animal na presidência,

que é Paulo Carneiro!”. Nessa hora, rapaz, não aguentei. Quando eu ri, esse homem deu uma rabeada assim no carro. Freou e disse: “Salte!”. Eu saltei, me jogou no capô do carro e gritou: “Vou lhe dar uma surra agora, porque você fica defendendo esses canalhas da imprensa. São todos uns vigaristas, uns vagabundos!”. Lembro que estavam Joel Zanatta, o treinador Hélio dos Anjos, todo mundo olhando, espantado. Então eu, cá com meus botões, pensei, vou ser demitido. Falei: “Presidente, peço ao senhor, pode me bater, agora me mate. Se o senhor não fizer isso, vou pegar um facão velho, que tenho lá de casa e retalhá-lo todo! Porque você pode não morrer dos cortes, mas vai morrer de tétano!”. Então, rapaz, todo mundo em volta começou a rir e ele caiu na real.

É verdade que ele o demitia e, quando você estava saindo, chamava e readmitia?

Várias vezes. Por isso digo que ele gostava de mim. Ele me demitiu: “O senhor não trabalha mais!”. Porque, por exemplo, dizia: “Edson, você vai pegar agora sua maquininha, escrever uma nota bonitinha para o seu presidente dizendo que, no episódio com o diretor do Juazeiro, não foi o presidente que bateu. Ele estava com uma lata de cerveja e, na hora em que ele veio bater na minha boca, eu joguei para lá e pegou na dele!”. Eu disse: “Ô Paulo, mas aí, paciência, posso botar tudo entre aspas e você assina. Porque eu vou deixar de ser cronista, rapaz!”. E ele: “Ah! Então você está demitido!”. Peguei minha sacola, quando vou saindo... “Venha trabalhar, rapaz!”, ele disse. Aconteceu várias vezes.

Você foi muito mais cronista do que repórter?

Não, cronista no sentido de comentarista. Mas quem escrevia as notícias para mandar para a imprensa era eu. Fazia os dados estatísticos do clube, dava o noticiário. Os *releases* de Lídice da Mata. Fui cronista do Jornal da Bahia, do Diário. Sou cronista do Jornal Massa, mas pedi licença porque não tenho condição. Eu vou digitar e, às vezes, as coisas não saem certas, principalmente nessa mão esquerda. Trabalhei também no Tribunal de Contas dos Municípios, como assessor de comunicação social.

Como foi sua passagem pelo TCM?

Quando cheguei lá, no Tribunal, o [presidente conselheiro] Paulo Maracajá disse: “Edson, no que é que você pode melhorar isso?”. Na frente de nove juizes, respondi: “Acho que a gente deve dar o noticiário comum. Veja só: ‘A prefeita de Lauro de Freitas, Excelentíssima Senhora Moema Gramacho, foi multada em R\$ 15 mil por desapropriação de recursos. Em vez de colocar os recursos na educação, ela contratou uma banda de show para fazer comício’. Então alguém disse: ‘Isso não vai criar problema para a gente não?’. Expliquei: ‘Não, se for verdade.’ Quando chegou um dia, um conselheiro mandou para lá um catatau, de 60 laudas e na decisão final: ‘Por todas essas incoerências, multamos, queremos o ressarcimento, tem de fazer isso etc’. As acusações eram contra o prefeito de Porto Seguro. E quando chegou, no final, meteu bronca no prefeito de Juazeiro, Jorge Khoury. Fui lá: ‘Conselheiro, afinal, quem o senhor multou? É o prefeito de Porto Seguro

ou de Juazeiro?”. Ele leu e exclamou: “Minha Nossa Senhora!”. Chamou um dos caras que eles têm em cada gabinete, que disse: “Ô doutor, é que a gente pegou e colou”. Esse conselheiro me pediu: “Edson, não diga a ninguém!”. Respondi: “Não vou dizer não.” O que eu quero é que a nossa imprensa depois não seja culpada, entendeu? Então, você tem de ter todo este cuidado, porque esse é um arcabouço de uma comunicação dentro de um Tribunal, muitas vezes o cara pune um e diz que foi o outro.

Trabalhou para Domingos Leonelli?

Trabalhei. Tive meus perrengues também com ele, inimigo feroz de Antonio Carlos Magalhães. Outro foi Êlquisson Soares. Depois ficou amigo [de ACM]. E dei azar, porque no dia em que ele ficou amigo, telefonou do Rio: “Edson, esse Antonio Carlos é safado, esse moleque, chame-o de corrupto!” Então escrevi: “Antonio Carlos apoia a corrupção”. Quando vi, à tarde, esse homem chegou esbaforido: “Edson, o senhor já mandou [o *release*]?” Mandeil! E ele: “Pois logo agora, que o homem me chamou para a gente conversar!” A partir daí, ele passou a me olhar de uma maneira atravessada, só saía matéria depois de ele ler. Trabalhei também para Antônio Imbassahy, para Pedro Godinho.

Quando você estava assessorando Bahia ou Vitória, continuava em veículo de comunicação?

Não. Pedia demissão, licença. O jornalista não pode, ao mesmo tempo fazer o futebol do Vitória ou do Bahia e atuar nos órgãos de imprensa. Primeiro que o Bahia não admitiria nunca que eu fizesse uma crítica ao clube no jornal. Hoje em dia, você vai fazer um comentário sobre um jogo do Vitória; se o time perder, um torcedor que não gosta de você diz que perdeu porque hoje a rádio escalou fulano de tal. É verdade ou mentira? Imagine naquela época! Você tem de ter jogo de cintura. No dia em que saí do Bahia, foi porque, de manhã, [o diretor] Ruy Accioly me chamou para almoçar com ele. Eu digo: “Ô doutor Ruy, hoje eu não estou a fim...”. E ele: “Você vai!”. Quando chego lá, ele diz: “Eu o trouxe aqui porque você tem a obrigação de me passar todo lado fraco de Paulo Carneiro, para eu ter um debate com ele”. Respondi que não ia fazer isso: “O senhor não contratou um capacho, contratou um assessor de imprensa!”

Você cobriu várias copas.

Sim, na Rádio Excelsior fui para a minha primeira Copa, na Argentina, 78. Nessa copa participei num *pool* de rádios: Excelsior da Bahia, Rádio Clube de Pernambuco e a Rádio Assunção Cearense. Então houve a Copa do Mundo da Espanha, à qual fui pela Rádio Sociedade, uma equipe de 16 profissionais comandados por Ivan Pedro e Nilton Nogueira. Eu comentava no núcleo de Madrid, e Armando Oliveira comentava no de Las Palmas. Andei lá em várias cidades: Valência, Valladolid. Houve depois a Copa do México.

Muita farra durante essas coberturas?

Não, não havia farra porque a gente tinha de ter reuniões antes, nós cronistas não éramos para ter farra, porque poderia haver problema. De repente eu ia preso, e aí está o problema etc. Houve episódios interessantes, como na Copa da Itália. Tive a primazia, no núcleo de Roma, de ficar com um carro, dirigindo. Foram três carros que o Pedro Irujo [dono da rádio] alugou. Além do meu, um para Nogueira em Milão, outro com Djalma. A equipe se centralizou em Roma. Um dia, em Roma, vou sair para o Estádio Olímpico, um colega nosso — não pergunte quem foi —, no meio da estrada, diz: “Para ali, quanta melancia!”. Lá é chamada de *cocomero*. Compramos as fatias, botei a minha no fundo do coxim, e esse colega foi chupando e jogou o casco no rio Tibre, na beira da estrada. Quando eu vejo, é o carro da polícia atrás da gente. O cara chegou: “Documento, *per favore!*”. Ele olhou: “Jornalista?” Eu digo: “Brasileiro”. E ele: “Ah, do Brasil!”. Vou agora traduzir o que o policial disse mais ou menos: “Vocês são

uns arrombados que vivem jogando lixo, os sujos. Qual de vocês dois jogou?”. E o colega: “Fui eu!”. Então o cara pegou uma corda, amarrou-o e ele desceu a ribanceira do rio. Foi a primeira vez que eu vi aquele negócio de rapel. Deram risada, disseram que o Brasil era fantástico, mas que a gente jogava casca de amendoim no meio da rua, e é verdade mesmo, porque lá eles têm um amendoim grandão que a gente comprava, ia comendo e jogando a casca de amendoim, bagaço de cana no chão. Tudo que não prestava era o brasileiro. Quando chego perto do estádio, o colega diz: “Por tudo o que é mais encarecido, não diga ao pessoal que paguei esse mico lá”. Respondi: “Não vou dizer não, rapaz”. Então, quando entro: “Pessoal, tenho uma bomba!”. Ele chegou depois e deu para rir, todo mundo caiu na gargalhada. Havia esse tipo de brincadeira. Agora, beber cachaça, fazer fuzarca, a gente nunca fez.

Depois da Copa da Espanha, qual você fez?

México, 1986. A Cidade do México é belíssima, só existe um problema. Você está tomando banho na banheira, quando vê, a água sacode. Terremoto na rua e o edifício vai lá e vem cá, porque eles fizeram os edifícios em cima de molas, em cima de eixos de sustentação. Então um colega disse: “Edson! Olha que coisa diferente!” E eu, é o terremoto, deu hoje que ia haver, como eles chamam, temblor de tierra. Ele: “É mesmo? Então, vou embora, que tenho meus filhos para criar!”. Ah, meu amigo, você já está aqui. É melhor morrer num campeonato mundial do que morrer lá em Periperi!.

As viagens internacionais eram boas no aspecto econômico também.

Antigamente a gente viajava, ganhava mais dinheiro. Um jornalista numa rádio que se prezasse, ou um jornal, recebia, no caso, US\$ 100 de diária, que era o que Pedro Irujo nos pagava. Eu, por exemplo, fiquei 40 dias na Itália, só para dar uma ideia, levei quase US\$ 4 mil e tantos. O hotel era pago, a gente só pagava a comida e para lavar roupa. Muitas vezes a gente gastava por dia US\$ 10, 15, porque fazíamos uma vaquinha e nos cotizávamos. Em Roma, por exemplo, havia um botequim perto da Avenida Firenze que vendia camarão empanado com várias coisas, arroz, feijãozinho branco. A gente comia lá, sabe quanto? Custava US\$ 100. Como eram cinco ou seis dividindo, dava US\$ 20, US\$ 15 para cada um.

Uns anos atrás não era possível trabalhar de casa, mas agora com as novas tecnologias...

Não podia não. Mas hoje é assim. Por exemplo, há um narrador que mora em Ituberá.

Narra para a Itapoan?

Sim. Ele tem televisão. Uma empresa de São Paulo tem um núcleo de geração de imagem e ela joga [para a casa do radialista]. Todo mundo fica com o som interligado, entende?

Economia grande para as empresas, não é?

Economia demais. Para Porto Alegre, hoje, se forem comentarista, repórter, narrador e o operador, os quatro, cada um é R\$ 1.800/ R\$ 2 mil a passagem. Só aí são R\$ 8 mil reais. Naquela época, a linha da Embratel ia custar quase isso também, R\$ 7, R\$ 8 mil, total de R\$ 16 mil. Hoje não. A Globo faz assim: você vê que o pessoal está narrando hoje o futebol, de repente está dentro do estádio, quando você vê não é no estádio, é no estúdio da Globo.

Quando a gente ia para o campo, antes de o jogo começar, era aquela confusão de fios pelo campo. E havia aquele repórter Zé Bim, que sempre fazia a performance. Agora, as entrevistas com jogadores que se faziam em campo não acontecem mais. Limita? O que você acha?

Limita, mas disciplina. Tudo tem seu lado positivo e negativo. Para nós, cronistas, o difícil com essas mudanças é que a gente deixou de ganhar o extra. O dinheiro que eu ganhava



FOTO: ERNESTO MARQUES

Para nós, cronistas, o difícil com essas mudanças é que a gente deixou de ganhar o extra. O dinheiro que eu ganhava viajando para o Sul do país. Conheço todas as capitais brasileiras, menos Palmas, que [Tocantins] é um estado novo, graças ao futebol.

viajando para o Sul do país. Conheço todas as capitais brasileiras, menos Palmas, que [Tocantins] é um estado novo, graças ao futebol.

Você também foi publicitário?

Trabalhei na Publivendas durante três anos. Fiz foi coisa! Fui até carregador de feira num carrinho em Itabuna para ganhar um dinheirinho. Como jornalista, trabalhei com o pessoal da Publivendas. Leonelli conheci lá. Tive até uma discussão muito interessante com ele, que era outro temperamental. Um belo dia, me pede que crie um texto para um novo edifício, Pablo Neruda. Eu, tomando umas cachaças, pedi ao colega que desenhava: “Você vai desenhar um cara com aquele negócio de poeta, parecendo aquilo que sai aquela manga de camisa toda bordeada, com a pena, escrevendo um poema. E aí, rapaz, a gente vai botar só uma frase. ‘Se você não sabe escrever poema, venha morar no Pablo Neruda’”. Então estava escrito assim: “E com tão pouca coisa construíram paredes, pisos, sonhos.” Que é uma parte de um poema dele. O cara fez aquela peça bonita. Embaixo havia publicidade: apartamentos, tal, de quarto e salas etc. Quando este Leonelli chegou, gritou: “Quem foi que fez esta viadagem, essa putaria desse texto?”. Mas o empreiteiro do [edifício] Pablo Neruda disse: “Saiu a publicidade num dia e, no outro dia, venderam todos os apartamentos!”.

Você é jornalista, radialista, publicitário, funcionário público. Aposentou-se como o quê?

Como CLT. Tinha 56 anos quando me apo-

sentei em 2002. Eles fizeram o apanhado de tudo. E não consideraram para o cálculo da aposentadoria o salário que eu ganhava no TCM, R\$ 23 mil. E o Tribunal de Contas paga 16 salários. Paga um décimo terceiro, um décimo quarto. Quando você entra em férias, recebe outro e tem um de bonificação. Então, rapaz, quando cheguei ao banco, todo jocoso, meti minha beca nova, meti gasolina no carro para receber minha aposentadoria, mostrei meu PIS/PASEP, ele veio com uns trocados: R\$ 1.400,00. Perguntei: “É só isso?”. Responderam: “É. O senhor ganhou isso”. Acontece que o INSS só paga o percentual a que você tem direito do atual salário maior. Hoje o maior salário do INSS é de R\$ 7 mil e poucos reais [em 2025 o teto do maior salário pago pelo INSS é de R\$ 8.157,41]. Depois refizeram os cálculos. Hoje, estou na faixa de R\$ 4.600,00.

É pouco pela história.

É pouco pela história. Mas há gente sendo demitida na TV Bahia que disse que ganhava um salário de R\$ 5 mil.

Hoje nas redações não há mais ninguém de cabeça branca, só há menino. Você é um ponto fora da curva, porque aos 80 anos continua trabalhando na Rádio Itapoan.

A única coisa que eu realmente tenho, de troféu, é isso. Os caras que trabalham comigo na rádio disseram: “Edson, a sua ausência fez falta”. Quando voltei, o povo dizia: “Que beleza! Edson Almeida voltou!”. A gente sente que ainda tem um certo valor. O meu



FOTO: ERNESTO MARQUES

◀ Tempos modernos: com o laptop usado para trabalhos escrito e radiofônico.

comentário é nesta linguagem aqui. Nada como hoje, os jovens falam: “Oi! Bagulho!”. A linguagem deles é “bagulho”, “tá ligado”. Então digo: “Rapaz, mude essa linguagem!”.

Sobre isso especificamente, essa coisa da linguagem, trato com a palavra...

Você tem de saber conjugar os verbos. Eu vejo nego dizendo: “Não, porque eu sou um dos jornalistas que fez”. Eu sou um dos jornalistas que fizeram! Porque dos que fizeram ele é um deles. Isso eu não abandono. Agora, falar rebuscado, de jeito nenhum.

O que faz um bom jornalista esportivo? É só gostar de esportes, é só gostar de futebol?

Não, não. Gostar de futebol, ser imparcial. Eu sou Vitória, se eu pudesse, veria o Vitória dar de 5, mas sou cronista comentando um jogo. O Bahia está jogando melhor. Merece ganhar. Porque foi o time que atacou. É o time que tem melhores investidas contra a defesa adversária. Porque isso é que faz você ganhar credibilidade. Você tem de entender senso de humanidade, tem de ter a cultura, onde é que você está. Porque há gente que diz, como eu ouvi no rádio: “Amanhã o Bahia vai ao Rio de Janeiro, e o avião faz escala em Maceió, Belém, Manaus”. Então não é Rio de Janeiro, ele vai para o Rio Mississippi!

Você era conhecido como “o comentarista nota 10”.

Ainda dizem hoje! A criação foi de Ivan Pedro.

E sempre primou pela coerência. Você sempre tinha uma chamada “ô nego”, “Zé de Oláia”. Você ainda lembra?

Lembro dos chavões. Por exemplo, Zé de Oláia era um homem que havia lá no meu interior, era um Lampião da época. Se soubesse que alguém estava sendo injustiçado dentro do trabalho, ele ia lá, de pistola em coldre. E o puxava: “Vai ter de pagar a ela!”. Quebrava, arrebatava tudo. Então, “vou dar uma de Zé de Oláia” é quando você sai do sério. Seria, em termos baianísticos, “vou rodar a baiana”. Agora, “nego” era coisa do Wilson Menezes.

É “N-H-E-G-O”, com h!

No meu celular tem Edson Almeida, o “Nhego”. Veja só. O Wilson Menezes foi um patrão que eu tive na Rádio Excelsior. Um belo dia, eu e Silvio Mendes, e outros dois transmitin-

O futebol já foi só de analfabetos, pessoas que só bebiam cachaça. Hoje em dia, na maioria dos jogadores, são todos eles cultos. Eles já jogaram no exterior, têm de aprender italiano, francês, inglês.

do lá da Praça da Sé, ele chega: “Ô “Nhego”! Você viu a minha pasta que tinha o dinheiro de pagar você?”. Respondi: “Não, senhor.” E ele: “Porque fui reclamar de Silvio e um homem pegou aqui a pasta e foi embora!”. Então eu dava risada e comecei a chamar: “Nhego” pra lá, “Nhego” pra cá. E todo mundo no jornal me chamava de “Nhego”. Não é racismo. O “Nhego” meu não é cor de preto, é de carinho. “Ô nego, vem cá fazer isso”.

Você enxerga no futebol tudo o que acontece no entorno do esporte, em estádio, fora do estádio, uma expressão muito genuína da nossa maneira brasileira de viver?

O futebol é a cultura do povo com bola no pé. O futebol já foi só de analfabetos, pessoas que só bebiam cachaça. Hoje em dia, na maioria dos jogadores, são todos eles cultos. Eles já jogaram no exterior, têm de aprender italiano, francês, inglês. Você está entendendo?

Você conviveu bem com seus chefes?

Tive um chefe austero chamado Ivan Pedro. Mas foi legal comigo, me deu chance, me descobriu para o jornalismo esportivo. Nilton Nogueira é uma pessoa simples demais, mas é uma pessoa maravilhosa. José Athayde é uma pessoa boa comigo. Márcio Martins é legal, Zé Eduardo também. Não tenho o que falar de nenhum deles. Se eu disser que um é melhor do que o outro, vou cometer injustiça. Há um episódio, por exemplo, com Athayde. Ele chegou aqui um dia: “Você mora nesse sítio? Que beleza! Quando é que você comprou?”. Eu disse: “Quando ganhei na loteria”. É verdade. Um belo dia cheguei à lotérica e só tinha R\$ 10. Então comprei, a moça me deu os R\$ 10 todos de loteria. Protestei: “Ô moça! Eram só cinco!”.

Ela: “Não, leve os dez, você vai ganhar!”. No outro dia, eu e um mineiro ganhamos. Comprei esta casa. Resultado, houve gente que dizia assim: “Edson Almeida é um ingrato! Ganhou uma fortuna na loteria e não deu nada a ninguém!”. Foram R\$ 140 mil, há 20 anos, era realmente uma soma importante. Mas não podia sair dando dinheiro, porque senão não ia ter casa. Bom, Athayde chegou aqui: “Você é o melhor texto que conheço! Vai escrever meu livro, ‘Nhego!’”. Eu disse: “Athayde, posso escrever. Numa parte vou fazer Athayde criança, contar sua história, quando você nasceu, sua mãe, seu pai, seus irmãos, a cidade, colegial. Na outra, vou contar Athayde já sendo do rádio.” Ele: “Oh, que beleza! Agora, ‘Nhego’, quero que seja um livro bem grandão”. Respondi: “A gente faz umas 500 páginas.” Ele me questionou: “E quanto é que você vai cobrar?”. Eu: “O que você achar que mereço.” Ele me respondeu: “Olha, Edson, vou lhe ser franco, vou lhe pagar R\$ 0,50 por página”. Expliquei: “Sendo assim, não vou lhe cobrar nada. Porque, veja bem, vou escrever 500 páginas, você vai me pagar R\$ 250,00.” E ele: “Tudo isso, meu irmão, de jeito e qualidade! Você quer 80?”. Finalmente, falei: “Não, Athayde, não quero nada”.

Você tem algum ídolo, alguém que o tenha inspirado.

João Ubaldo Ribeiro. Foi meu professor na Escola de Administração. Ele dizia assim: “Se você não tiver bom humor, você está doente!”. Eu caí, digamos assim, nessa “armadilha”, não é a primeira vez. Tenho de receber vocês assim: rindo, contando causos, fazendo a coisa ficar mais leve. Porque não adianta dizer: “Meu filho, eu estou morrendo...” E você diz: “Gostaria de visitar Edson, mas quando eu sair de lá, vou sair com o astral [baixo]”. Não, por que isso? Vou ter de morrer mesmo um dia. Só quero uma coisa: que botem o celular no meu caixão, porque vou telefonar muito. Falando: “Alô, olha, cheguei aqui ao Céu, onde for, no umbral, e vai ter uma pelada e eu indiquei o seu nome” [risos].

Quantos anos de profissão?

Tenho 80 de idade, menos 15, 65 de profissão. Caí num labirinto, não saberia fazer outra coisa com tanta vontade, com tanta gana, de todas as manhãs acordar cedinho, pegar o carro e ir para a Rádio Sociedade, fazer comentário às 7 horas, depois ir para o jornal. ■

Uma
empresa
amiga
está sempre
do seu lado.

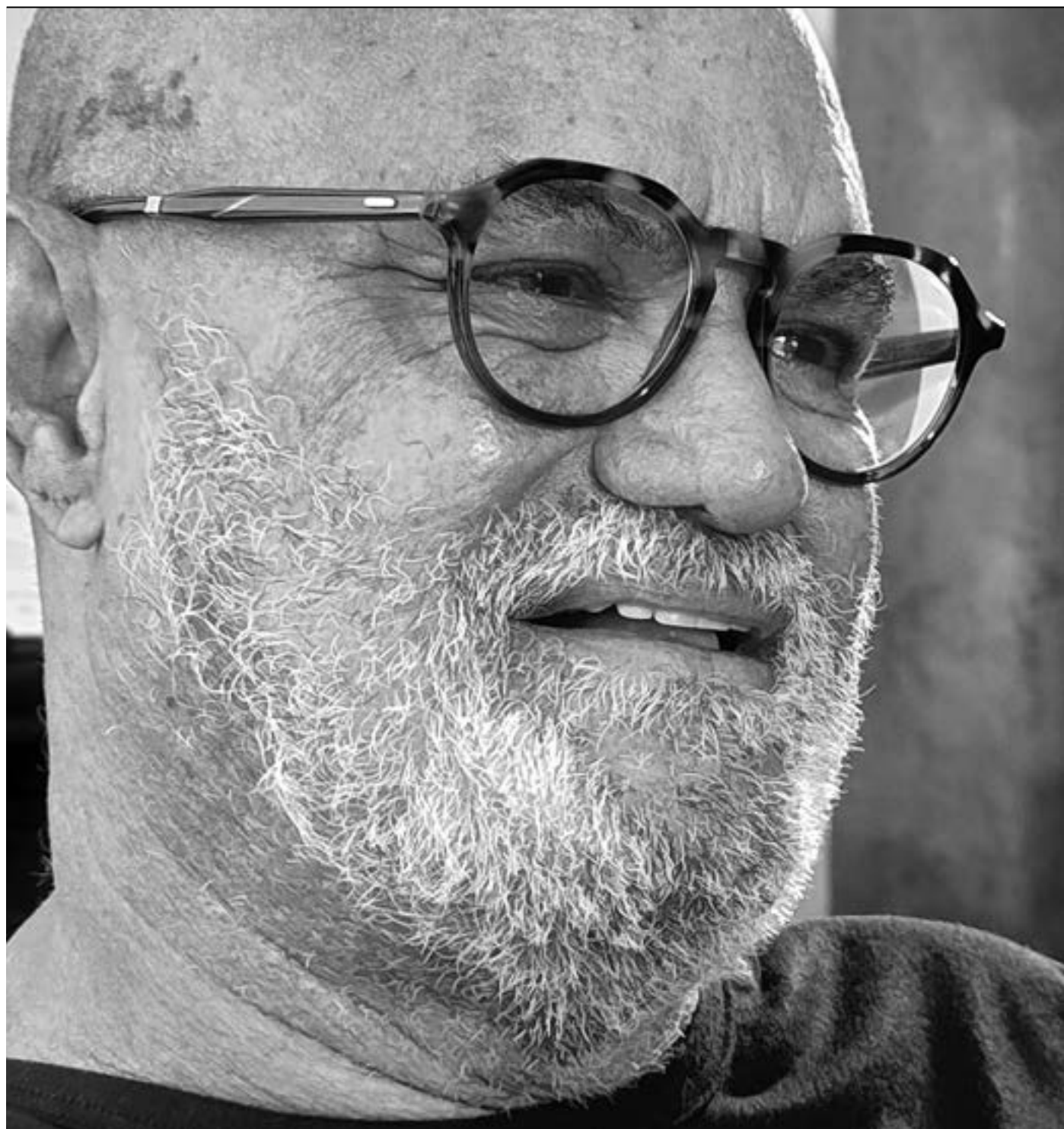


Já reparou que para quase tudo que a gente faz precisa de energia? E, quando o assunto é energia, pode contar comigo: sua amiga de todas as horas. E é por isso que a gente investe em inovação, sustentabilidade e tem o compromisso de fazer mais por você.

Quando
você lê
seu livro
preferido.



Neoenergia Mais por você
Coelba



Jolivaldo Freitas

O jornal seguia para a oficina à meia-noite e o pessoal ia para os bares *esperar a edição sair às 5 da manhã* e ver o material impresso. *Isso era muito romântico*’

Onde você nasceu, como começou a sua vida de estudante?

Nasci na Boa Viagem, Itapagipe, e a minha infância já foi muito voltada para a área de comunicação. Os meus tios liam muito jornal, ouviam noticiário de rádio e já cresci colado com eles, que me colocaram nesse caminho desde cedo, com 4, 5 anos. Então me alfabetizaram, eu lendo o jornal. Com 14 anos, por influência de um amigo chamado Carlos de Brito, fizemos um jornal mimeografado chamado “O Pegância”. Esse era o nome porque a gente tocava violão na estátua do [industrial] Luiz Tarquínio e as velhas diziam que a gente ficava lá na “pegância da maconha”, mas a gente não fumava maconha. Foram dois números e, um dos meus textos, uma namorada enviou ao Jornal da Bahia para o concurso que havia lá. Ganhei uma graninha, coisa ínfima, mas que valia a pena. Achei a redação bonita, legal. Anos depois, me deu vontade de escrever para um jornal. E já era uma adolescência voltada para muita leitura e influência do Pasquim, de outros jornais. Busquei um caminho novo para minha vida, porque, na verdade, nunca pensei em ser jornalista, queria ser diretor de teatro ou artista plástico.

Entrou nesse meio?

Cheguei a fazer Belas Artes, mas, por acaso, encontrei novamente essa namorada e ela estava fazendo um trabalho no Diário de Notícias. Foi aí que comecei a carreira. Fui para o Diário pedir emprego,

não havia vaga, mas me deram umas pautas que fiz e nunca pagaram. Continuei ali por um tempo, depois procurei um jornal alternativo, O Verbo, cuja redação ficava na descida do Largo 2 de Julho para o Convento de Santa Teresa. Quando cheguei lá, me disseram que era muito novo, com 16 anos de idade, para estar naquele ambiente muito intelectualizado, também era um ambiente alternativo demais que lembrava o “Pegância”. Com o saudoso Armindo Bião, Carlos Ribas e era muito legal. Então fui seguindo.

Como foi sua experiência no Diário de Notícias?

O Diário de Notícias foi a redação que me lembrou muito redação de um jornal, embora depois o jornal A Tarde tenha sido a redação — Jornal A Tarde da Praça Castro Alves — que mais parecia redação de filme. No Diário encontrei Neomar Cidade, um cara afável, me recebeu como se fosse colega e me deu umas pautas. Perguntei: “Como é que funciona?”. Ele me deu a dica, mais ou menos. Depois disse: “Infelizmente não há vaga, mas vai aparecendo aqui”. Quando entrei na redação, era um burburinho terrível, todo mundo gritando, todo mundo falando alto, atendendo telefone, *boys* levando coisas. A redação não era bem cuidada. Papel no chão, manchete de outros jornais na parede, não havia máquina de datilografar suficiente, então você ficava esperando alguém terminar para pegar a máquina e usar. A redação era diferente de tudo que você vê hoje.

Jolivaldo Freitas se tornou repórter num período romântico do jornalismo baiano, entre o final da década de 60 e início dos anos 70. Encontrou ambiente propício à sua personalidade brincalhona e gentil nas redações dos principais jornais de Salvador, quando as folhas se concentravam no centro da cidade, o que permitia encontros frequentes com os colegas após o expediente, nos bares e restaurantes da região frequentados pela boemia. Gostava de fazer reportagens na capital e interior, foi chefe de redação em jornais e na TV Bahia. Quando migrou para a publicidade, um novo mundo de oportunidades se abriu, mas ele nunca abandonou o jornalismo. O ofício de escrever consolidou uma carreira de escritor de sucesso, área a que se dedica depois de ter se afastado das redações tradicionais que, constata, acabaram na Bahia. Neste depoimento a Ernesto Marques, que contou com as participações de Renata Vidal, Paixão Barbosa, Jaciara Santos e Nestor Mendes, Jolivaldo relembra sua trajetória profissional.

Quais foram as suas primeiras melhores experiências como jornalista?

Descobri um semanário chamado Jornal da Cidade, que funcionava numa casa com duas salas, uma cozinha e o banheiro, na Gamboa de Cima. O editor era Marcelo Simões. Antes de ser publicitário, Marcelo era jornalista. Quando entrei, perguntei: “Quem é o chefe de reportagem?” Ele: “Sou eu”. Só havia o Marcelo, não havia mais ninguém. Perguntei: “Estou tentando entrar na área para poder escrever”. O Jornal da Cidade não tinha pauta, não tinha verba, não tinha nada e vendia muito; tirava naquela época 15 mil exemplares e era distribuído de graça. Usava o material publicado no Jornal do Brasil, que na época era o grande jornal do país. Marcelo disse o seguinte: “Pega essa matéria de página inteira do Jornal do Brasil e sintetiza em três laudas”. Foi o que me ajudou a aprender a escrever. Porque fiquei lá um tempo refazendo o JB. Não só tinha de sintetizar, como também tinha de dar um formato novo àquilo ali para poder publicar e ele não ter de pagar ao JB os direitos [autorais]. Depois disso, fui para o Jornal da Bahia. O chefe de reportagem era Anísio Félix num horário e no outro L.A., o Luiz Augusto, um cara muito legal. Minha primeira matéria publicada no jornal foi um incêndio numa loja de tintas na Ladeira da Água Brusca. Antes de sair, L.A. apontou: “O fotógrafo é aquele ali, vai junto, pega o carro”. Então eu disse: “Não sei fazer isso, nunca fiz”. E o fotógrafo: “Você só precisa procurar o comandante da PM para saber a que horas foi, como foi, a que horas vai fazer o rescaldo e aí você só escreve isso”. Respondo: “Só isso, é?” [risos]. Anísio me viu perguntando ao fotógrafo e tomou pavor de minha pessoa. Anos depois, ficamos muito amigos. Quando olhei essa matéria publicada num grande jornal, disse: “Não fui eu que escrevi isso!”. Até hoje, acreditem, escrevo, leio, e acho que não sou eu que escrevi. É como se fosse uma transmutação. Fico emocionado, não sabia que nasci para escrever, não tinha a menor noção.

Não é o *copy desk* não? [Risos].

É capaz. Bom, não consegui ficar lá porque Anísio não me deu a vaga. Então parti para o A Tarde. Lá conheci Reynivaldo Brito. Ele perguntou: “Você já está fazendo faculdade?”. Respondi: “Vou fazer”. Reynivaldo é um cara legal, a quem devo muito. Ele não somente me “adotou”, como também resolveu todas as merdas que fiz no A Tarde. Reyni-

valdo me deu uma pauta de polícia. Por sorte, encontrei um cara que admirava muito, o poeta Jehová de Carvalho, que tinha uma coluna chamada “A cidade que não dorme” sobre a boemia de Salvador. Foi o cara para quem eu pegava o material da rua. Já Alfredo Castro, editor de Polícia, um sujeito educado, civilizado, ia me orientando. Jehová era o *copy desk* de Polícia. Eu contava o apurado e ele fazia matéria. Há uma história interessante, o cara matou uma figura que estava vestida com um pijama todo rasgado. Jehová disse: “Botar um pijama rasgado desmoraliza a pessoa, escreva que ele estava com *robe de chambre*”. Nunca esqueci isso.

Quando você traz essa emoção ao ler um texto seu e compara com a nova geração (sem generalizar) do GPT, como vê isso? Sente reflexo disso no nosso mercado de jornalismo?

Totalmente. Eu dirijo um portal e a gente recebe lá mais de mil *e-mails* por dia. Mais da metade é de textos feitos por inteligência artificial. Ninguém está escrevendo mais nada. Há jornal hoje que incentiva isso, usa inteligência artificial para “o texto sair com mais qualidade”, ainda diz isso. O que eles não entendem é que a inteligência artificial não cria, ela compila. Você ainda pode dizer: “Faça em formato de reportagem de jornal ou de rádio”. Se botar o cursor do ladozinho aparecem [as agências] Reuters, AFP. Ele sai buscando e cola. Há gente que não percebe isso.

O jornal *El País* aumentou o número de leitores porque entendeu que precisava dar um produto diferente, mais analítico.



Não acha que, principalmente no jornalismo brasileiro, baiano mais especificamente, também falta esse produto de qualidade?

A população da Espanha estava com um problema muito grave de *fake news*. Você não tinha mais em quem confiar. E havia jornais que também publicavam as notícias *fake* sem checar. O *El País* foi um dos primeiros a usar inteligência artificial para ver o que era *fake* e o que não era, então as pessoas foram em busca de saber se é *fake* ou não e voltaram ao *El País* em função mais disso do que de outra coisa. O *El País* é muito forte justamente na *internet*, muito mais forte do que dentro da gráfica. Aqui, por exemplo, a Tribuna não tem uma tiragem excepcional impressa, mas tem o *on-line* muito forte. Nós, jornalistas acostumados a ver o impresso na banca de revista, não temos noção, hoje, de que o *on-line* dos jornais é muito forte. Uma coisa interessante que pode salvar o jornalismo é justamente a rede social. Não sou pesquisador nem estudioso da comunicação, mas percebo quando faço campanha política no interior. Procuro saber das coisas da região antes de começar a trabalhar. Lembro que há uns 18, 20 anos o candidato perguntava: “Não dá para colocar isso aí no BA Notícias?”. Ou seja, eu estava lá em Serrinha e o cara queria que eu colocasse uma coisa no Bahia Notícias. Hoje em dia, não. Porque na região há um *site* forte. André Curvello, quando estava no primeiro governo de Rui Costa, na Secom, percebeu isso numa reunião que fez com blogueiros e donos de *site*. Tanto que o governo começou a segmentar a publicidade para cada região.



◀ Quatro imagens do itapagipano que se alfabetizou lendo jornais e se tornou jornalista.

▲ Na redação nos primórdios da informatização dos jornais de Salvador.

FOTOS: ARQUIVO DA TRIBUNA DA BAHIA

Você falou pouco sobre a sua formação acadêmica, a faculdade.

Não tenho formação, fiz até o segundo ano de ginásio e não gostava de estudar, gostava de ler, de aprender, então aprendi muito lendo. Como falei, meus tios liam muito, tinham uma biblioteca imensa de tudo, e eu gostava muito de História, Geografia, Português. Não gostava de Matemática e da sala de aula, pois devo ter algum grau de autismo, porque não consigo ficar quieto muito tempo. Tanto que quando, em 1970, Reynivaldo me fez a pergunta “Você faz faculdade?”, respondi que não, que ia fazer, mas nunca fiz. O que não me impediu de, anos depois, ensinar jornalismo prático na Facom. Então, comecei no A Tarde com 17 anos. Com um ano, Jorge Calmon disse: “Você vai sair da editoria de Polícia, porque escreve direitinho e estou precisando de alguém para fazer a página 2. Você vai ter um assunto diário e a página é toda sua”. Deus do céu, escrever oito laudas diárias e ainda vou ter de buscar assunto. Fiz durante um ano e meio, diariamente, a página 2 do jornal A Tarde. Mas foi bom, passei a assinar as matérias e meu trabalho começou a ser conhecido em outras redações. Em 76, Anísio Félix, presidente do Sinjorba, decidiu tirar das redações quem não tinha diploma, embora ele também não tivesse feito faculdade. Foi quando recebi o convite para ir para a Tribuna, ser o primeiro repórter especial da Bahia. Fiz a cobertura da grande seca. No governo Roberto Santos, mostramos tanta miséria no campo que ele foi obrigado a mobilizar o Ministério da Agricultura e mandar milhares de sacas de feijão a título de semente. Mas sem chuva, com sol, quatro meses depois o pessoal tinha comido as sementes. A matéria “Comendo a semente” teve uma repercussão legal e outras campanhas vieram também. Uma das campanhas, em que o Jornal da Bahia chegou junto com a Tribuna, foi para tirar as fábricas da Cidade Baixa. Eu tinha um motivo particular, pois a vida inteira sofri as emissões poluentes da Souza Cruz, das fábricas de sabão, de chocolate como a Chadler. A Cidade Baixa (e a região de Itapagipe) desde o início de Salvador foi concebida para ser uma área industrial. A Cidade Baixa era o CIA dos séculos XVII e XVIII. O centro industrial era ali. Mas é numa época em que não havia população local. Foi crescendo por causa dos operários, e a população sofrendo com problemas de saúde. Nós tiramos de lá umas 20 fábricas que emitiam poluentes. Foram para o CIA.



FOTO: ERNESTO MARQUES

Fiz a cobertura da grande seca. No governo Roberto Santos, mostramos tanta miséria no campo que ele foi obrigado a mobilizar o Ministério da Agricultura e mandar milhares de sacas de feijão a título de semente. Mas sem chuva, com sol, quatro meses depois o pessoal tinha comido as sementes.

E sua ida para o Correio da Bahia?

De 77 para 78, ACM decidiu criar o Correio da Bahia. Fui convidado para ajudar na criação e montagem da estrutura da chefia de reportagem. Lembro que levei para lá Raimundo Lima, não sei se para repórter ou editor de Economia, Gutemberg Cruz para ser editor de Cultura; Demóstenes Teixeira, que era repórter, terminou fazendo carreira e virando diretor de redação do Correio. Levei também algumas cobras que ficaram me picando por trás. ACM havia garantido que o jornal ia ter toda a liberdade e a gente acreditou, não é? Fiquei um ano no Correio. Lembro que a primeira manchete foi a descoberta de uma mina de ouro na Bahia. Saí depois de um desentendimento com a direção, que me questionou após levantarem uma calúnia contra mim. Eu dizia que não trabalharia mais em jornal. Descobri, nessa época, que publicitário ganhava muito dinheiro e trabalhava menos. Encontrei um amigo, José Jorge Randam, que tinha uma agência, pedi uma vaga de estagiário. Ele mandou procurar Fred Maron, que fazia a dupla de criação com Nilton Alecrim. Alecrim me ensinou como fazer um texto

publicitário. Quando fui com Randam receber um prêmio da agência no Ceará, recebi proposta para ser diretor de criação de uma agência de Fortaleza que estava vindo para Salvador. E comecei a ganhar grana. Então, fui o primeiro jornalista a migrar do jornalismo para a publicidade. Depois fui para a Norte Publicidade e a Publivendas. Fiquei nessa fase quando um dia encontrei Jorge Calmon na rua. “Quero que volte aqui, vou mandar cobrir o que você ganha”, ele disse. Assim, voltei para o A Tarde e Anísio Félix começou novamente a fazer a pressão para tirar quem não tivesse diploma de jornalista. Jorge Calmon, explicou: “Não tenho como contratá-lo como repórter, mas já consegui a solução. A partir de hoje, você vai ser assistente da direção redacional”. Questionei: “Isso existe?”. Ele: “Claro! Acabou de ser criado!”. Era a forma de driblar Anísio Félix. Na minha carteira está anotado: “assistente da direção redacional”. Mas aconteceu que sofri uma queda na escada do A Tarde, bati o pescoço, fiquei todo estropiado. Passei quase dois anos no seguro do INSS. Quando voltei, Reynivaldo disse: “Porra, esses dois anos que você passou

fora, Jorge Calmon não está agradado não”. Então, pedi demissão, voltei a trabalhar na publicidade, fazendo *freelancer* para a Propeg e em outros lugares. Consegui um estágio na DPZ, que era a agência mais criativa do país na época. Foi o dono, Washington Olivetto, que me chamou. Quando cheguei a São Paulo, meu filho estava pequeno, então me deu uma saudade danada de Jan. Um dia acordei, larguei tudo e peguei o primeiro avião para Salvador.

Como foi trabalhar com João Ubaldo?

Só quem trabalhou com ele sabe como é ter um editor-chefe de uma qualidade infinita. E ele se achava um péssimo jornalista, um péssimo editor. Morreu se achando um péssimo editor, não adiantava a gente dizer que não. Primeiro, ele dava liberdade e tinha um secretário de redação que era um cara de uma cabeça maravilhosa, Otto Freitas, que eu adoro. Quando assumi o jornalismo, eu criava problema com os colegas porque, numa coletiva, ia com a minha pergunta na cabeça e os colegas iam perguntar já respondendo. Então, isso era irritante para mim. Eles não deixavam que a fonte respondesse. Eu, na malandragem, sabendo de uma informação qualquer, deixava nego se picar, pegava a fonte já saindo: “Desculpe, esqueci uma pergunta.” E, invariavelmente, a resposta dessa pergunta virava manchete. No outro dia, os colegas: “Ê mentira! Esse Jolivaldo inventa!”.

Retomando, quando você volta a Salvador continua na publicidade?

Sim, estava na Publivendas, quando Paulo Roberto Sampaio me liga perguntando se eu não queria fazer política. Nunca gostei, achava uma coisa chata, repetitiva demais. Mas estava com saudade do jornal e fui fazer.

Foi na época em que o pessoal saía para fumar maconha?

Quando era chefe de reportagem, a galera da Tribuna não tinha carro e eu tinha acabado de comprar um Fusca. Quando chego à Tribuna, estão os maconheiros na porta. Então um diz: “Jolivaldo, você me empresta esse carro?”. Perguntei: “Para quê?”. E ele: “Para fazer o circuito do Dique.” Eles entravam no carro, davam umas voltas no Dique fumando maconha e voltavam para trabalhar. Batizaram meu carro e esbravejei: “Porra, sua filha da puta, vocês batizaram meu carro com alguns quilômetros rodados!”. O carro cheirando à maconha do cão.

E isso era diário?

Diariamente. [A fotografia] Margarida Neide e mais outro chegavam para mim: “Amor, amor, segura a pauta que a gente vai ali tomar um suco, tomar um suco na maconha”. Isso porque a Tribuna proibiu fumar maconha no banheiro, e os cachaceiros ficavam no [bar] Abaxadinho. Os maconheiros não eram os cachaceiros. E os caretas? Eu, Roque Mendes, Paulo, Valdemir Santana. Então não deu certo porque o pessoal saía para fumar maconha e não voltava. Assim, a Tribuna decidiu: pode fumar maconha de novo no banheiro!

Época do jornalismo romântico.

Para mim o jornalismo romântico terminou quando o A Tarde mudou para perto do Caminho das Árvores. A Tarde saiu da sua impressão a quente para fazer impressão a frio. E ficou um jornal frio. Coincidiu com a decadência do Jornal da Bahia. O Diário de Notícias já tinha fechado, mas a Tribuna trabalhando na efervescência, vendendo muito! O fato é que terminou aquela magia quando A Tarde saiu do centro. Não sei por que o jornalismo mudou também. Então, já era uma outra geração, vinda da Facom, cheia de filosofia, cheia de razão, mudando o jornalismo. E uma geração careta, porque enquanto eu, Chico Viana e outros tentamos quebrar o paradigma do *lead* perfeito, o pessoal da Facom veio exigindo o *lead* perfeito. O pessoal novo, que era para fazer uma evolução, veio para fazer o mesmo de antes. Então, para mim, já não havia mais a briga pelo furo, que incentivava o jornalista.

Como foi a história da Góes Cohabita?

Mataram um advogado da Federação dos Trabalhadores da Agricultura, em Santa Maria da Vitória. A Tribuna me mandou fazer essa matéria. Estou com os posseiros e aparece o líder dizendo: “Olha, vai embora, porque vão matar vocês aqui, e quem mandou matar o advogado foi a Góes Cohabita, dona do latifúndio”. A Góes Cohabita era a dona da Tribuna. Coloquei isso na matéria, não falei com ninguém. A liderança dos posseiros e a do Sindicato dos Trabalhadores Rurais garantem que o crime foi cometido a mando da Góes Cohabita. Daqui a pouco Walter Pinheiro me chamou, passou doutor Joaci Góes, que disse assim: “Jolivaldo, eles disseram isso?”. Respondi: “Disseram.”. Acredita que a Tribuna publicou? Se eu já gostava da Tribuna naquele momento, a Tribuna virou um amor na minha vida, porque via que tinha a liberdade para fazer

as coisas. Depois, o assunto se esclareceu e ficou comprovado que a Góes Cohabita não tinha nada a ver com o crime.

E a convivência entre um “porra louca” como você com a turma mais engajada politicamente?

Ficava na minha, muito focado em fazer as matérias. Tinha a sensação de que eles não gostavam de mim. Mas não tinham nada que falar, porque o que eles faziam de denúncia eu também fazia por professar o jornalismo, não por uma questão partidária, de visão ideológica. Era muito novo para ter essa consciência, levando em consideração ainda o fato de que muitos desses [jornalistas de esquerda] tinham um envolvimento por um motivo qualquer ou viam o sofrimento na cidade deles, ou foram cooptados, ou eram da faculdade, que era incentivadora dessa visão de defender a liberdade, os direitos humanos. Eu não tinha essa visão. Primeiro, não frequentei faculdade e, segundo, vivi a infância e adolescência numa região lúdica, Itapagipe. Lá não havia células de não sei o quê. Com o passar dos anos, na Tribuna, aprendia o que estava acontecendo lá dentro, mas fazia a minha parte mesmo. Um exemplo: meu primeiro livro de contos é chamado “Cemitério de Cães Noturnos” e espalhei pela cidade a chamada “Revolte-se!”. Imagina usar a palavra “Revolte-se” nos anos 70? Botamos isso nos postes, às escondidas. A relação dentro da Tribuna da Bahia era boa. Havia uma coisa maravilhosa naquela época. Você entregava a matéria às 9 da noite. O jornal seguia para a oficina à meia-noite e o pessoal ia beber (eu não bebia) e comer feijoada, mocotó na Feira da Sete Portas para esperar a edição sair às 5 da manhã e ver o seu material impresso. Isso era muito romântico, bom demais. Quando, depois dos anos 70, os jornais começaram a fazer muito profissionalmente o jornalismo, isso acabou.

Depois da Tribuna qual seu caminho?

Voltei para a publicidade. Um dia Raimundo Lima assumiu a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador e me chamou para ser secretário de redação. Fico como secretário de redação e voltei a fazer a coluna “Roda Viva” na Tribuna. Quando estava fazendo a coluna, em 99, recebi um chamado de Carlos Libório para ir à TV Bahia. “Preciso de alguém que tenha experiência para trabalhar com produções especiais”, disse ele. A grana era boa e fui. Mas senti um ambiente muito diferente do que esta-

FOTO: ERNESTO MARQUES



▲ Compartilhando as histórias com os amigos para registro na ABI.

va acostumado. Eram pessoas vaidosas. Houve uma briga de ego lá do cão, eu entrei e disse: “Gente, vocês estão na TV Bahia, vocês não são a TV Bahia. Então deixa dessa confusão, essa vaidade, que vocês vão passar mal quando saírem daqui”. Não deu outra, logo em seguida veio uma demissão braba lá. Houve gente que pirou, que não saiu mais de casa, que sumiu no mundo. Porque achava que tinha um rei na barriga. Libório queria qualidade, não estava nem aí para zorra nenhuma, e sempre defendeu os seus. Cada erro que nego fazia que em qualquer lugar daria demissão, ele dizia: “Suma dois dias, entendeu?”. Certo dia, Carlos Ribas, que era um puta chefe de reportagem, pediu demissão, daí sobrou para mim. Sabia que ia me aborrecer com repórter que não queria pauta, repórter que dava o “*signau*”, cinegrafista sabido. Mas, felizmente, passei acho que 12, 13 anos e não consegui fazer uma inimizade lá dentro.

Conte a história de passar por cima de Antonio Carlos.

Numa noite na redação, estávamos eu, um cinegrafista e o assistente. Aviso: “Vou ao banheiro, segura aí!” Quando volto, vejo o assistente batendo o telefone. Pergunto: “O que foi isso?”. E ele: “Um cara passando trote, dizendo que era ACM, querendo falar aqui, dizendo que ia mandar demitir não sei quem”. O telefone tocou de novo: “Seu filho de uma puta, por que desligou na minha cara? Quem está falando aqui é o senador”. Vi que era a voz dele e disse: “Senador, foi um rapaz aqui que não tem o hábito de atender, a gente recebe muito trote”. Ele: “Vá se foder, como é seu nome?”. Respondi: “Jolivaldo”. Ele: “Você é o quê?”. Respondi: “Chefe de reportagem”. Ele respondeu: “Vou falar com o Júnior agora mesmo”. Então desliguei. Rapaz, não deu um segundo, me liga doutor Júnior, um cara muito educado, nunca criou um problema na redação, sempre acatou o que Libório

determinava: “Jolivaldo, o que você aprontou com o senador? Ele está pedindo sua cabeça! Estou tentando falar com o Libório”. Daqui a pouco liga Libório: “ACM está pedindo sua cabeça!”. Eu disse: “Vou embora, amanhã vejo o que aconteceu”. No outro dia fui lá, mais por respeito a Libório, que repetiu: “O senador pediu sua cabeça”. Afirmei: “Não tenho nem cabeça Libório”. Ele deu risada: “Assine aqui sua demissão”. Respondi: “Assinei, valeu, tchau.” Ele disse: “Não é assim não! Dê uns três dias em casa e volte, se o senador esquecer, a gente continua”. Ele engavetou, deve estar assinado até hoje [risos]. Aproveitei e passaram-se três dias, emendei com o fim de semana. Então Libório manda Lúcia ligar para mim. Reclamei: “Você não falou que eu estava demitido?”. E ele: “O homem não falou até agora, venha”. Libório foi o cara com mais visão que vi e mais antecipação dentro do jornalismo televisivo. Era assertivo e certo, olhava a imagem e dizia: “Meu filho, está faltando alguma coisa! Há alguma coisa errada!”.

Como foi a reintegração de Ernesto Marques na TV?

Um dia, estou na redação, me liga uma pessoa: “Jolivaldo, Ernesto Marques está voltando a trabalhar na TV Bahia por força da Justiça. Não dê mesa nem cadeira, nem computador para ele”. Fiquei calado. Chega Ernesto. Eu digo: “Ernesto, essa mesa aqui é sua, vou pedir na TI [setor de Tecnologia da Informação] a sua senha”. A TI já estava sabendo que não era para dar senha a Ernesto. Pedi a ele: “Ernesto, revise as pautas”. E não podia dar pauta para ele. Nem produzir, nem sair, só revisar porque as pautas não eram legais, nós precisamos de uma revisaózinha, e Ernesto, com a experiência dele, ia ser uma mão na roda. Então alguém passou, viu e dedurou: “Não é para dar mesa a Ernesto”. Eu: “Ernesto, fique aqui junto de mim”. Ele, com o senso de diretor sindicalista, foi fazer umas pesquisas lá e botou muita gente rica. Ernesto conseguiu fazer com que a televisão pagasse todos os bancos de hora.

Quando foi trabalhar em campanhas políticas?

Em 80 e alguma coisa, descobri que era muito legal fazer *marketing* político, embora não fosse um ser político. Comecei a convite de André Curvello e Dionei Martins a fazer a campanha da segunda eleição de João Durval [para governador]. Depois, fui fazer a primeira e a segunda de João Henrique. Contratado para fazer os programas de rádio, mas fiquei encantado com o que era o *marketing* político! O que era a discussão do *marketing*, a estratégia. Fui me especializar nisso, conversar com quem sabia, estudar, ver *cases* e comecei a fazer isso aqui. Quando eu estava na TV Bahia, falava com Libório: “Vou fazer campanha em Irecê.” E ele: “A TV Globo não permite”. Insisti dizendo: “Libório, eu vou”. Quando eu saio, ele falou: “Não deixe ninguém saber!”. Questionei: “Ô Libório, como é que ninguém vai saber? Essa TV é um bando de espião, de fofoqueiros, vai saber logo! Você esqueceu

que a Rede Bahia é uma rede? E o pessoal de lá da região de Irecê vai saber”. Passavam 2, 4 anos, eu ia fazer outra campanha e depois voltava para a chefia de redação. Foi quando Raimundo Lima me convidou para ir a Angola, para dar formação a jornalistas e refazer o Jornal de Angola, que parecia o A Tarde em 1930. Raimundo Lima transformou o jornal numa coisa mais moderna. Passei dois anos lá e, quando voltei, fiquei seis meses na TV Bahia, mas já sem vontade.

Então entra em cena o escritor.

Queria retomar a literatura. Tinha a ideia de fazer um livro de história da Bahia. Por que história da Bahia? Quando você lia história da Bahia, era tudo sisudo, uma história sendo contada na visão do pesquisador, do historiador. Tenho uma visão de historiador, mas vou fazer isso com humor; escrevia, acho que na TV Bahia durante a noite, enquanto esperava a última equipe chegar. Publiquei "Histórias da Bahia - Jeito Baiano", porque fazia com humor e para minha sorte fez um sucesso danado. Isso, junto com minha ida para Angola, sedimentou realmente minha saída da TV. Consegui me dedicar ao *site* que tinha criado.

Como foi a história do “Parem as máquinas!”?

Uma vez saí do A Tarde umas 10 e meia da noite. Quando desci no Solar do Unhão, vi um movimento muito estranho no meio da Baía de Todos-os-Santos. Desci até a rampa do Mercado Modelo e parei o carro. Perguntei a um cara que estava numa canoa o que estava acontecendo. “São os fugitivos de Angola que chegaram nos barcos estranhos” ele explicou. Perguntei: “Dá para me levar lá para falar com os caras?”. E ele: “Se você quiser entrar na canoa como pescador, a gente vai”. Então tirei a roupa, fui de pescador, eu ajeitando as redes, sem camisa e sem sapato. Ele disse remando: “Bora fazer de conta que tá pescando, já vi que o navio da Marinha [que acompanhava os barcos] vai devagarzinho”. Ele perguntou: “E se derem tiro e afundarem minha canoa?”. Respondi: “Se afundar, pago sua canoa”. Chegamos ao barco dos angolanos. Tinham largado tudo em Angola e vindo direto da África para Salvador. Estavam revoltados porque a Marinha os tratava mal, não havia dado água nem assistência às crianças. Entrevistei os caras, corri para a redação do A Tarde, era meia-noite e meia. De lá, liguei para Reynivaldo e ele: “Vou falar com o doutor Jorge”. E doutor Jorge: “Manda tirar

o que tiver na primeira página e botar perto da manchete”. Gritei na oficina: “Parem as máquinas!”. Eu sempre tive vontade de dizer essa frase “Parem as máquinas!” na minha vida! No outro dia, voltei para fazer a suíte. A Marinha me prendeu, mas consegui sair com o advogado. Esse material me rendeu várias matérias, não só para o A Tarde, mas também outros jornais de fora do Brasil. E um detalhe: tudo de cabeça, não anotei nada. Errava alguns nomes, mas sabia os sobrenomes.

Jornalista, escritor e publicitário, o que é que mais te realiza?

Hoje, é ser escritor. Eu gosto de ser jornalista, sinto vontade até nessa idade, aos 71 anos, de voltar para a reportagem. Nunca fui o jornalista, sempre fui o repórter, tanto que uma vez fiz uma proposta na Tribuna para trabalhar só como repórter plantonista. Eu já tinha 45 anos de idade e mais de 30 de profissão, fui ser repórter plantonista.

Ao todo, quanto de profissão?

Comecei com 16, então são 55 anos de jornalismo, hoje me dedico a escrever livros, escrever biografias para terceiros, livros de empresas, dirijo o portal Notícia Capital e continuo fazendo jornalismo através dele. Nunca deixei uma coisa de que sempre gostei, que é de escrever crônicas e artigos. Sou o mais antigo e dos (hoje) raros cronistas no jornalismo baiano. Só de Tribuna da Bahia tenho perto de 40 anos de crônicas.

Se você não fosse jornalista, o que você seria?

Escritor. Já tinha via de escritor, embora não soubesse, sabia que ia ser um bom diretor de teatro, sou histriônico, extrovertido, bem-humorado. Sou palhaço dos meus amigos, novos e antigos, então sempre criando meu próprio humor e dando um molho nas coisas da realidade. Agradeço ao destino por ter me colocado uma namorada que me levou para o jornalismo, mesmo sem a convicção de que seria jornalista, me apaixonei pela reportagem, me arrependo muito de não ter sido correspondente estrangeiro. Tive várias oportunidades, mas meu primeiro filho nasceu quando eu tinha 21 anos, então não queria sair. O jornalismo para mim é uma essência e acho que é preciso encontrar uma solução para essa galera nova, pois dá muita pena. A galera que não passou por uma redação como nós passamos. Não sabe como é a redação. E hoje, então, com o *home office*, o cara é

contratado para ser repórter de casa. Sou da última geração do jornalismo romântico na Bahia, que começou em 1969 e 70.

E o comentarista de rádio?

Há 12 anos aconteceu um fato que também foi uma mudança na minha vida. Não conhecia Mário Kertész, só lia a respeito dele, ouvia, gostava muito de Mário na rádio Metrópole. Um dia, Dina Rachid, que apresentava um programa, disse: “Olha, doutor Mário está perguntando se você não pode vir aqui amanhã”. Quando cheguei lá, Mário disse: “Acho legal o que você escreve na Tribuna, quero que você seja comentarista aqui da Metrópole”. Respondi que não estava a fim de rádio. Ia entrar o jornal do meio-dia. E Mário anuncia: “Estamos no ar aqui com o comentarista Jolivaldo Freitas, que está começando a apresentar hoje, tenho certeza de que vocês vão gostar”. A minha primeira palavra foi: “Porra, Mário! Você me traz para essa caceta aqui e já me bota no ar!”. Em seguida, o pessoal começou a ligar: “Quem é esse cara? Esse cara é um escroto!”. E Mário: “Rapaz, você nem entrou, o pessoal quer que eu o demita”. Mas falaram isso de sacanagem, não é? Esse negócio, para mim, foi uma virada muito legal, adoro fazer esses comentários da Metrópole, que é o “Coisas da Bahia”.

São 55 anos de profissão. Qual o seu legado para o jornalismo?

Nenhum. Mas tenho a vaidade de ter feito um Caderno de Cultura (TB2) que revolucionou em estética nos anos 90 (usei minha experiência de criativo de publicidade). O legado que deixo são esses meus amigos, isso sim, as amizades que fiz no jornalismo, é uma coisa que não tem preço. Conheço pessoas maravilhosas. Sofro quando vejo muitos dos colegas passando dificuldades, sabe? Sofri muito vendo Domingão [Domingos Souza] em Irmã Dulce. Sofri muito vendo colegas nossos morrendo de alcoolismo. Isso me deixa quebrado quando vejo, e hoje nós sabemos que há muitos colegas passando muitas necessidades. O meio jornalístico deveria agradecer muito ao André Curvello, porque ele se mobilizou várias vezes para ajudar a tirar colegas da miséria. Tenho de agradecer muito a ele. Então, o legado que ficou para mim foi amizade; agora, não deixo legado para ninguém, só o meu humor. Na minha lápide estará escrito: “Aqui jaz o cara que ri à toa”. E talvez eu até acrescento: “Aqui jaz o cara que ri à toa e que gostava de jazz”. ■

A ALBA QUER OUVIR você PARA FAZER LEIS QUE BENEFICIAM A TODOS.



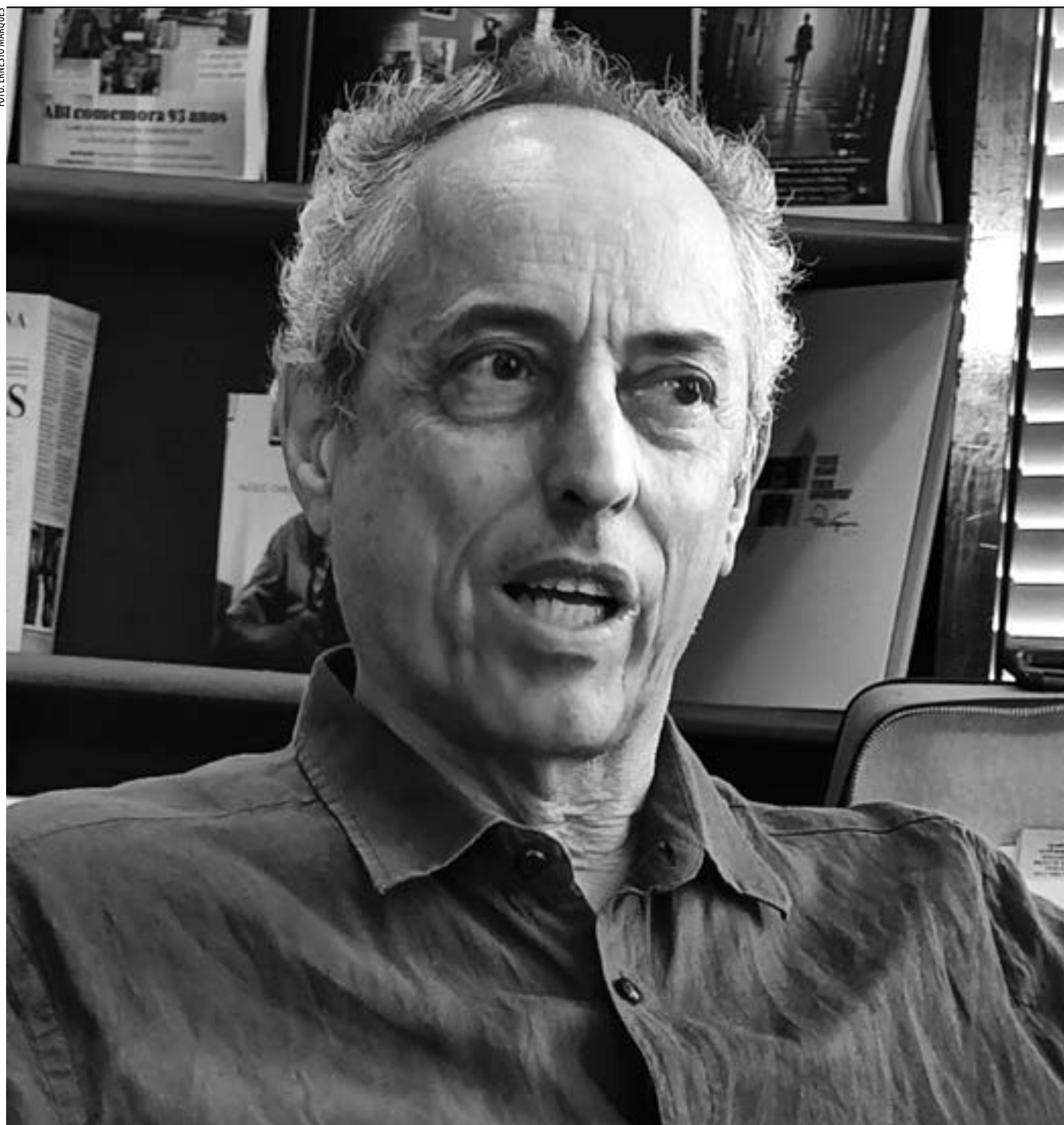
**A Assembleia Legislativa da Bahia
trabalha para você. Aprovamos leis,
projetos e políticas públicas que
melhoram a vida de toda a população.
Por isso, queremos te ouvir. Conheça
o programa O Cidadão e o Parlamento
e envie sua sugestão. Ela pode virar lei
e ajudar a transformar a Bahia em um
lugar melhor para todos.
Participe. Na Alba, você faz a diferença.**

Conheça o
programa
**O Cidadão e
o Parlamento**

al.ba.gov.br/ouvidoria



ALBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA



Roberto (Bob) Fernandes

Aprendi muito cedo:
*você tem que ter
uma pauta
muito boa*, melhor
da que vão lhe dar'

Roberto Fernandes de Souza, filho de pais baianos, nasceu em Barretos (SP), cresceu entre as “peladas” de várzea dos campinhos dos bairros populares de Bragança Paulista e os livros e jornais que devorava no Clube Literário e Recreativo da cidade, onde sua família se estabeleceu. A parte da parentela que morava em Vitória da Conquista e Salvador, fez com que Bob Fernandes conhecesse, se apaixonasse pela Bahia e desse aqui os primeiros passos no Jornalismo. Passou pela sucursal do Jornal do Brasil, estagiando na Rádio JB e na redação do impresso, seguindo depois para a sucursal da Revista Veja onde conheceu Ricardo Noblat. Os

dois voltariam a trabalhar juntos em Brasília, na sucursal do Jornal do Brasil, no rico período da transição do fim da ditadura para a democracia com a eleição de Tancredo Neves. Ele trabalhou com editores que souberam lhe dar liberdade para que desenvolvesse seu potencial criativo. Bob atuou também na Revista IstoÉ e criou a Carta Capital com Mino Carta, até que partiu para navegar pela internet, montando a equipe da Terra Magazine. Mantém, até hoje, um prestigioso canal no *YouTube*. Uma vida aventureira que ele conta neste depoimento a Ernesto Marques, contando com os convidados Kau Rocha, Carolina Gomes, Emiliano José e Cláudio Leal.

Sua origem, primeira infância...

Minha mãe é de Vitória da Conquista, meu pai de Salvador, engenheiro agrônomo do Banco do Brasil. Quando se casaram foram morar em Alegrete (RS), na fronteira do Uruguai, onde nasceu minha primeira irmã, Bete. Depois foram para Barretos (SP) onde nasci em 18 de maio de 1955, assim como meus irmãos Cristina e Edson. Os outros dois, Fred, nasceu em Salvador e Ricardo em Olímpia (SP). Desde pequeno a gente vinha para a Bahia. Ficávamos três meses. A família em Conquista era enorme. Tinha fazenda, então ficávamos uma temporada lá e depois íamos para Salvador, onde moravam tios e primos.

O futebol veio antes do jornalismo.

O futebol tem muito a ver com o jornalismo pelo seguinte. Como eu era da rua, acho que para darem um jeito em mim, fui para o colégio interno, o Salesiano, em Campinas, 8 horas de trem de Olímpia. E foi minha primeira linguagem, porque enquanto aprendia a escrever, nesse colégio, tinha campos de futebol e cinema. Fiquei fascinado. Nunca tinha visto imagem de cinema. Ainda era pequeno, não jogava. Quando mudo pra Bragança, jogava muito futebol na rua. A minha paixão me levava a jogar em Vila Aparecida, Taboão, Lava Pés, bairros populares e conhecia gente.

Saí da bolha dos meus colegas de colégio em Bragança. Então, o futebol me levava para um outro mundo. O meu mundo era da cidade, do Clube Literário e Recreativo, que é outra coisa importante também. Como meu pai era torcedor do Bahia e se tornou torcedor do Santos, (porque o Bahia ganhou em 59 o famoso título nacional) então nasci, cresci com essa história de dois times.

Como era lidar com o ambiente conservador do interior de São Paulo, isso determinou sua mudança pra Bahia?

Acho que existia um preconceito. Imagina, primeira ou segunda geração de italianos, do sul, conservadores. Na rua que morava só tinha Tatali, Bonucci. Acho que foi muito importante essa coisa da fala em casa: Jorge Amado, Ruy Barbosa, Dorival Caymmi e a importância que tiveram para qualquer, aspas, nordestino ou baiano em São Paulo. A partir de 1965, 66 tinha um programa na TV que, se me lembro era “A palavra é”, onde você debatia qual era a música que aquela palavra evocava, e o Caetano Veloso e Chico Buarque, ganhavam quase sempre. Aí vem os festivais da Record, Caetano cantando “Alegria, Alegria”, Gilberto Gil “Domingo no Parque”, e meus pais orgulhosíssimos. Aquilo ali foi uma espécie de contraponto



 **SALVADOR**

AS OBRAS DO **VLT** AVANÇAM

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**

àquele conservadorismo hiper preconceituoso que existia. Quando adolescente, em Bragança, frequentava o Clube Literário Recreativo. Lá, lia muito jornal porque tinha exemplares da Folha de São Paulo e Estadão. Além disso, meu pai comprou um rádio Transglobe e Fred se apoderou. Negociava comigo, eu tinha que dar um chocolate para ele me deixar ouvir. A gente ouvia muito futebol, inclusive do Rio de Janeiro. Estávamos muito ligados além daquele mundinho dali. Líamos também o Pasquim, Movimento, Opinião, ainda muito moleques, mas eu não tinha noção que ia fazer Jornalismo. Na minha santa ignorância dizia que ia fazer Psiquiatria, que era na verdade Psicanálise, mas aí descobri que Psiquiatria precisava fazer Medicina e tinha que passar pelas [Ciências] Exatas. Abandonei o projeto e optei por Comunicação, que era mais fácil. Na verdade não era. Havia uma concorrência grande na época, mas era mais fácil para mim, porque era um território que, pelo menos, sabia o que estava acontecendo.

E o que determina a sua entrada em jornal? Como foi isso?

Eu e Fred resolvemos fazer vestibular na UFBA, em Salvador. Ele passou em Economia, eu em Jornalismo na Facom. Ivone Jamal, sobrinha da minha mãe, trabalhava na Reitoria e deu a dica que tinha uma coisa (não me lembro o nome) que chamavam “Salário educação”, uma bolsa, que você pagava trabalhando, a gente recebia como se fosse o [programa] “Pé de meia”. Ganhava um crédito educativo. Então, eu pagava trabalhando na Assessoria de Imprensa da UFBA. Até que em 76, ano de eleição municipal, o professor Otto Jambeiro me ajudou a conhecer Salvador, porque ele tinha o Escritório de Estudos de Opinião Pública, ESOP, e apliquei pesquisa eleitoral na cidade inteira, nos bairros de São Cristóvão, Uruguai, Pau da Lima.

Você já estava na faculdade?

Já, entrei em 74. Estava no segundo ano e trabalhava nessa assessoria cobrindo artes e espetáculos. Então, em 77 ou 78, quando a sede da sucursal do Jornal do Brasil vai ser inaugurada, Carlos Ribas, que trabalhava na Globo, me deu um toque: “tem uma vaga de estagiário na Rádio JB”, em Pernambués. Peguei um ônibus, fui lá. No dia da estreia da rádio, estava com Ana Maria Machado, que é da Academia Brasileira de Letras, e Procópio Mineiro, que dirigiam a emissão.

ra. O trabalho era o seguinte: você apurava, escrevia e os locutores liam. Lembro que a minha estreia também foi “gloriosa”. Havia dois abades no nosso Mosteiro de São Bento, Dom Jerônimo e Dom Timóteo, e morreu o primeiro. Eu chegava 6 e pouca da manhã, fazia ronda, delegacia, bombeiro, as notícias da cidade do dia e tinha morrido o abade. Ligo para o mosteiro e pergunto: “quem morreu?”. Então, [Dom Timóteo] responde, “quem morreu não fui eu, foi Dom Jerônimo”. Na hora, só via a Ana Maria, o Procópio e todo mundo se escondendo. Porque a pergunta foi um desastre. Bom, a redação do Jornal do Brasil era um ofidário: Florisvaldo Mattos comandava a sucursal, Vitor Hugo Soares dirigia a redação do jornal e Estevam Dulci, cuidava da rádio. Fiz seis meses de estágio na rádio, quando venceu, estagiei na redação do Jornal do Brasil. Vitor Hugo, importantíssimo, muito legal, ensinando muito e tinha um timaço: Symona Gropper, Roberto Gonçalves, Luiz Faustino, Paulo Renan. Depois, Raimundo Lima, Antônio

Jorge Moura, fotógrafos Arthur Ikishima, Gildo Lima.

Era uma redação enorme.

Imagina você ter sete repórteres na sucursal do JB. Estadão, tinha quantos? 4,5? O Globo, também. Então, a sucursal era um lugar mais legal para você trabalhar. Óbvio que você tinha uma liberdade infinitamente maior, ainda na ditadura. Lembro que teve uma daquelas manifestações, que duravam 7,8 horas, pau quebrava e gente ia de meio-dia até a noite. Numa delas acabei dentro do Colégio da Bahia, o Central, e tinha um hospital em frente, teve bomba, pedrada, gente presa, foi um pau! E eu escrevendo pá, pá, pá, mandei bala, me lembro até hoje que tinha uma frase do [deputado] Chico Pinto sobre a tempestade proletária que estava a caminho, isso aí no tempo da ditadura e entrou tudo no ar. No dia seguinte a Ana Maria fala: “como diz o sábio cearense Fagner, ‘manera fru-fru, manera’! Os homens estão no poder, e que poder!”



► Reportagem na IstoÉ, mostrando os horrores da guerra na Somália.

▼ O jovem Bob começou a estagiar na Rádio Jornal do Brasil, em Salvador.



▲ O “peladeiro” da adolescência encontra Pelé, o rei do futebol.

FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



► Na cola de Tancredo Neves durante a campanha para presidência da República no fim da ditadura.



◀ Falando no Congresso em sessão presidida por Ulysses Guimarães.

▼ Com Hugo Chávez, na época em que acompanhou o processo político na Venezuela.



Ô Bob, e teu apelido?

Clarinha, Maria Clara Chagas estava chegando do intercâmbio nos Estados Unidos e ela entrou na faculdade em 76. Começou a me chamar de Bob, que nos EUA tem negócio de Bob. Como pouca gente me conhecia, eu estava chegando à cidade, isso pegou.

Como foi sua transferência da imprensa baiana para a nacional?

Em 79 tranquei a faculdade e fui para o Rio tentar trabalhar na sede do Jornal do Brasil. Aí volto em dezembro porque tinha havido o “Choque dos Juros” do Paul Volcker, do JB, que tinha dívida em dólar, e o jornal começou a se ferrar. No dia que volto a Salvador, ligo para Vitor Hugo que falou: “Não tem vaga na sucursal. Pelo contrário, acho que a gente vai começar a cortar. Mas tem um cara chamado Ricardo Noblat, que assumiu a sucursal da Veja, que está querendo dois jovens para disputar uma vaga”. Na Veja Noblat falou o seguinte: “hoje o [Luís Carlos] Prestes chegou ao Brasil, vai fazer uma palestra no Colégio 2 de Julho”. Ele me apresentou a Angélica, a teletipista, e Gilberto, motorista. Disse que eu deveria ficar na redação até o Jornal Nacional acabar. “Se não acontecer nada você vai embora e volta amanhã pra gente conversar”. Eu tô assistindo ao jornal local,

antes do JN, e sai a notícia: “fugiu da prisão o Comissário [Manoel] Quadros”. Peguei o material que tinha no arquivo, liguei para Faustino, do Jornal do Brasil, que me mandou pelo telex o material que o JB tinha. Liguei avisando Augusto Nunes, o editor de Nacional na Veja São Paulo. “Estou conversando com o Noblat, acho que vou trabalhar aqui”. Ele fala, “então pede para ele mandar para mim amanhã cedo”. Eu, “se você quiser, mando agora”. Ele, “tá bom”. No dia seguinte Noblat chega: “pô, cara, o Augusto Nunes falou, que você mandou bem”. Depois, Noblat fala, “só me explica uma coisa, como é que o seu nome tá nisso aqui?” Era um convite para a inauguração do Club Mediterranée, em Itaparica. E eu, “o cara do Mediterranée ligou, perguntou o nome, aí falei!” Mentira! O cara perguntou para quem mandar o convite e dei o meu [risos]. “Tudo bem, então você vai fazer, se fizer errado, azar seu”. Fui com o fotógrafo Luciano Andrade. Quando chego na ilha, cara, um tabaréu, era uma coisa tão feérica, tão fantástica, nunca tinha visto nada parecido na vida. Aquilo pra mim era ficção. E a matéria saiu. Tinha outra pessoa disputando a vaga, mas eu fiquei. Quando teve o quebra-quebra dos ônibus em Salvador, [em agosto de 81], Noblat tava em São Paulo. Cobri na rua vendo tudo. Noblat chega na segunda-feira: “ficaram pé da vida porque

a cobertura foi parcial”. Falei que estava na rua com o Luciano cobrindo e o que saiu na revista era a versão do Antonio Carlos Magalhães, que passou pelo telefone para alguém.

Então, ainda estamos dentro do ambiente de censura.

Mas não é censura, é um jornalismo à brasileira. Depois, [na verdade a greve da PM foi em março de 1981, antes do quebra-quebra dos ônibus] dois tenentes da PM tomaram tiros de fuzileiros navais [um morreu, Valmir Alcântara dos Santos]. Eu estava muito próximo acompanhando tudo na rua. De novo, saiu a versão...[oficial]. Foram dois episódios. Então, comecei a fazer matéria de comportamento: Abrolhos, Morro de São Paulo, Trancoso, porque, falei, esse negócio aqui era o dia do “não fui eu”, segunda-feira. Qual era a matéria de política? Eu mandava o relatório e não tinha poder nenhum. Matéria com Dom José Rodrigues, bispo de Juazeiro, por exemplo. Lembro de ligar para Dom José, falando “não fui eu”. Ele, “sei como é a coisa”.

Censura.

Tinha leis na Veja: não podia pobre e preto, que as pesquisas diziam que o leitor não gostava. Lembro que estava em Porto Seguro, fazendo uma matéria, mas a deixei de lado, porque chegaram dois ônibus com pessoas idosas do Vale de Jequitinhonha [Minas Gerais] para conhecer o mar. Fiquei dois dias atrás deles. Tinha um senhorzinho de terno puído, que levou um garrafão, entrou no mar e pegou água. Porque como a maré subia, aquele negócio que ele aprendeu, “vou levar e *botá* no quintal, então a água vai subir”. Resposta da Veja: “não, isso é farofeira. Aqui em São Paulo tem muito”. Nem vendi a pauta, fiquei fazendo sozinho para ver. Mas a Veja tinha um puta departamento de checagem, então você tinha que ser muito preciso. Mesmo que depois podiam distorcer lá. Lembro até hoje discutindo porque eu chamava de Barra Avenida e o cara de lá, “não é Barra Avenida é a [Avenida] Princesa Isabel”. Eu falei, “tudo bem, Princesa Isabel, mas aqui a gente chama de Barra Avenida também, então tá valendo, entendeu?” Era nesse nível de detalhe, uma belíssima escola de apuração.

Que ano você vai para o Jornal do Brasil em Brasília?

Saí da Veja em julho de 82. Noblat que estava no JB em Brasília me chamou. Chego dia 2 de maio de 83 e o Jornal do Brasil ainda tinha uma cobertura ... [segmentada]. Por exemplo, o cara que cobria o Judiciário, escrevia em “juridiquês”, uma coisa incompreensível, e o Noblat naquela luta para mudar e nego esculhambando. Noblat me falou, “faz de conta que está cobrindo a educação, se joga, vai no que quiser”. Cobri educação de uma maneira que era muito delicosa. Cobri as reuniões da Comissão Nacional de

Educação. Eles ficavam horas discutindo, por exemplo, se podia usar ou não a imagem do Cristo Redentor no cartão-postal. Claro que eu fazia matérias de gargalhada. E começo a cobrir o Congresso da mesma forma. Eu ia para fazer o que chamava de o “perfilzinho”. E que a redação chamava de “viadagem”, que era ver o que acontecia e escrever o que quisesse. Então, todas as grandes coberturas de emendas, Diretas Já, eu estava solto. Você fazia sua pauta.

Já era matéria assinada?

No JB sim. Na Veja, assinei duas ou três matérias. Era assim, [na matéria sobre] “A Guerra do Fim do Mundo”, do Vargas Llosa, [livro baseado na Guerra de Canudos] fiz o caminho dele até lá. Histórias sensacionais do Vargas Llosa no sertão. Ele tá numa pousada, o pau quebrando embaixo, berreiro, música tocando, diz que ele chega na sacada, de roupão cor de lilás e fala “*qué pasa?*”. Imagina o Vargas Llosa, um lorde, no sertão da Bahia. Aí a matéria chega, assinada por Marília Pacheco Fiorillo. Foi um puta trabalho meu e saiu assinada pela pessoa que leu o livro do Vargas Llosa, que pouco fez.

No JB você ganha espaço.

Lembro da história de um cearense que caiu num buraco no Comercial Norte de Brasília, na época quase despovoado. Ele foi descoberto porque uma mulher estava caminhando com o filho pequeno e o filho ouviu os gritos, “é fantasma!”. Quando cheguei o cara



FOTO: ERNESTO MARQUES

Histórias sensacionais do Vargas Llosa no sertão. Ele tá numa pousada, o pau quebrando embaixo, berreiro, música tocando, diz que ele chega na sacada, de roupão cor de lilás e fala “qué pasa?”. Imagina o Vargas Llosa, um lorde, no sertão da Bahia.



▲ Além de ter ajudado a criar a Carta Capital, Bob realizou reportagens marcantes que renderam capas da revista.



saiu falando, “ia ser muito azar, sair do Ceará e morrer de fome e sede na *capitá federá*”. Fiz a matéria em “cearês”, na linguagem dele, mas deu um puta rolo! O pessoal da redação: “é preconceito!”. Preconceito, não! O cara fala assim! Mas isso não era o habitual. Noblat bancava e aí o Jornal do Brasil publicava. Pra ocupar o espaço, aprendi muito cedo, que você tem que ter uma pauta muito boa, melhor da que vão lhe dar, pois aí a pessoa vai falar, “essa pauta é melhor do que a que estou dando”.

Qual foi sua primeira visão do jornalismo que se fazia na época?

Na ditadura você tinha que ter alguém falando, que eu chamava de “fontismo”. Alguém tem que falar, gente? Ora, não precisa ele dizer que a parede é branca, porque tô vendo que a parede é branca, pô. Cobri o plenário [do Congresso] e dizia. “Se vocês estão brigando e falando alto, isso é um espaço público, então vou publicar tudo que ouvi. Se você conversar comigo em *off*, nós estamos conversando em *off* rigoroso. Agora vocês berrando, se estapeando, vou descrever.” E isso não era uma norma. Era o que eles chamavam de “viadagem”, que é você contar o que está vendo.

E esse “fontismo” continuou?

Isso continua a piorar. Chamavam também “jornalismo agricultura”, que é a “plantação”. No recesso, que é janeiro, que está tudo vazio em Brasília, o cara

fica lá “plantando” [informações] e nego fica publicando. Nunca cobri a Porta do Pericumã [alusão ao Sítio São José do Pericumã, onde o presidente José Sarney passava os fins de semana] sabe? Fui uma vez, achava um horror aqueles plantões. Preferia ficar trabalhando em algum lugar. Era muito mais legal você se virar sozinho, caçando pauta e tinha espaço para isso. Preferia ficar até muito mais tarde trabalhando. Estava me divertindo, mas trabalhando. Para mim, diversão era estar no lugar [Restaurante Pianella] em que está todo mundo lá, o Ulysses Guimarães, o Paulo Brossard. Você fica conversando, o que é *off* é *off*, o que não é *off*, não é *off*. Diziam que o [Mário] Covas depois e o Marco Maciel antes, eram os “presidente e vice” do movimento dos “sem *lead*”, e não é verdade. Eles tinha a visão de longo curso. Você queria entender o que ia acontecer, Maciel desenhava para você. Covas era um jogador de xadrez. Cobri Covas na Constituinte, era o carrapato dele, no JB, assim como fui do Tancredo, na campanha a presidente, primeiro no JB, depois na Folha. Covas cantava o jogo, “um ano depois vai ser assim, assim”.

Em quais viagens você foi na campanha de Tancredo? E como era essa estrutura de viagem?

Fui em todas. A gente ia sozinho, um dia antes. Ia ter um comício na Paraíba, ia na véspera, conheci o país todo. Imagina, o jornalista tinha dinheiro para poder bancar... Via todo mundo, caía na farra, tal. E, no dia do comício, o Mauro Motoryn, ficava debaixo do palanque para dar dica para o Tancredo subir na hora que ele ia entrar ao vivo no Jornal Nacional, entendeu? Você vê como é que é o jogo casado. Subia a plaquinha, era o Tancredo que ia falar. Foi uma campanha extraordinária, como se fosse uma eleição direta. O Brasil saindo da ditadura e depois aquele episódio épico que foi a morte dele.

E quando disseram a Tancredo que Maluf ia ganhar?

No dia que ele foi lançado candidato, Soninha Carneiro, grande repórter na rádio, pergunta: “mas Dr. Tancredo, Maluf é candidato”. E Tancredo: “ele nunca enfrentou um profissional” [risos]. Vou contar uma das formas como Tancredo usava a gente. Um dia, no Hotel Nacional, Tancredo chega, estávamos eu do JB, [Jorge Bastos] Moreno, do Globo e Rodolfo Fernandes, do Jornal de Brasília. “Olha, é *off*, hein?”, imagina o Tancredo dando um *off* na presença de oito? “O Figueiredo está querendo fazer uma mudança, vai tirar o Leitão de Abreu da Casa Civil, vai voltar o Delfim Netto”. Três horas depois, o Congresso estava desmentindo o *off*, que é claro que aquilo vazou por tudo quanto foi lado. No dia seguinte, ele chega para gente e fala, “e aí vamos falar em *off*? Que é a maneira mais segura de pôr a par o país inteiro de quem falou o quê, como, porquê e onde”. Era um jogo que você ia aprendendo.

Como foi a descoberta da doença de Tancredo?

Eu conhecia todos os caras, [do *staff* dele] muitos PMs. E a gente lançou o livro sobre a eleição do Tancredo no dia 13 de março, dois dias antes da posse. Só que eu e José Negreiros chegamos atrasados. O Sarney já tinha passado lá para autógrafo, e o Negreiros era maranhense, quis falar com ele. “A gente toma o café da manhã, aproveita a desculpa para conversar com ele.” E fomos à noite para o Restaurante Florentino, Negreiros, eu, Noblat que recebe uma ligação e anota em um papelzinho: “Divertículo de Meckel.” Era o Nascimento Brito [diretor do Jornal do Brasil]. Ligou pra Noblat dizendo que Tancredo vai operar no negócio chamado divertículo de meckel. Ligamos para um médico que explicou sobre a doença, mas passou uma hora, ninguém sabia de porra nenhuma, não tem como apurar. O dono do JB ouviu lá no Rio, pode ser um boato, tal, mas ficamos naquilo. No dia seguinte, eu e o Negreiros fomos à casa do Sarney. Lembrei e falei “ontem à noite, a gente ouviu...” Sarney tomou um susto: “o Brasil não suportaria uma coisa como essa”. E ele, de fato, não sabia. Só soube na igreja Dom Bosco na hora da missa, no final da tarde, no dia 14. Bem, aí, dia 14, à noite, estou na redação 8 horas, festa na cidade, o Negreiros, chefe de reportagem, diz: “não consegui falar com nenhum dos três comandantes [do *staff* de Tancredo]”. Ligo para um hotelzinho, daqueles pequenos de Brasília, na Asa Norte, cadê o pessoal? A menina que atendeu disse que uns dois deles saíram apressados. Aí corri para o Hospital de Base, o Tancredo tinha acabado de dar entrada e o hospital fechou minutos depois, não podia entrar ninguém. Fui para uma salinha, o Aluizio Alves, ministro da Administração, estava lá. Ele acabou sendo a fonte. Descia até onde estava sendo a operação, voltava, me contava, eu ligava para o Jornal do Brasil e passava, mas não vi, não fui até a sala, fiquei lá em cima.

Fala-se muito que essa operação de Tancredo foi uma operação onde havia muitas pessoas.

Exatamente. O Aluizio, por exemplo, não sei se ele entrava na sala, mas descia para receber informação. Obviamente, entrou, ou falava com alguém que estava entrando, porque voltava para dizer, “está acontecendo isso”. Aí tem aquela cena da foto [de Tancredo com os médicos] e ele vai para São Paulo. Eu e o Negreiros viajamos na mesma hora e entramos deitados no fundo do carro do Fernando Henrique Cardoso, quando ele entrou no hospital, o que deu um puta rolo. Quando o Moreno e o resto do pessoal descobriu que a gente estava dentro do hospital, reclamaram. “Entrou?! Não pode!” A partir daí me hospedei no Caesars Park, porque lá estavam os seguranças, todos, Dona Risoleta, Aécio. Quer dizer, a informação estava dentro do hotel. A porta do hospital, era o show, para fazer imagem, câmera, televisão. Mas a informação ou era o boletim médico ou dentro do hotel.



FOTO: ERNESTO MARQUES

O Ronaldo passa lá no fundo com meia garrafa de Coca-Cola. Tinha tomado a metade de uma Coca-Cola em uma Copa do Mundo. Falei, porra, como é que pode um jogador fazendo Copa do Mundo, acima do peso, tomando Coca-Cola?

O repórter precisa ler o mundo que está à sua volta.

O que me interessava eram as pessoas, as personagens, porque se você entende o personagem e o que está acontecendo, você está contando [uma história]. O cara pode estar dizendo uma coisa completamente diferente do que é. Por exemplo, numa Copa do Mundo. O Ronaldo tá gordo, o Ronaldo tá magro. Aí está tendo entrevista todo mundo entrevistando um jogador, não o Ronaldo. O Ronaldo passa lá no fundo com meia garrafa de Coca-Cola. Tinha tomado a metade de uma Coca-Cola em uma Copa do Mundo. Falei, porra, como é que pode um jogador fazendo Copa do Mundo, acima do peso, tomando Coca-Cola? Então a crônica era o Ronaldo tomando Coca-Cola. O humano está nessas coisas, é o que acaba contando história. A frase é importante, a informação, o bastidor, mas o humano é o melhor.

Após a morte de Tancredo, você escolhe voltar pra Bahia?

Não. Aquilo foi tão chocante, tão exaustivo, a doença, a morte. Fui pra Amazônia fazer matéria de tráfico, o escambau. Tô lá, me liga Noblat. “Larga essa porra, você vai colar no Covas e não larga até acabar a Constituinte”. Bom, fui falar com ele, que conhecia de vista. Ele falou, “de mim, você nunca vai ouvir nada sobre algo que tenha acontecido numa reunião fechada, se você quiser saber, procura o Fernando Henrique, o [José] Serra e o [Nelson] Jobim, que eles

contam tudo”. Falei “isso, eu já sei!” [risos]. Mas o Covas, era outro que enxergava longe: na campanha de 89, disse: “não vou para o segundo turno, mas quem vai não é o Brizola, não, quem vai é o Lula e sabe o que vai acontecer? Vou apoiar o Lula e o ano que vem vou perder a eleição em São Paulo, que o meu eleitor não aceita que eu vote no Lula”. Dito e feito, perdeu a eleição de governador para o [Luiz Antônio] Fleury em 1990.

Você passou um tempo na IstoÉ e depois foi para os Estados Unidos. Como foi essa transição?

Foi uma espécie de prêmio que me deram pela cobertura dos subterrâneos do poder na época de Collor e do tesoureiro da campanha dele, PC Farias. Fui cobrir a campanha do Bush pai, pela IstoÉ. Ser correspondente nessa época, era muito bem pago. Era um puta de um prestígio. Hoje em dia você cobre pelo telefone, pelo celular. A disputa era entre Bill Clinton, Bush e Ross Perot, candidato independente. Dali fui para a guerra da Somália, um ano antes da invasão americana. A coisa da Somália foi muito impactante, porque você está numa guerra que não tinha Estado, não tinha polícia, bombeiro, nada. Bem, aí eu volto quando o Mino Carta sai da IstoÉ e a gente monta a Carta Capital.

Conte sobre sua virada pra internet.

Quando resolvi sair da Carta Capital na década de 2000, já falava com o Mino, pra fazer a Carta Digital. Acabou que a gente demorou um pouco, não fi-



FOTO: ERNESTO MARQUES

Criamos o Terra Magazine que chegou a ter 40 colunistas no Brasil. Fizemos durante 2 anos e meio uma revista diária eletrônica em língua espanhola, dos Estados Unidos ao Uruguai, com os dois melhores jornalistas de cada país.

zemos. Mas eu já tava com aquilo na cabeça. Saí em 2004, fiquei uns meses escrevendo a cobertura de Hugo Chávez, contragolpe da Venezuela e o Zé Roberto Toledo do [portal] Terra me chamou. O Terra não tinha muito jornalismo, tinha mulher pelada, jacaré comendo cabrito. E ele queria uma outra coisa. Eu falei, olha, se fizer uma revista independente, que eu faça fora do Terra, que dirija e monte a equipe. Fiz um grande acordo com ele e criamos o Terra Magazine que chegou a ter 40 colunistas no Brasil. Fizemos durante 2 anos e meio uma revista diária eletrônica em língua espanhola, dos Estados Unidos ao Uruguai, com os dois melhores jornalistas de cada país. E tinha o pacote do New York Times também. Então você tinha [artigos de] Gorbachov, Naomi Klein, Paul Krugman, era um timaço.

E a história de Lula e Ronaldo que derrubou o servidor do Terra?

Na copa de 2006, o presidente Lula, conversando com os jogadores e com o [técnico da seleção Carlos Alberto] Parreira, disse: “todo mundo fala que o Ronaldo tá gordo, eu encontro com ele, acho que ele tá normal, mas ele tá gordo ou não?”. Aí vão para o Ronaldo, que diz: “todo mundo diz que o Lula bebe, ele bebe ou não bebe?”. Virou um puta de um escândalo. E eu falo com o André Singer, porta-voz de Lula, “rapaz, acho que deveria mandar uma nota, alguma coisa, a primeira cópia é minha, né?” Quando chega a resposta do Lula, “não, que isso? Deixa disso, não sei o quê”, alguma coisa assim, publiquei no meu blog. O Terra Magazine era uma coisa à parte que fazia para o Portal Terra, só que o servidor do Terra não suportou, porque entraram 3.000.000 de pessoas na mesma hora. Aí caiu tudo, caiu o Terra inteiro, quer dizer, caiu porque entraram 3.000.000 de uma vez só.

O Google mexeu no algoritmo no seu canal “Bob Fernandes” do YouTube?

Esse é um duelo com as *big techs*. Tem um mistério dos algoritmos que você não sabe exatamente como é que você é remunerado. Tive alguns embates com eles e o que você deve estar se referindo é o seguinte, o Toninho Prada rastreou como é que a cloroquina veio da França para o Brasil durante a pandemia. Quem trouxe para o Brasil, o empresário, BNDES, com o nome de tudo. No dia seguinte que sai a informação, o YouTube tira do ar. Primeira e única vez que tirou do ar. Aí Mônica Bergamo, Juca Kfoury, o Gregório Duvivier, todo mundo entrou dando porrada. Na segunda-feira, eles me chamaram para conversar, pediram desculpas, inclusive mandaram uma desculpa pública. Disseram que o YouTube tem uma forma de mediação que é um comitê humano, que olharia com mais cuidado. Na época da CPI da Covid, [diretores do YouTube] foram convocados para depor e tal. Aí a gente entra num território, que eu acho que é o que o mundo está falando agora: ou esses caras serão regulados ou nós

estamos perdidos, porque essas *big techs* juntas, não têm menos do que 8 ou 10 trilhões de dólares. Esses caras com 10 trilhões de dólares, que é 4 vezes e meio o PIB do Brasil, estão armazenando todo o conhecimento do mundo e inteligência artificial. Se você juntar na mão de meia dúzia de pessoas, de corporações, todos os dados do mundo e com a quantidade de dinheiro espantoso, nós vamos ver o que nós estamos vendo, e assistindo agora, com o [Mark] Zuckerberg apitando, dizendo que tem que fazer isso, que pode fazer tudo. É hiperperigoso para o jornalismo e é vital para o mundo que você tenha uma regulamentação disso. Quem não acredita nisso, não sabe o que está falando. O jornalismo está sofrendo uma barbaridade, porque qual é a moeda das *big techs*? É a velocidade, a audiência. Isso impõe ao jornalismo a velocidade que é incompatível. Porque o escândalo que você publicou de manhã, se a audiência cai à tarde ou no dia seguinte, ele morreu, então nem o leitor, o consumidor, o espectador tem a capacidade de refletir sobre aquilo e aprender sobre aquilo, nem quem está fazendo.

Muitos países já têm aprovado leis de contenção.

O *Financial Times* fez uma matéria dizendo que esse confronto era um dos definidores do que será o século 21, porque ou terá uma contenção ou o mundo vai ser uma coisa absolutamente incontrolável. Já é. E você vê uma cobertura que é absolutamente anódina. Pra quê tinha que ouvir todo dia o Bolsonaro? Que ele chorou, não sei o quê. Quer dizer, como é que você apenas reproduz? É o fontismo de novo. Durante dois meses, com a ajuda do Wagner Teles, mergulhei em centenas desses canais bolsonaristas, Bolsonaro no auge, 2019, para ver como é que a máquina funcionava. Tem uma cena que o Bolsonaro está transmitido pelo Oswaldo Eustáquio, em um domingo à noite, para 3.000.000 de pessoas. Publiquei isso, Bolsonaro de sandália havaiana, camiseta laranja, na biblioteca do Palácio da Alvorada. Robertão Jefferson, Tony de Paula falavam barbaridades, atacavam o Supremo, uma coisa de criminoso. Robertão, diz o seguinte, “está na hora de tirar a poeira dos nossos revólveres para atacar”. Isso é crime, gente! Isso não é jornalismo. Ah, é liberdade de expressão. Tudo bem, então posso dizer sobre quem está falando isso, que a mãe dele roubou o cofre, e aí ele vai gostar? Não. Todo jornalista sempre soube qual é o limite do que você tem para provar. Você tem prova de um crime, publica. Não tem prova para você falar o que você quer, e vem dizer que isso é liberdade de expressão?

O jornalismo tá numa crise de grandes proporções no mundo. Uma parte você acabou de falar. Você hoje faz um tipo de jornalismo que foge do padrão dominante, que é o padrão da velocidade, e você faz um tipo de intervenção que é o discurso longo. No canal “Bob Fernandes”, faço um programa em

parceria com a Rádio Metrôpole. O programa é meu, transmitido pela Metrôpole. E no primeiro programa, com o Janio de Freitas, (o Sérgio Augusto ainda não estava) e o Mário Kertész, eu disse o seguinte: nós somos a infantaria do “anticliquismo”. Isso é proposital. Às vezes acho que podia fazer um pouquinho menor, mas é de propósito, porque se você se render a essa velocidade, nós estamos perdidos. Penetrar nessa velocidade, na contramão, é ótimo. Ah, mas está muito longo. Ninguém é obrigado a ver.

Mas está se conseguindo chegar ao público?

Tenho 850.000 pessoas nas redes sociais, 325.000 no canal no YouTube. Se eu quiser ter 1.000.000, é muito fácil. Sabe o que faz? Você faz um cortezinho de um bate-boca no Congresso e fica publicando os cortezinhos sem falar nada. Eu vou ter um trilhão de pessoas.

Agora isso acontece no momento de retração.

Retração, porque não é possível você competir, por exemplo, com quem comprou a *Time Warner* por 74 bilhões de dólares. E o irônico disso tudo é o seguinte: a imprensa brasileira, que sempre foi absolutamente contra a regulação, agora precisa da regulação, está sofrendo na pele aquilo que sempre teve. O Sarney era dono da Globo, o Collor era dono da Globo, o Jader era, todo mundo era dono da Globo. E a gente a vida inteira via aqui na Bahia, o ACM, entende? Aquilo que eles recusaram a vida inteira, agora estão sofrendo na pele. ■



FOTO: ERNESTO MARQUES

E o irônico disso tudo é o seguinte: a imprensa brasileira, que sempre foi absolutamente contra a regulação, agora precisa da regulação, está sofrendo na pele aquilo que sempre teve. O Sarney era dono da Globo, o Collor era dono da Globo, o Jader era, todo mundo era dono da Globo.



auditório

SAMUEL CELESTINO



TRAGA SEU EVENTO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.

Um espaço multiuso, climatizado, ideal para encontros corporativos e atividades culturais.







Quem passa por aqui se encanta com essa vista!

FAÇA A SUA RESERVA

(71) 9 8426-1460 | secretaria@abi-bahia.org.br



Salvador, Edifício Ranulfo Oliveira, Rua Guedes de Brito, 1 – Praça da Sé



FOTO: CAIO VALENTE

Aos 14 anos, Vera Martins foi convidada para estagiar na Tribuna da Bahia. Não tinha planos de ser jornalista, mas alfabetizou-se cedo, experimentando o gosto pela leitura desde a infância. A mãe fez questão de garantir as melhores condições de educação para ela e os irmãos. A adolescente Vera estagiou dois meses na Tribuna. Não ficou por causa da pouca idade. Depois foi para o Jornal da Bahia, onde João Carlos Teixeira Gomes, o Joca, resolveu contratá-la devido à qualidade do seu texto. A partir daí decolou. Passou um ano estudando na Alemanha e, quando voltou, entrou na sucursal da Revista Manchete. Depois trabalhou nas TVs Aratu, Bandeirantes, Itapoan e Educativa, além de assessorias. Nos anos 70 e 80, a jovem jornalista teve de enfrentar o machismo das redações, onde poucas mulheres trabalhavam. Perseguida politicamente, encontrou porto seguro na Faculdade de Comunicação da UFBA, onde lecionou e fez mestrado. Ela conta sua trajetória neste depoimento a Ernesto Marques com as participações de Jaciara Santos e Aurora Vasconcelos.

Vera Martins

O jornalismo sobrevive

se for encarado com essa responsabilidade social de *falar a verdade, descomprometido de interesses políticos e comerciais*

Onde você nasceu?

Nasci numa cidadezinha do sertão da Bahia chamada Central, mas minha mãe veio para Salvador dar estudo para os filhos, seu maior objetivo. Sempre ouvi isso desde criança: “Casamento não é o principal, o principal é você ter um estudo, para ter uma independência, não precisar de homem”. Minha mãe era professora primária, uma das poucas dessa cidade. Conseguiu se formar com muita dificuldade, porque naquela época, naquele lugar, não havia absolutamente nada. Ela e só mais duas que eram professoras. Tinham estudado no colégio interno de americanos. Iam a cavalo. A família do interior, não vou nem dizer que era humilde, porque era mais que humilde, todo mundo vivia de roça mesmo. Meu pai ficaria satisfeito se a gente tivesse concluído o ensino médio. Para minha mãe, não. Lá em Central, quando inauguraram o ginásio, a escola era na casa dela, que dividiu a turma com mais de 80 alunos para alfabetizar. Ela me deu 20 alunos e com 6 anos também comecei a ensinar.

Quando é que você veio para cá?

Em 1962, com 6, 6 anos e meio. Aqui me matriculei na escola pública Góes Calmon. Para entrar com minha irmã, foi um problema, a gente vinha defasada. A diretora da escola achou que não podia ficar no 4º ano. Só que, quando chegou o final do ano, fui eleita a melhor aluna. Ganhei um livro de Ruy Barbosa. Desde o início, também, eu tinha um quê de rebeldia. Com 12, 13 anos de idade, era líder estudantil, fui presidente do grêmio. Então mudou tudo, porque depois virei comunista.

Ainda virou comunista?

Sim, da AP [Ação Popular, grupo marxista de guerrilha]. Cheguei a me filiar nos meus 12, 13 anos de idade. Já peguei 1968, as passeatas. Conheci Emiliano José antes de ser jornalista. Eu participava das reuniões para [organizar] assembleias, passeatas. O quartel-general era o Central, Colégio da Bahia, que era onde estavam todos os líderes estudantis.

Quantos filhos sua mãe teve?

Cinco, sou a segunda. Um morreu, foi a grande tragédia da minha vida também, porque era radialista, trabalhava na TVE, teve um câncer, e foi muito, muito difícil. Tinha 23 anos. Assim ficamos quatro: eu, Acácia, que é jornalista; outra irmã, que é economista; e há um que é médico.

Quem era a figura do Colégio Central que liderava?

Havia naquela época Dóris Serrano, um estudante chamado Mário, José Sérgio Gabrielli, que já estava entrando na faculdade (tinha saído do Central, mas na época fazia política estudantil). [José Carlos] Zanetti, sua mulher, Cleusa. Depois chegou Emiliano. Na época, ninguém contava que era ligado ao Partido Comunista. Para me cooptarem, ficavam tendo reuniões comigo, conversando e tal. Ouvia aquelas conversas de que o pessoal era ligado à China de Mao Tsé-Tung; outros, à União Soviética. Acabei achando que a China era a solução para o Brasil. Por causa da quantidade da população,[se o regime de lá conseguia alimentar todos, também a gente] ia resolver o problema da fome aqui. Então, um dia “joguei verde” mesmo porque ninguém abria, dizer que era comunista espantava. E eles brigaram entre si: “Já abriram para ela!”

Como entrou no Jornalismo?

Na rua em que a gente morava, nos Barris, um dia apareceu um repórter para fazer matéria sobre buracos. Eu tinha meus 13, 14 anos. Esse repórter era [José] Valverde e o pessoal lá disse: “Tem uma menina ali...”. Ele resolveu me entrevistar. Quando chega, estou escrevendo um artigo e conto a ele, que falou assim: “Você não quer fazer o estágio na Tribuna, não?”

Então, começou na Tribuna?

Sou “fundadora”. Foi ótimo fazer parte da equipe de Quintino Carvalho, que corrigia minhas matérias. Fui estagiar na Tribuna na época das férias escolares.

Mas você recebia?

Era estágio. Ela não remunerava nem repórter! Não recebia nem a caixinha. Saía para fazer as matérias com o meu dinheirinho. Mas para mim era um aprendizado, já era líder estudantil, tentava ler Marx, falava bonito. E Valverde: “Nem pensar em dizer a idade! Se perguntarem, diga que tem 17.” Um dia, estava na redação e o dono do jornal recebeu uns empresários do interior. “Quem é a repórter que tem aí para entrevistar?”, ele perguntou. E lá fui eu. O diretor perguntou: “Quantos anos você tem?”. Falei: “Tenho 17.” Ele, espantado: “Ah, não pode não! Isso vai dar problema



FOTO: OLDEMAR VICTOR

◀ Ao lado de Santa Dulce dos Pobres, entrevistada para a revista IstoÉ, em 1984.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

◀ Ficha de emprego com os dados da primeira contratação como repórter do Jornal da Bahia, aos 15 anos de idade. Vera tinha 14 anos quando começou na profissão, mas as empresas costumavam assinar a carteira bem depois.



FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

▲ Redação do Jornal da Bahia, 1971.

► Entre as lideranças feministas homenageadas pela Assembleia Legislativa no Dia da Mulher, 25.07.1989.



FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

▲ Fim da campanha eleitoral, cumprimento na diplomação do governador eleito, Waldir Pires.

FOTO: XANDO PEREIRA



▼ No gabinete da Presidência da República, na reunião de dirigentes de sindicatos de jornalistas do país com Fernando Henrique Cardoso para pedir a instalação do Conselho Nacional de Comunicação.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

pra gente!”. Fez um escarcéu. Bom, na época fiquei na Tribuna dois meses, fiz o estágio, fui embora para casa, mas achei ótimo. Depois vem um outro lá do Jornal da Bahia: “Não quer fazer um estágio no Jornal da Bahia?”. Respondi: “Quero!”

Que ano era?

Início de 1970. Parti para esse estágio no Jornal da Bahia, também sem pretensões. Fui apresentada ao chefe de reportagem, que mandou fazer uma matéria. No outro dia de manhã, chego e entra Fernando Vita: “Olha, a sua matéria, o pessoal soltou foguetes aqui!”. E dei uma bronca nele: “Faça isso não, porque estou começando, você pode até me deixar ainda mais preocupada.” Achando que ele estava fazendo piada. Ele disse: “Não! saiu na primeira página!”. Quando fui ver, a matéria saiu na íntegra, com chamada na primeira.

Sobre o quê?

A feira do [Largo] 2 de Julho, que ia acabar. Comecei a matéria relatando o depoimento de uma pessoa que estava muito sofrida porque a feira ia acabar. Matéria de tom humano. Lia os jornais do Sul, queria começar a fazer um lead diferente, criativo. Sempre tive essa preocupação. Bom, passou, continuei fazendo matérias. Havia um copy desk lá considerado o melhor, rí-

gido. Ele me chamou: “Em todo o meu tempo de copy, nunca vi um foca tão bom como você”. Lembro-me dessas coisas porque me marcaram, diziam: “Realmente, você deve fazer carreira”. Não estava pensando em nada disso. Minhas matérias saíam. Foram duas semanas. O pessoal demorava a contratar. Mariluce Moura foi contratada depois de nove meses. Um dia, Joca [João Carlos Teixeira Gomes, editor-chefe] falou: “É você a menina de 16 anos?”. Pegou uma pastinha que continha minhas matérias e me disse: “Nós estamos pensando em aproveitá-la”. Naquela época, minha mãe, com muita dificuldade, botou a gente para aprender inglês, francês, alemão. Não comprava roupa durante o ano para poder pagar, porque meu pai não pagava nada disso, pois achava que não era importante. Enfim, a conversa com Joca deu um nó na minha cabeça, porque não estava pensando realmente em ficar. Mas ter a oportunidade de ser repórter mesmo, de ser efetivada? Em casa, disse que ia receber salário e tal. Deu um nó na cabeça dos meus pais pela fama que jornalista tinha. Bom, acabei ficando, mas passei vergonhas. Um dia estava no jornal e ia sair para fazer as matérias, quando meus pais aparecem na redação para ver o ambiente. Gente, morri de vergonha. O pessoal dizia que não ia trabalhar à noite, mas as primeiras matérias que fiz, depois de contratada, foram à noite.

Que tipo de matéria?

Tudo que você imaginar. Por exemplo, Jorge Ben estava no auge e veio fazer um show aqui na Bahia. Não deu entrevista a ninguém, porque chegou à tarde e o show ia ser à noite. Bom, eu não podia trabalhar à noite, então perguntaram: “Você quer tentar?”. Respondi: “Vou!”. Cheguei ao Hotel da Bahia, subi no corredor dos quartos e passa um cara dizendo assim: “Quem é que tem uma agulha aí?”. Era ele. Falei que precisava fazer a matéria. E ele: “Mas não dá tempo!”. Respondi: “Já estou aqui.” E insisti, chata como sou para isso. “Só se você for comigo no carro”, disse ele. E fui. Começou o show, quando eram umas 20h30, voltei ao jornal, fiz a matéria, um texto leve. Quando abri o jornal, o pessoal na escola comentou e estava assinada. Matérias assinadas eram raras, quase um prêmio, tipo, a matéria está muito boa. Deram a matéria, com foto de Jorge Ben. Então a Tribuna pegou a matéria e botou na primeira página. Texto igualzinho, olha que safados!

Lembra-se de alguma situação complicada, desagradável, porque era uma mulher muito jovem?

No jornal, levava na brincadeira. Primeiro, havia pouquíssimas mulheres. Então, ficavam com muitas brincadeiras comigo. Diziam: “A menininha”. Não entendia, na época, que era assim, mas era: “Ah, tão bonitinha!”. E me abraçavam, não sei o quê, sabe? Havia muito disso. Mas nada grave. Porque a gente nem tinha essa preocupação de você denunciar, não existia isso. Não dava vez, cortava ou, então, levava na brincadeira. Certa vez fui entrevistar o antropólogo Valdeleir Rego, com uma fotógrafa paulista de 19 anos. Quando a gente ia saindo, ele falou assim: “O jornalzinho de vocês é de qual escola?”. Fechei a cara, falei: “É o Jornal da Bahia”. Fiquei ofendida.

E o movimento para que as mulheres pudessem usar calça, você lembra?

Sim. Lembro-me bem de uma menina que era do Diário de Notícias. Era daqui, mas morava em Brasília e usava calça. E a gente morria de inveja. Como ela usa calça e a gente não? João Falcão, [dono do Jornal da Bahia] comunista, progressista, não deixava usar calça comprida. Fomos conversar com ele, que ficou de pensar. Ainda houve outros episódios. Um deles foi com uma repórter estagiária muito bonita, tinha um corpo assim e tal. Todos os anos, a Arquidiocese co-

memorava o Dia das Comunicações Sociais, dava um coquetel para os comunicadores. Fui para lá e essa estagiária, Ana Maria Sanches, foi cobrindo, usando uma blusa, tinha duas mãos aqui [à altura dos seios]. João Falcão, presente no evento, chamou-a e mandou embora.

Ficou quanto tempo no Jornal da Bahia?

De 70 a 72, porque então eu ganhei uma bolsa para ir para a Alemanha.

Qual a lembrança que você tem do momento no Jornal da Bahia com a campanha “Não deixe essa chama se apagar”?

Marcante mesmo, mexeu com a comunidade. Houve uma campanha para aumentar assinaturas e elas cresceram. Eu era secundarista, ainda não estava na faculdade nessa época. Lembro que chegava à escola, as pessoas queriam saber! Joca fazia uns editoriais, você passava pela rua, na banca de revistas, o jornal estampado, as pessoas lendo. Lá dentro era burburinho sempre. Antonio Carlos Magalhães [governador à época] ligava, não sei se era verdade, usando o nome de Ataíde. Um dia Joca foi atender o telefone e falou: “Mandou-me tomar no cu!”.

E havia um clima de medo ou essa situação instigava mais a equipe?

Principalmente dos mais velhos [preocupados com o desemprego]. Naquela época eu não temia muito perder o emprego, estava começando a vida, mas certamente havia o risco de ser mandada embora, os salários não aumentavam. Uma foto registrou a gente escrevendo à luz de velas na redação porque haviam cortado a energia. Havia o aperto [de ACM] nos empresários, que não anunciavam no jornal, que ia sendo esmagado financeiramente, tanto que fez a campanha dos assinantes. Lembro-me da tiragem de 10 mil, mas 10 mil é pouco. Sei que cresceu muito. A campanha era: “Jornal da Bahia — não deixe essa chama se apagar. Assine o jornal”.

Do Jornal do Bahia, você foi trabalhar onde?

Aquela altura, ganhei uma bolsa da *American Field Service*, uma organização que foi criada nos Estados Unidos no pós-guerra para incentivar a paz mundial e levava jovens para os Estados Unidos. Lembro que estudava inglês e essa seleção era muito difícil, mas passei. Queria ir para Nova York, Los Angeles! E, nesse programa, em vez de

darem [bolsas] só para os Estados Unidos, saíram cinco bolsas para a Europa. “Você vai para a Alemanha!”, me disseram. Foi outra virada muito grande, porque nunca tinha saído da Bahia. Depois a correria para passaporte, documentos, roupa. Enfim, menos de uma semana depois fui para o Rio de Janeiro, passei em Nova York três dias, depois fui para a Bélgica no voo fretado que ia levar os que iam para a Europa. Da Bélgica fui para a Alemanha.

Ficou quanto tempo na Alemanha?

Um ano. Já falava inglês, aprendi alemão. Há outra história também; nessa época, eu estava fazendo política, a coisa já estava preta, mas tinha passado o AI-5, era 70, 72. Quando fui para o Colégio Central, era simpatizante da AP. Houve um dia em que prenderam 250 secundaristas. Até a dona da pensão que ficava na frente do Central prenderam. Mas era gente que tinha a ver e que não tinha também. Um colega chegou ao Jornal da Bahia e falou assim: “Sinal vermelho!”. Dei uma desaparecida. Era um medo mesmo. Lembro que tocava a campanha e você ficava esperando [o pior].

Antes ou depois de você ter ido para a Alemanha?

Antes. Não fui presa, mas invadiram a sede do grêmio da escola, quebraram tudo.

Quando voltou da Alemanha, tinha algum ativismo militante ou foi direto para o jornalismo?

Quando voltei, pegaram as coisas que trouxe, vim com o pôster de Che Guevara, livros de Lênin que havia comprado quando fui à Alemanha Oriental. Na Europa, estava num lugar onde eu não tinha medo, porque, nessa época, no Brasil, você não podia conversar com alguém, porque podia ser um agente do DOPS. Havia gente infiltrada nas escolas. As reuniões políticas eram, às vezes, no Farol da Barra dentro de carro domingo à noite, porque lá só havia os burgueses e a gente achava que ninguém ia desconfiar. Ali, dentro do fusquinha, seis pessoas com documentos para a gente discutir se devia ser a guerrilha ou não, sabe? Me poupe também (risos)! Uma vez me deram para guardar A Voz Operária, aquele jornal comunista. Um homem foi seguindo a gente pela Rua Chile, entrei na livraria e o homem lá de pronto, dispersamos, Emiliano foi para um lado, eu para o outro. Então era assim, sabe? Bom, lá na Alemanha respirei. E, de certa forma,

também vivi o ambiente. Por exemplo, os filmes que aqui eram proibidos, lá ia ver. O Último Tango em Paris. Foi proibido aqui e lá fiz questão de ver. Você podia ler livros, revistas, notícias que no Brasil eram todas censuradas.

Você volta da Alemanha e vai para impresso?

Voltei sem emprego. Queria fazer vestibular para jornalismo e passei. Aconteceu outra coisa também interessante. Nesse tempo, a Manchete estava começando, não tinha sucursal ainda em Salvador, só um correspondente. Então entrou o Carlos Olímpio, que estava montando a sucursal e me chamaram para cobrir as férias do correspondente. Naquela época, Bob Kennedy [senador americano] foi assassinado e o filho dele estava na Bahia. Mas ninguém o tinha entrevistado, ele estava viajando com uma menina baiana da família de Clemente Mariani. O fotógrafo que trabalhava comigo era Lázaro Torres. Durante uma semana a gente saía à noite, procurando onde é que [o rapaz] podia estar. Deu sexta-feira, a gente não o encontrava em lugar nenhum. Lázaro já não aguentava mais, o motorista criando caso porque queria ir para casa. Sábado, ainda fiquei insistindo. O Mercado Modelo estava no auge: nas manhãs de sábado havia aquelas batucadas. A gente entra no Mercado Modelo e exclama: “Ó o cara com a menina, de branco!”. Estava numa daquelas barracas. Cheguei perto falando

FOTO: CAIO VALENTE



As reuniões políticas eram, às vezes, no Farol da Barra dentro de carro domingo à noite, porque lá só havia os burgueses e a gente achava que ninguém ia desconfiar. Ali, dentro do fusquinha, seis pessoas com documentos para a gente discutir se devia ser a guerrilha ou não.

inglês, dizendo que era jornalista, ele respondeu umas coisas. Enfim, acabei fazendo a matéria. Todo mundo queria a matéria. Sérgio Gomes quis comprá-la para o jornal O Globo. Carlos Olímpio não vendeu a ninguém. Fui à Manchete, no Rio de Janeiro, levar a matéria, porque foi uma coisa interessante e tal. Bom, acabaram me contratando. E o salário? Olha, Paolo [Marconi] estava na Veja, ganhava um pouquinho menos que na Manchete, que pagava o maior salário da Bahia.

Como era a sucursal da Manchete?

Ficava no edifício Bráulio Xavier [Rua Chile]. A revista era o carro-chefe da Bloch Editores. Tinha grande prestígio nacional. Quando fui à Manchete, no Rio, estavam Adolfo Bloch e Juscelino Kubitschek, que ia almoçar lá. Adolfo me apresentou Juscelino, [vestido] todo de branco. Quando a gente da Manchete ia fazer matéria, todo mundo nos recebia, porque era “a” revista. Geralmente, a gente fazia matérias mais para a Manchete e a Fatos e Fotos, que era uma revista mais factual. A Manchete era mais gráfica, fotos bonitas, coloridas, muita matéria. Adolfo Bloch era um gráfico russo. A Manchete tinha matérias que não saíam porque as fotos não estavam boas. Era a revista que mais vendia. Justino Martins era o redator-chefe, um homem poderosíssimo. De dois em dois meses a gente tinha uma reunião com os editores. Fiquei como chefe de reportagem aqui. Imagina, eu menina, com 19 anos.

Qual era a estrutura, quantos jornalistas, quantos fotógrafos?

Era só eu. Bahia e Sergipe. Havia um fotógrafo que não era contratado, o chefe da sucursal era Carlos Olímpio de Azevedo, que cuidava da parte financeira, de conseguir anúncios e tal. Havia também um carro com motorista que servia mais à administração, a gente o usava para fazer as matérias.

E você ficou quanto tempo lá?

Uns dois anos. Só um detalhe: naquela época, os grandes jornalistas estavam na Manchete. Quando eu ia a essas reuniões, no Rio de Janeiro, as minhas lembranças daquela época eram maravilhosas. Vinham o correspondente de Portugal, Lucas Mendes, Ruy Castro, Carlos Heitor Cony, Heloneida Studart, que foi deputada no Rio de Janeiro, era redatora. [Ricardo] Noblat era o chefe da reportagem de Recife. Fui ficando, mas depois queria outra coisa, sabe? Queria me levar para o Rio de Janeiro e acabei não indo.

De lá foi para onde?

A sucursal foi sendo desintegrada, então me convidaram para ir para a Bahiatursa, com o dobro do salário da Manchete. Era uma coisa nova. Não queria trabalhar em assessoria de imprensa, mas a Bahiatursa era diferente, porque lidava com turismo, que

não era visto ainda na Bahia como algo importante. Então ACM — a gente tem de dar [o crédito] a ele — foi quem teve realmente a percepção de que o turismo é uma atividade econômica, é uma indústria. Os outros achavam que era lazer. Convidaram-me, insistiram, fui montar a assessoria de imprensa. Tudo bem, ficava numa sala dividindo com o Sidney Rezende, que foi montar o departamento de publicidade. É a época em que [Carlos] Navarro, Césio [Oliveira], um bocado de gente, foram fazer a revista [da Bahiatursa].

Você já tinha se formado em Jornalismo?

Ainda não, concluí em 78.

Na Bahiatursa ficou até quando?

Fiquei oito anos. Sempre tive problema com autoridade, tanto que fui para a faculdade, o único lugar onde consegui ficar e assim mesmo tive também percalços. Nunca fui de chegar próximo, por exemplo, do chefe, dos diretores, de ficar amiga, ter grupo. E era muito rígida também na questão do jornalismo, que é uma função social, uma responsabilidade com os leitores, com a sociedade. Uma empresa de comunicação não é uma empresa como outra qualquer, você tem um compromisso, forma opinião. E, claro, donos, patrões e chefes estão preocupados com os seus empregos. Na Bahiatursa fiquei até ACM me demitir. Ele tinha tentado me tirar muitas vezes, sempre fui meio rebelde. Uma vez, o presidente da Embratur, Miguel Colasuonno, visitou Salvador. Convoquei uma entrevista coletiva no Palácio de Ondina, porque ACM era o governador. Depois do almoço seria a coletiva. Então Colasuonno depois veio me contar que ACM chegou e disse assim: “Por que aquela moça inventou isso?”. E ele respondeu que havia tomado a iniciativa de falar comigo, porque tinha umas informações a dar. Quer dizer, o cara era contra mim. Bom, fui demitida da Bahiatursa porque houve o manifesto do sindicato dos jornalistas pedindo eleições limpas. E meu nome estava lá. Fiquei com o nome marcado, porque ACM ganhou a eleição [para governador] e eu não entrava em canto nenhum. “Cria problema, não sei o quê”, diziam. Isso me acompanhou durante muito tempo. O presidente da Fenaj, Washington Mello, tentou reverter, porque eram quatro pessoas demitidas [na Bahiatursa]. As pessoas voltaram e meu caso não teve jeito. Mas foi um escândalo, porque era uma perseguição clara.

E sua entrada na TV Aratu?

A TV Aratu estava começando e era a época em que o Jornal Nacional tinha um esforço para virar um jornal de integração nacional. Convidaram-me para ir para lá e fiquei um tempo. Já estava no Jornal da Bahia, [a TV] era uma experiência, mas não quis ficar. Preferi o impresso. Bom, havia essa mudança na TV Aratu, José Amilcar assumindo o cargo mais poderoso da Bahia, que era o Departamento de Telejornalismo

da TV Aratu, que certa feita teve 100% de audiência. Naquela época, a Globo monopolizava a audiência.

Qual foi a sua experiência por lá até sua saída?

Experiência de muitos embates também. Quando assumia o lugar de Amilcar, nas suas viagens, nunca fazia contato nem falava com a diretoria. Ele tinha muitos inimigos lá. Na primeira vez em que assumi a chefia quando ele viajou, saiu notinha em jornal me elogiando. Mas nunca entrei nesse jogo, ao contrário. Então, para ele, mesmo a gente discordando politicamente, era importante eu ficar lá porque sabia que podia contar comigo. Naquela época, na ditadura, era o período do padrão global e até hoje, quando me lembro disso, me dá um embrulho [no estômago]. Por quê? Televisão não tinha o menor compromisso com a verdade, com o jornalismo, o negócio era ter menina bonita, não ter sotaque de baiano. Se tivesse sotaque de sulista, já estava contratada. Olho azul, sotaque sulista. Pronto. Se não tivesse uma estampa, muito dificilmente ia ser contratado. A Globo agora não, começaram a valorizar, porque viram que precisavam dos sotaques regionais para fidelizar a audiência.

Você sofreu assédio moral por ser uma mulher, ganhar mais e mandar nos homens?

Senti mais isso no meio impresso, quando voltei para o Jornal da Bahia. Sim, os homens são muito machistas. Fui a primeira mulher que ia ser chefe do departamento de telejornalismo [na TVE] e a primeira redatora-chefe de um jornal da grande imprensa, o Jornal da Bahia naquela época, então enfrentei muita coisa. A política era tão forte para mim, [que pensava] sempre muito mais na coisa política que assédio machista. Pois queria colocar nomes da oposição: um Rômulo Almeida, um Roberto Santos nas entrevistas, e não queriam. Certa feita na Aratu, em dezembro, aquela clássica matéria do ano novo e tal fomos ouvir Dom Timóteo, abade do Mosteiro de São Bento. A pergunta: “O que você gostaria para o ano novo?”. Ele: “Gostaria de uma anistia”. A palavra anistia era proibida em 79. Foi um deus nos acuda.

Você passou pela Bandeirantes e também pela Itapoan.

Sim. Na Itapoan foi uma experiência nova. Apresentei o “Câmera 5”, uma hora de entrevistas, de manhã cedo. Tive problemas também lá com o Pedro Irujo, que era candidato e queria interferir, mas eu não deixava. Participei também da montagem da equipe da TVE. Estava na faculdade nessa época e vem uma lei eleitoral que proíbe o poder público de contratar num determinado prazo antes das eleições. Então Othon Jambeiro [professor] me indicou. “Só quem conheço na faculdade que entende de televisão é Vera Martins”, disse ele. O governador era João Durval. Abri o jogo com o diretor do Irdeb, Carlos Alberto Simões. Disse que tinha o problema com ACM. E ele: “Não, nada!”

FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ *Presidindo a eleição no Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia. Na foto aparecem, entre outros, Waldomiro Júnior, Raimundo Lima e Agostinho Muniz.*

► *Um dos debates que organizou na Facom com candidatos da chapa majoritária Paulo Souto e César Borges.*



Bom, acabei conseguindo carta branca para montar o departamento de jornalismo. Fiquei três meses. Levei Demóstenes [Teixeira], chefe de edição, Eduardo Almeida, um monte de gente da escola. Por exemplo, Livia Calmon, uma negra e tal. Não havia negros na TV. Minha ideia era abrir mesmo, botar negros, mulheres. A gente estava pensando em conteúdo. Mas, enfim, não deu tempo. Depois, voltei à TVE, em 1986. Foi minha grande decepção também, porque tenho uma visão de TVE: ela não é do Estado, é uma TV da comunidade. Tinha trabalhado na campanha de Waldir Pires para governador e, na gestão dele, seria a TVE no governo da mudança, mas quando fui dirigi-la, foi muito difícil também, golpes, subgolpes, um problemão. A primeira coisa que fiz, quando cheguei à TVE, foi botar tudo ao vivo. Havia

os debates, cada dia ia um secretário que ainda não tinha tomado posse para abrir a linha e o povo perguntar. Foi um sucesso. Telefone aberto, os telefones não paravam. Todo mundo queria saber do governo. Estética não existia nenhuma. Então começou a haver problema. Muita gente querendo usar a TVE para fazer negócios. Usar o estúdio e não pagar. E eu também era um entrave. No próprio jornal existia interferência. Uma vez botei entrevista de [Leonel] Brizola. E veio queixa, porque Waldir podia ser candidato a presidente [da República]. Então tinha dado espaço para [o concorrente] Brizola. Não pensei nisso na hora, era uma entrevista boa. O Brizola esculhambando a Globo.

Depois você volta para o Jornal da Bahia? Não, Jornal da Bahia foi antes, em 84. Wal-

dir foi eleito em 86. Chamaram-me quando houve aquela mudança, o [Francisco] Bastos e o [Carlos] Barral compraram o Jornal da Bahia. Fui ser redatora-chefe. E lá foi muito difícil. O machismo, lá, vi bem claro. Mulher, jovem, 29 anos, vindo de televisão, não estava nem em jornal. Não era de grupos também. Não era de andar em bares, de sair com as pessoas, porque isso ajuda, né?

Você disse que a relação com os homens não era tão boa, não é isso? E com as mulheres, como era essa relação? Você se sentia boicotada?

Olha, se houve boicote, não notei, porque, quando saí, lembro que Carmela [Talentto], que era editora de política veio falar comigo. De homens via os olhares enviesados com as ordens que eu dava.

E o “despacho” que você encontrou na sua mesa.

Não sei quem botou, sei que foi um sábado de manhã. Cheguei, estava na minha mesa, aquele despacho amarelo, com dendê, vela, um negócio grande mesmo. Outra coisa, Anísio Félix, que era presidente do sindicato, meu amigo, enquanto estava no Jornal da Bahia, adotou uma postura crítica o tempo inteiro. Houve um dia em que ele parou de trabalhar porque disse que havia uma luz, uma lâmpada que estava prejudicando os olhos dele. Queria que trocasse a lâmpada à noite. Então, enfrentei muitos probleminhas desse tipo. Vi essa má vontade no caso dele. E, pior do que isso, coisa de mulher, me incomodou profundamente: “Não sei como o seu marido a aguenta!”. Ou: “Você é louca!”. Isso ouvia direto dos homens de lá. Então vi quanto são machistas mesmo.

E como você reagia a isso?

Eu contestava, brigava. No Jornal da Bahia, inclusive, estava muito agressiva por conta dessas histórias. E a outra coisa é que o trabalho era muito cansativo. Saía de madrugada. Tinha de tentar fechar [a edição] cedo para o jornal ir para o interior. Então dava 1 hora da manhã e estava o povo na redação. E já não era nem boicote. Quantas vezes mandei buscar gente no [bar] Abaixadinho! Então era vista como louca mesmo, não nesse sentido, mas de ser, sei lá, autoritária. Não faziam como o finado Hamilton Celestino, que trazia o conhaquezinho dele e ficava na gaveta. Fazia as matérias só abrindo a gaveta do conhaque. Queria ir embora, porque, no outro dia, voltava cedo. O pessoal chegava

tarde. Isso era um impedimento para a qualidade. Lembro que houve boicote uma vez. Vander Prata estava secretariando o jornal e as chamadas de primeira página sumiram. Foi preciso fazer tudo de novo. Quando o Papa João Paulo II sofreu o atentado, era sábado, o jornal fechava às 18 horas. Cheguei, entrei em casa e soube do atentado. O jornal está fechando. Voltei, não havia mais ninguém na redação. Fiz o texto, o cara da oficina não queria [mudar a página]. No final da história, saiu na primeira página. Nessa hora, se fosse um homem, talvez não fosse tão difícil. Os outros jornais não deram. Eu enfrentava muita resistência. Outra vez, [na rejeição do projeto] nas Diretas Já, queria botar a página em preto. “Você é louca? Uma página preta, sem nada!”, disseram. A reação foi tão grande...Então saiu pelo menos uma tarjazinha. O Jornal da Tarde de São Paulo, o mais avançado do país, deu a página preta. Exclamei: “Tá vendo que não era maluquice!”. Então, havia essas resistências, a coisa do machismo.

Quanto tempo no Jornal da Bahia?

Em 84 não foi muito, acho que oito meses. Um dia tive uma crise de ansiedade, meu olho ficou piscando, depois de uma reunião com a diretoria. Carmela me apoiou, veio falar comigo: “Isso é estresse”. Pegou água para mim. Então, lembro-me do apoio de mulheres.

E a vida acadêmica, como é que surgiu?

Comecei a ficar sem espaço. Chamaram-me para substituir uma professora [da Facom] que era de Recife. As turmas estavam sem professor. Fui porque não havia outra pessoa com a prática de televisão. Porém aconteceu outra coisa também delicada para mim. A escola, como você sabe, sempre teve muita teoria, pouca prática, poucos jornalistas ensinando, televisão menos ainda. E na hora de eu sair, os alunos não quiseram a professora de volta. Mas não soube disso, não. Então, Aloísio Rocha, chefe do colegiado, me ligou dizendo que a turma estava sem professor. Isso é tão delicado e desagradável. Os alunos foram falar comigo, fizeram um abaixo-assinado. Fiquei nessa situação e fui como professora colaboradora, aquela coisa precária, ganhava pouquinho, dava poucas horas [de aula]. Quando fiquei sem emprego e ACM na minha cola o tempo todo, pensei que teria a faculdade. Ainda assim, para eu conseguir a dedicação exclusiva, com um salário melhor, que ia garantir minha sobrevivência, foi meio difícil. Não aprovavam na Reitoria. Ficava lá com 20 horas. Passou um tempo até que consegui as 40. Então resolvi fazer mestrado. Fiz depois especialização em psicanálise, um curso de dois anos.

Qual o seu legado? Faria tudo de novo?

Sim, faria tudo de novo. Talvez fosse mais flexível, mas não com os meus princípios. Continuo achando que o jornalismo sobrevive se for encarado com

A gente que estuda comunicação e jornalismo sabe que uma informação nunca sai isenta, objetiva, como antigamente se pensava. Sempre existe algo de subjetivo nela, até quando você enquadra. Ao escolher o enquadramento, você já está dando uma opinião, já está subjetivando.

essa responsabilidade social de falar a verdade, descomprometido de interesses políticos e comerciais. Espero que as pessoas sintam necessidade de se informar. Não só entretenimento. As pessoas precisam, a sociedade precisa. Quando saí da faculdade e me aposentei, tinha muito seguidores no Twitter. Por exemplo, sou seguida por Barack Obama, que nem me conhece, mas me segue. Era início, eu era a mais seguida na Bahia, a que tinha mais atividade, depois mudou quando foi vendido [a Elon Musk e virou X] e houve boicote também, com o Donald Trump. Agora, o pessoal está meio que retomando. É uma rede em que faço jornalismo, porque é tempo real. Espero que o jornalismo sobreviva, porque acho muito triste ver redações fechadas, jornais fechando. Jornalismo *on-line*, só de entretenimento, tudo legal, muito bom, muito divertido, mas só isso? Essas *influencers*, esse pessoal não tem nenhum compromisso com a seriedade, com a informação, com a questão política e social. Formar opinião é uma coisa muito séria. A gente que estuda comunicação e jornalismo sabe que uma informação nunca sai isenta, objetiva, como antigamente se pensava. Sempre existe algo de subjetivo nela, até quando você enquadra. Ao escolher o enquadramento, você já está dando uma opinião, já está subjetivando. Então, é preciso ser sério e honesto, sabendo estar imbuído dessa responsabilidade do que é o jornalismo.

E o jornalismo vai sobreviver à inteligência artificial?

Até onde conheço de inteligência artificial, acho que sim. Quem vai pautar? Quem vai reunir os dados? Quem vai saber o que é verdade ou não? A inteligência artificial é uma mão na roda. Acho ótimo. Eu uso, inclusive. Serve para você compilar dados, fazer resumos, confirmar coisas. Ajuda muito numa pesquisa. Porém, ainda precisa do humano, sim. O jornalista vai ter criatividade, a inteligência artificial não tem. Agora, nós, jornalistas, temos de aprender, e não é fácil, a gente tem de dominar isso, não podemos ficar para trás. Não podemos deixar para outros, entendeu? ■

FOTO: FABRÍCIO FARIAS



Camila Augusto
É Jornalista, Assessora de Imprensa, professora de Pós-Graduação na Fundação Getúlio Vargas e mentora de jornalistas e comunicadores. Tem mais de 3.500 alunos pelo mundo. É coautora do livro Crie seu Sim (Ed. Provérbios) e mãe do Vincenzo.

Artigos

Jornalista, empresária, mulher... e sem prazo de validade

A maturidade é o superpoder que nos dá o que o mercado jamais poderá dar: liberdade, respeito e espaço. A experiência não é excesso, mas sim potência. E, para quem ousa, é negócio também.

Jovem demais. Madura demais. Ótima profissional, pena que está grávida. Precisa emagrecer, precisa cortar o cabelo... Já ouvi tudo isso e muito mais. Mas hoje, aos 44, digo sem medo de errar: sou exatamente o que preciso ser. Pensar assim ecoa de forma particular no universo do Jornalismo. Porque, mulheres, sejamos sinceras: a nossa caminhada profissional já vem com uns obstáculos extras de fábrica, e quando a idade ou o gênero entram em cena como um "defeito", a situação fica ainda mais desafiadora.

Se por um lado o tempo nos traz experiência e “casca”, por outro é cruel, porque vem acompanhado das rugas, olheiras, gordurinhas e tantas coisas mais. E quando falamos da jornada de uma jornalista, que trabalha com sua imagem, a briga é mais contra o relógio do que contra a balança ou qualquer outro objeto.

Enquanto fui repórter de TV ou fiz Assessoria de Imprensa, o etarismo e o sexismo sempre deram um jeito de aparecer. Embora eu não goste de expor minhas fragilidades e cicatrizes ao relatar histórias pesadas, não contá-las não significa que elas não existiram. No meu caso, só serviram como motivação para correr ainda mais atrás do que eu queria.

Sou jornalista por amor ao esporte, especialmente ao futebol. Joguei, acompanhei sem moderação esse universo desde a adolescência. Comecei a trabalhar jovem, aos 18 anos, cobrindo um time da quarta divisão do interior de São Paulo. E já senti o peso dos julgamentos: "nova demais" para escrever sobre o assunto, "crua demais" para opinar, e a clássica “mulher no futebol só pode ser maria-chuteira”. Para fugir dos rótulos errados, era preciso trabalhar o triplo. E ter paciência para ter reconhecimento nesse universo predominantemente masculino.

Quando parecia que eu teria paz com os julga-

mentos errados, mudei de emissora e fui parar na editoria de... Polícia — outro território dominado por homens, com a mesma ladainha de ter de provar o tempo todo que eu era capaz.

Lembro-me de uma cena chocante no local de um crime, quando dois policiais me disseram, rindo e levantando o material prateado que cobria a vítima: "Vou lhe mostrar o corpo para ver se você aguenta". Essa exposição a histórias pesadas me deixou mais forte e me rendeu o respeito de colegas da polícia e jornalistas veteranos, como o saudoso Marcelo Rezende, com quem interagi ao vivo por diversas vezes no Cidade Alerta.

Não foram só os homens que deixaram heranças doloridas na jornada. Certa vez, a editora-chefe me mandou ir ao cabeleireiro e fez questão de orientar o profissional sobre o corte que queria em mim. Entrei com o cabelo quase na cintura, saí com ele no ombro. E sem conseguir conter as lágrimas — nem tanto pelo cabelo, mas pela sensação de impotência, por não ter direito de escolha de algo tão particular.

Com jornada pesada, com carga horária elevada, pressão gigantesca pelas entregas, baixa remuneração, pouco reconhecimento, entre outros

problemas, cheguei ao limite; decidi pedir demissão e me dedicar somente à Assessoria de Imprensa, algo que sempre fiz — como complemento de salário — desde a faculdade.

Passei a empreender em tempo integral na mesma época em que decidi também ser mãe, algo que parecia impossível na correria da reportagem. Hoje penso que essa mudança não foi à toa. Como ia dar conta de tudo? Seria uma mãe menos presente do que consigo ser hoje, nessa que é a missão mais importante da minha vida.

Olhando para trás, percebo que saí na hora certa, já que o cenário só piora. Certamente você leu na

Comecei a trabalhar jovem, aos 18 anos, cobrindo um time da quarta divisão do interior de São Paulo. E já senti o peso dos julgamentos: "nova demais" para escrever sobre o assunto, "crua demais" para opinar, e a clássica “mulher no futebol só pode ser maria-chuteira”.

mídia histórias de repórteres nacionalmente conhecidas que foram remanejadas por conta da aparência envelhecida. Que receberam “sugestões” da chefia para que emagrecessem ou usassem roupas que não marcassem a barriga, a gordurinha do braço, da cintura...

Aliás, eu já tive negada uma vaga de apresentadora (papel que eu ocupava na ausência da “titular”) porque estava “gordinha”, com 53kg. Portanto, sei que dói. A dor não era pelo peso, mas pela falta de empatia, pela desculpa esfarrapada. Porque para quem está no poder, nada parece estar bom. Se essa energia fosse usada para valorizar o profissional, o clima nas redações seria outro.

Mas você acha que ao empreender não temos de engolir sapos? De forma alguma... Quando engravidei, uma frase dita por um executivo de uma empresa cliente me marcou: “A Camila é ótima... pena que está grávida”. Como se minha competência tivesse prazo de validade. Como se minha gestação

O etarismo e o sexismo na comunicação são cruéis. Eles tiram oportunidades de quem mais tem repertório, visão e bagagem. Calam mulheres que poderiam liderar e inovar. O resultado? O Jornalismo perde força e credibilidade.

anulasse minha inteligência.

O etarismo e o sexismo na comunicação são cruéis. Eles tiram oportunidades de quem mais tem repertório, visão e bagagem. Calam mulheres que poderiam liderar e inovar. O resultado? O Jornalismo perde força e credibilidade.

Hoje ajudo jornalistas a empreender com o que sabem fazer de melhor, sem depender de juventude ou de aprovação de terceiros. A criar seus próprios caminhos. A ganhar mais e trabalhar menos. A trocar horas de trabalho pelo texto de qualidade que só o Jornalista é capaz de fazer. A não abrir mão de qualidade de vida, reconhecimento e remuneração justa. Porque se o mercado não tem porta para abrir, a gente aprende a construir a nossa.

Já fui jovem demais. Já fui madura demais. Já fui feminina demais, forte demais, ambiciosa demais. Hoje sou exatamente o que preciso ser. Nem mais, nem menos. Sem rótulos. E sem prazo de validade. ■

FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



Diego Oliveira
Professor e coordenador acadêmico na ESPM. Palestrante e estrategista de dados. Com mais de 20 anos de experiência entre o mercado e a academia, lidera projetos que conectam inovação, diversidade e impacto social. Colunista, criador do movimento #DiegoQueDisse e estrategista na Youpper Insights.

Etarismo no mercado de trabalho da comunicação

O etarismo, uma forma de discriminação baseada na idade, tem se tornado um tema cada vez mais relevante no debate sobre diversidade e inclusão no mercado de trabalho. No setor da comunicação, que envolve áreas como publicidade, jornalismo, relações públicas e marketing, essa questão se torna ainda mais crítica, uma vez que a criatividade e a inovação são frequentemente exaltadas como pilares fundamentais para o sucesso. Contudo, a percepção de que a juventude é sinônimo de modernidade e inovação pode levar a uma marginalização de profissionais mais experientes.

A comunicação é uma área que, por natureza, evolui rapidamente. Novas tecnologias e tendências emergem a cada dia, e muitas empresas tendem a valorizar a agilidade e a capacidade de adaptação que, muitas vezes, associam à juventude. Entretanto, essa visão simplista ignora uma série de fatores importantes. Profissionais mais velhos trazem consigo uma bagagem de experiências que podem enriquecer o ambiente de trabalho e oferecer perspectivas valiosas, especialmente em um mundo onde a diversidade de opiniões é crucial para a criação de campanhas mais eficazes e inclusivas.

Um dos principais desafios enfrentados por profissionais mais velhos no setor da comunicação é a dificuldade de se manter relevante em um cenário que privilegia a inovação constante. Muitas vezes, eles se deparam

com estereótipos que associam a idade à resistência à mudança ou à falta de familiaridade com novas tecnologias. No entanto, essa generalização é injusta e não reflete a realidade de muitos profissionais que continuam a se atualizar e a se adaptar às novas demandas do mercado. Cursos de capacitação, *workshops* e a busca por novas experiências

são práticas comuns entre esses indivíduos, que se esforçam para se manter competitivos.

Além disso, a cultura corporativa em muitas empresas ainda é permeada por preconceitos etários. A percepção de que um profissional mais velho pode não se encaixar na dinâmica de uma equipe jovem e vibrante pode levar à exclusão desses trabalhadores de oportunidades importantes. Isso não apenas limita a diversidade dentro das equipes de comunicação, mas também resulta em uma perda

significativa de talentos que poderiam contribuir para a inovação e a criatividade.

A inclusão de diferentes gerações no ambiente de trabalho e nas reuniões de negócios é fundamental para garantir melhores resultados e trocas reais. A diversidade etária proporciona uma riqueza de experiências e visões que podem levar a soluções mais criativas e eficazes. A troca entre gerações não é apenas uma oportunidade de aprendizado mútuo, mas também um meio de as empresas e os profissionais se manterem vivos e presentes em um mercado em constante transformação. Quando jovens e mais experientes colaboram, surgem ideias inovadoras que podem impulsionar os negócios e criar um ambiente de trabalho mais dinâmico e produtivo.

Outro aspecto a ser considerado é a questão da representação. Nos meios de comunicação, a imagem da juventude é frequentemente exaltada, enquanto a experiência e a sabedoria

que vêm com a idade são relegadas a um segundo plano. Campanhas publicitárias, por exemplo, muitas vezes retratam um ideal de beleza e sucesso associado à juventude, reforçando a ideia de que apenas os mais jovens são capazes de se conectar com o público. Essa narrativa não apenas marginaliza profissionais mais velhos, mas também perpetua

Um dos principais desafios enfrentados por profissionais mais velhos no setor da comunicação é a dificuldade de se manter relevante em um cenário que privilegia a inovação constante. Muitas vezes, eles se deparam com estereótipos que associam a idade à resistência à mudança ou à falta de familiaridade com novas tecnologias.



ELEIÇÕES SINJORBA

Dias 15 e 16 de Julho de 2025

Sem luta coletiva não há dignidade no Jornalismo

SINJORBA FORTE, JORNALISMO FORTE.

DIRETORIA EXECUTIVA



FERNANDA GAMA
Presidente



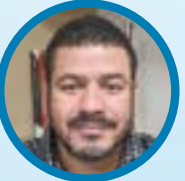
GABRIELA DE PAULA
Vice-presidente



MURILO BERETA
Secretário-Geral



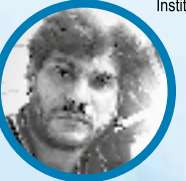
NEY SÁ
Secretário de Relações Institucionais e Jurídicas



MOACY NEVES
Secretário de Administração e Finanças



VICTOR HEGOQUET
2º Secretário de Administração e Finanças



ARISSON MARINHO
Secretário do Interior

DIRETORIAS SETORIAIS

Diretoria de Formação Sindical e Defesa da Profissão: CARLA BAHIA
Diretoria de Comunicação, Cultura, Esporte e Lazer: DIEGO MASCARENHAS
Diretoria de Saúde, Previdência e Assistência Social: CID JOSÉ ANDRADE VAZ
Diretoria de Relações de Gênero e Promoção da Igualdade Racial: RAFAEL LOPES

DIRETORIAS REGIONAIS

Diretor Regional Sul: TIAGO PASCOAL
Vice-Diretor Regional Sul: JULIANA MOURA
Diretor Regional Extremo Sul: EZEQUIAS ALVES DA COSTA
Vice-Diretor Regional Extremo Sul: RICARDO FERREIRA
Diretor Regional Norte: TAMARAJANE LEAL
Vice-Diretor Regional Norte: ACASSIO TELES
Diretor Regional Nordeste: AMINI DOREA
Vice-Diretor Regional Nordeste: JOÃO MASCARENHAS SANTANA
Diretor Regional Oeste: TIAGO PORTELA
Vice-Diretor Regional Oeste: MIRIAM HERMES
Diretor Regional Sudoeste: ALINE FERRAZ
Vice-Diretor Regional Sudoeste: MARCELA SOUZA
Diretor Regional Sudeste: ARI MACHADO DE MOURA
Vice-Diretor Regional Sudeste: JOSÉ NILTON BISPO MEIRA
Diretor Regional Recôncavo: ORLANDO OLIVEIRA SILVA
Vice-Diretor Regional Recôncavo: ROMÁRIO COSTA GOMES
Delegado junto à Fenaj: CARMEN VASCONCELOS

CONSELHO FISCAL

1º Titular: PEDRO MORAES
2º Titular: PAULO ALMEIDA FILHO
3º Titular: JOSÉ CARLOS LELIS
1º Suplente: MARJORIE MOURA
2º Suplente: LÍLIAM CUNHA
3º Suplente: HÉLIO BRANDÃO DA SILVA

COMISSÃO DE ÉTICA

CECILIA VÁSQUEZ SOTO
DANIEL THAME
JACIARA SANTOS
LEVI VASCONCELOS
ISABEL SANTOS
MÔNICA BICHARA
NESTOR MENDES JUNIOR

um ciclo de exclusão que afeta a forma como diferentes faixas etárias se veem e se sentem no ambiente de trabalho.

Para combater o etarismo no mercado de trabalho da comunicação, é fundamental promover uma mudança cultural nas organizações. Isso inclui a implementação de políticas de diversidade e inclusão que valorizem a experiência e a contribuição de profissionais de todas as idades. Empresas que adotam uma abordagem holística em relação à diversidade tendem a se beneficiar de um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo, onde diferentes perspectivas são valorizadas. Além disso, campanhas de conscientização que abordem o etarismo e seus impactos podem ajudar a desconstruir estereótipos e promover uma cultura mais inclusiva.

É vital que os líderes do setor da comunicação reconheçam o valor que os profissionais mais velhos podem trazer para suas equipes. A experiência acumulada ao longo dos anos pode ser um diferencial competitivo, especial-

É vital que os líderes do setor da comunicação reconheçam o valor que os profissionais mais velhos podem trazer para suas equipes. A experiência acumulada ao longo dos anos pode ser um diferencial competitivo.

mente em um mercado saturado. A troca de conhecimentos entre gerações pode resultar em inovações que não seriam possíveis em um ambiente homogêneo. Programas de mentoria, em que profissionais mais experientes orientam os mais jovens, são uma maneira eficaz de fomentar essa troca e garantir que o conhecimento não se perca.

Por fim, o etarismo no mercado de trabalho da comunicação é uma questão que merece atenção e ação. A valorização da diversidade etária não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia inteligente para impulsionar a inovação e a criatividade. Ao reconhecermos e celebrarmos as contribuições de profissionais de todas as idades, podemos criar um ambiente de trabalho mais inclusivo e dinâmico, capaz de enfrentar os desafios do futuro com uma gama diversificada de ideias e experiências. A comunicação é, por natureza, sobre conexão e entendimento, e isso deve incluir todos, independentemente da idade. ■

FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



Suely Temporal

Jornalista, vice-presidente da ABI e sócia-diretora da AITcom Comunicação Corporativa.

Etarismo na comunicação: um preconceito que precisamos romper

O mercado de trabalho na área da comunicação, historicamente marcado por um culto à juventude, começa — ainda que timidamente — a encarar o desafio de lidar com o etarismo. O termo, que define o preconceito baseado na idade, afeta profissionais mais velhos, que enfrentam barreiras cada vez mais sutis, porém persistentes, na busca por oportunidades, reconhecimento e valorização.

A comunicação, enquanto campo que valoriza inovação, tendências e fluidez nas relações, costuma associar erroneamente esses atributos à juventude. A consequência é uma cultura organizacional que, muitas vezes, negligencia ou subaproveita o potencial de profissionais com décadas de experiência. O estigma de que pessoas acima dos 50 anos são menos adaptáveis às novas tecnologias ou menos criativas é não apenas injusto, mas também contraproducente.

No Brasil, essa realidade é particularmente preocupante. Segundo dados do IBGE, a taxa de desocupação entre trabalhadores acima dos 50 anos cresceu nos últimos anos, mesmo com o envelhecimento da população ativa. No setor de comunicação, esse cenário é agravado pela alta rotatividade, pela terceirização e pelo surgimento de novas funções digitais que, muitas vezes, não consideram o reaproveitamento ou a requalificação de profissionais mais experientes.

A cultura do “jovem digital nativo” também contribui para o apagamento da trajetória de quem trilhou o caminho antes da popularização das redes sociais e do *marketing* de influência. Existe uma romantização do novo, frequentemente descolada de fundamentos técnicos e estratégicos que só a vivência é capaz de oferecer. O domínio de ferramentas como o TikTok ou o ChatGPT pode impressionar, mas não substitui a bagagem crítica de quem já enfrentou crises de imagem, coordenou projetos complexos ou construiu relacionamentos institucionais duradouros.

Não se trata de uma guerra entre velhos e novos profissionais, mas de uma situação que não permite que haja uma troca intergeracional que pode melhorar e enriquecer o resultado e a performance de qualquer equipe. É preciso lembrar que a comunicação não se sustenta apenas em tendências, mas em princípios sólidos de ética, empatia e análise de contexto. Ignorar a contribuição dos mais velhos é abrir mão

de uma perspectiva valiosa — justamente num momento em que o mundo clama por diversidade, pluralidade de vozes e decisões mais maduras.

O etarismo se manifesta também de forma disfarçada. Quando vagas são anunciadas com termos como “ambiente jovem”, “perfil dinâmico” ou “formado há até cinco anos”, há uma sinalização clara de exclusão. Nas agências e departamentos de comunicação, é comum ver uma predominância de profissionais entre 20 e 35 anos. Isso não seria um problema se fosse resultado de escolha ou vocação, mas na maioria das vezes é um reflexo de um filtro etário não declarado.

A superação desse cenário passa por mudanças culturais e estruturais. É urgente promover políticas de diversidade etária dentro das empresas, programas de mentoria reversa, estímulo à formação continuada e revisão dos critérios de contratação. É preciso abrir espaço para que os

profissionais mais velhos possam compartilhar suas experiências sem o estigma de estarem “atualizados” — como se o aprendizado contínuo não fosse parte da jornada de qualquer idade.

O futuro da comunicação depende da capacidade do setor de integrar diferentes gerações. A riqueza está justamente no encontro entre o frescor de ideias dos mais jovens e a solidez do conhecimento dos mais experientes. Romper com o etarismo é não apenas um gesto de justiça social, mas uma estratégia inteligente para fortalecer a comunicação como campo estratégico, sensível e cada vez mais humano. ■

Existe uma romantização do novo, frequentemente descolada de fundamentos técnicos e estratégicos que só a vivência é capaz de oferecer. O domínio de ferramentas como o TikTok ou o ChatGPT pode impressionar, mas não substitui a bagagem crítica de quem já enfrentou crises de imagem, coordenou projetos complexos ou construiu relacionamentos institucionais duradouros.

www.abi-bahia.org.br

Jornalismo responsável.
Informações bem apuradas.
Sempre com as últimas tendências
da área da comunicação e conteúdo
de valor para a sociedade.



Encontre a ABI na rede!



@abi_bahia



@abi.bahia



ascom@abi-bahia.org.br



71 98791-7988

A Bahia tirou
1 milhão de pessoas
do mapa da fome.

GOVERNO DO ESTADO PRESENTE

TRABALHA PRA GENTE

O Governo do Estado segue trabalhando por toda a Bahia: são mais de 700 ambulâncias entregues, reforçando a cobertura da saúde. Na educação, o Bolsa-Presença já reduziu em 50% o abandono escolar, enquanto mais de 600 novos ônibus garantem o transporte seguro dos estudantes. E 1 milhão de pessoas foram beneficiadas com o **Bahia Sem Fome**, maior programa social da nossa história. Na Bahia é assim: **Governo presente trabalha pra gente.**

Mais de 170 novas
Escolas de Tempo
Integral entregues.

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**

UM CHAMADO Saturnino

Antônio Saturnino é um daqueles talentos que passam pelas profissões deixando uma marca indelével. Fotojornalista na mais fiel acepção do termo, “Satu” está para sempre inscrito no rol dos grandes profissionais que imprimiram, ao mesmo tempo, delicadeza e força nos caminhos da notícia.

Pessoa discreta e de fino trato, o profissional atuou por várias décadas nas redações de jornais soteropolitanos, engrossando a fileira desta categoria de cronistas visuais. Na lida diária de produção das pautas, eles deixam para a memória coletiva registros de épocas que seguem se superpondo e, graças à mágica da fotografia, podem sobreviver ao ritmo frenético da indústria da informação — esta erupção vulcânica de lava implacável que, sem dispositivos de preservação a exemplo dos acervos da imprensa, tudo faria esmaecer sob o peso dos anos, camada sobre camada.

Nessa perspectiva, é graças ao talento de Saturnino que acontecimentos do peso da celebração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil — quando o que deveria ter sido uma bela festa histórica e cívica

se transformou em um espetáculo de opressão e desrespeito aos povos originários do sul da Bahia — estão para sempre registrados em imagens contundentes. As cenas de índios enfrentando a desproporcional repressão policial, libelos de coragem dos personagens e do fotógrafo, agora são verdadeiras obras de arte nos alertando sobre o poder da denúncia na cruzada infindável do jornalismo contra a crueldade humana.

Antônio Saturnino nos deixa um legado visual que é prova viva do próprio conceito de versatilidade. Há dor, decerto, nesses cliques produzidos em uma competente jornada. Mas também há festa, história, grandeza, cenas urbanas corriqueiras, grandes dramas sociais, empatia, solidão, brilho, sombras, cores: fina percepção da vida. A captura dos momentos por um olhar treinado para guardar o que era preciso.

Neste abril de 2025, aos 65 anos, “Satu” partiu para percorrer outras paragens. Outros planos. Aqui fica a lembrança deste sujeito boa-praça, cordato, de fala calma e pausada, avesso a atritos. E o legado de imagens com aroma de realidade. E poesia.

Luiz Lasserre

FOTOS: ANTÔNIO SATURNINO/AG. A TARDE



O conflito entre a Tropa de Choque da PM e indígenas na Festa do Descobrimento, em Porto Seguro no ano 2000, resultou em sequência icônica de imagens dramáticas.

FOTOS: ANTONIO SATURNINO/AG. A TARDE



Registros da cidade do Salvador: Igreja da Barroquinha destruída por incêndio e o Elevador Lacerda visto da Praça Castro Alves.



FOTOS: ANTONIO SATURNINO/AG. A TARDE



A beleza das praias baianas e a animação das festas de Salvador pela lente de Satu.

FOTOS: ANTÔNIO SATURNINO/AG. A TARDE



Cenas do sincretismo baiano sob os olhares de uma das mais importantes ialorixás da Bahia, Mãe Stella de Oxóssi.



FOTOS: ANTÔNIO SATURNINO/AG. A TARDE



Editoria de Cidade: enterro coletivo e operações policiais.



FOTOS: ANTONIO SATURNINO/AG. A TARDE

Versatilidade em pauta: ilustrando da matéria sobre pecuária ao protesto de rua.



QUE TAL VOLTAR PRA CASA?

Quem já fez parte da Associação Bahiana de Imprensa, e se afastou, tem boas razões para se recadastrar e voltar a fazer parte da mais tradicional e abrangente entidade da comunicação baiana:

01

Basta preencher o formulário de recadastramento. Isso pode ser feito numa visita à sede, ou através do nosso site.

02

Novo cadastro estruturado para garantir uma comunicação direta e eficiente com associados e associadas, que estarão sempre por dentro de tudo que estiver acontecendo na ABI.

03

Anistia parcial de débitos equivalentes ou superiores a 5 anos de contribuição mensal.

04

O processo de readmissão é rápido e resolvido diretamente pela Secretaria – para profissionais ativos e legalmente habilitados.

05

Dados cadastrais trabalhados dentro de uma política de privacidade claramente definida e rigorosamente dentro do que prescreve a LGPD.

06

Acesso prioritário para eventos culturais, técnico-profissionais e acadêmicos realizados pela ABI.

07

Em eventos realizados, co-realizados ou apoiados pela ABI, gratuidade ou condições especiais.

E o mais importante:

Quem é da ABI faz parte de uma entidade que guarda a memória da imprensa baiana e faz história há 92 anos, sempre na defesa da democracia e do livre exercício do jornalismo profissional.

Quer mais?

Associados e associadas efetivas recebem a versão impressa da revista MEMÓRIA DA IMPRENSA em casa e antes de todo mundo.



Associação
Bahiana de
Imprensa





ANUNCIE aqui



Associação
Bahiana de
Imprensa

Sob a inspiração dos antigos boletins impressos da ABI, e para contar a história da imprensa baiana, o Projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA virou revista. O conteúdo principal são as entrevistas gravadas em 2 câmeras em 4K. Até esta edição a primeira seção de acervos digitais do Museu de Imprensa acumula cerca de 150 horas de boas conversas em 43 entrevistas. E serão mais 15, até setembro.

As gravações integrais destes depoimentos históricos e suas transcrições literais fazem parte dos acervos do Museu de Imprensa da ABI. Estão à disposição de pesquisadores, escritores e roteiristas.

O site oficial da ABI e sua extensão nas redes sociais, mais do que um veículo corporativo, se consolidam como referência de fonte para profissionais da comunicação baianos e também

de outros estados. Nós não somos os campeões de audiência na internet, mas somos lidos e dialogamos com quem é sucesso fazendo notícia nas mídias tradicionais e no digital.

Investir em nosso site, na revista MEMÓRIA DA IMPRENSA e em publicações como o Protocolo Antifeminicídio, é chegar chegando nas redações, agências de propaganda, faculdades de Comunicação e gabinetes dos 3 poderes.

É chegar ao lado de quem, há 94 anos, pra defender a democracia, faz história, valoriza o Centro Histórico de Salvador, preserva a nossa memória, produz e compartilha conhecimento e promove a cultura.

Mantenha esta chama acesa!

Anuncie aqui!

atendimento@abi-bahia.org.br